



REVISTA

DE EXTENSÃO UENF

*Estendendo conhecimento
para o bem-estar social*

v.1 n.1 • dezembro • 2014





REVISTA
DE EXTENSÃO UENF

**Estendendo conhecimento
para o bem-estar social**

v. 1 n. 1 • dezembro • 2014



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
FLUMINENSE DARCY RIBEIRO (UENF)**

Reitor

Dr. Silvério de Paiva Freitas

Vice Reitor

Dr. Edson Corrêa da Silva

Pró-Reitor de Extensão

Dr. Paulo Roberto Nagipe da Silva

Editor Responsável

Dr. Alcimar das Chagas Ribeiro (UENF)

Comitê Editorial

Dr. Alcimar das Chagas Ribeiro (UENF)

Dr. Fábio da Costa Henry (UENF)

Dr. Jonas Alexandre (UENF)

Dra. Maria Clareth Gonçalves Reis (UENF)

Dr. Paulo Roberto Nagipe da Silva (UENF)

Dr. Renato Da Mata (UENF)

Dr. Ronaldo Novelli (UENF)

Dr. Sérgio Arruda de Moura (UENF)

Quadro de Avaliadores

Dr. Alcimar das Chagas Ribeiro (UENF)

Me. Erica Costantini Pacheco (UENF)

Ma. Fúlvia D'Alessandri (UENF)

Me. George André Rodrigues Maia (UENF)

Dra. Gudelia Guilhermina Morales de Arica (UENF)

Dr. Gustavo Smiderle (UENF)

Lic. Lidia Larrubia (UENF)

Dr. Manuel Antonio Molina Palma (UENF)

Dr. Mauro Macedo Campos (UENF)

Dr. Milton Erthal (IFF)

Lic. Teresa Cristina Assed Estefan Gomes (UENF)

**UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro, PROEX - Pró-Reitoria de Extensão**

Revista de Extensão UENF / Pró-Reitoria de Extensão
Universitária da Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro. - v. 1, n. 1 (dez. 2014)
Campos dos Goytacazes, RJ.

Periodicidade Quadrimestral
ISSN 2359-1226 (versão eletrônica)

PROEX (Pró-Reitoria de Extensão)

Avenida Alberto Lamego, n. 2000
Parque Califônia - Campos dos Goytacazes, RJ
CEP: 28013-602
Tel: (22) 2739-7007
E-mail: extensaouenf@outlook.com

SUMÁRIO

Contents

- 07 **EDITORIAL**
EDITORIAL
- ARTIGOS**
ARTICLES
- 11 **Entendendo as Plantas da Família Orchidaceae: Conhecer para Preservar e Produzir com Sustentabilidade**
Understanding Plants of Orchidaceae's Family: Knowing to Preserve and to Produce with Sustainability
Virginia Silva Carvalho
- 25 **Produção da Vassoura Amiga da Natureza: um Projeto de Extensão Universitária, Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável**
Production Broom Friend of Nature: a Project of University Extension, Solidarity Economy and Sustainable Development
Niraldo José Ponciano
Kássia Monteiro Silva
Filipe Siqueira Corrêa
- 41 **GASTÃO MACHADO: Vida, Obra e Acervo**
GASTÃO MACHADO: Life, Works and Collection
Lutiane Marques Silva
Frederico Schwerin Secco
- 51 **Construindo Capital Social a Partir da Disseminação da História Local: Uma Experiência no Âmbito da Escola em São João da Barra-RJ**
Building social capital from the spread of local history: an experience at the school in São João da Barra-RJ
Alcimar das Chagas Ribeiro
Luciana Silva Boden
Francisco de Assis Dias Moreira
Débora Soares Longue
Chrisson Monteiro Roza

- 65 **Se a Sua Velhice for Dependente – Quem Cuidará de Você?**
If your old age is dependent - Who take care of you?
Carlos Eugênio Soares de Lemos
Luiz Cláudio Carvalho de Almeida
Cecília Souza Oliveira
- 79 **Uma Nova Leitura do Espaço Urbano de Campos dos Goytacazes através do Olhar da Criança: Contribuição Para Uma História Cultural Urbana**
A New Reading of the Campos dos Goytacazes Urban Space through the Vision of the Child: Contribution to a Urban Cultural History
Teresa P. Faria
Maria Alice Pohlmann
- RELATOS DE EXPERIÊNCIA**
EXPERIENCE REPORT
- 95 **Introdução à Vida Acadêmica**
Introduction to Academic Life
Eloiza Dias Neves
- 109 **A Trajetória Recente dos Catadores de Recicláveis do lixão da CODIN em Campos dos Goytacazes – a luta pelo reconhecimento do direito ao trabalho**
The recent trajectory of recyclable CODIN open dump Collectors in Campos dos Goytacazes – fighting for recognition of the right to work
Érica T. Vieira de Almeida

EDITORIAL

Editorial

É com imensa satisfação que apresento a Revista de Extensão da UENF, que acaba de nascer com esse primeiro número. De natureza multidisciplinar, pretende ser um instrumento de integração interna, além de facilitadora da integração universidade - empresa - governo. Mesmo correndo o risco de ser repetitivo, preciso reafirmar o papel transformador da função “extensão universitária”, o que justifica o presente esforço. Sobre o árduo processo de construção, quero acentuar o excelente nível de comprometimento dos componentes da Câmara de Extensão e Assuntos Comunitários, que não mediram esforços para a materialização do projeto, que já considero exitoso.

Preciso considerar também a importância do apoio e colaboração dos servidores da PROEX-UENF, assim como a dedicação da equipe técnica que, com muita responsabilidade, foram essenciais na conclusão dessa preciosa etapa.

Por fim, como editor da revista, quero deixar meus sinceros agradecimentos aos autores dos artigos publicados nessa edição. Espero que a jovem Revista de Extensão possa atender as expectativas, além de manter viva a confiança depositada por todos.

Desejo uma excelente leitura!

Alcimar das Chagas Ribeiro
Editor responsável

ARTIGOS

ARTICLES



Entendendo as Plantas da Família Orchidaceae: Conhecer para Preservar e Produzir com Sustentabilidade

Understanding plants of Orchidaceae's Family: Knowing to Preserve and to Produce with Sustainability

Virginia Silva Carvalho*

*D.Sc. em Fitotecnia, Professora Associada do Laboratório de Fitotecnia, do Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

RESUMO

Para preservar e produzir com sustentabilidade é necessário que se conheça as plantas da família Orchidaceae. Dessa forma, desde 2008, cursos vem sendo ministrados para orquidófilos, produtores e demais interessados no cultivo de orquídeas. O objetivo é conscientizá-los da importância da preservação das plantas em seus habitats e da aquisição apenas de plantas provenientes de orquidários comerciais idôneos e evitar o comércio clandestino feito por mateiros. Esses cursos têm ainda o objetivo de capacitar os produtores nas técnicas de cultivo e na produção comercial. Mais de cinquenta cursos já foram administrados neste período para um público estimado em mais de mil pessoas nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. A produção de mudas de orquídeas é feita obrigatoriamente *in vitro*. Assim sendo, outro objetivo foi desenvolver protocolos de redução de custos destas mudas. Um protocolo desenvolvido pelos bolsistas de extensão foi implementado na biofábrica do Viveiro Itamudas em Bom Jesus do Itabapoana. Este protocolo representou uma redução de dez vezes no custo do meio de cultura empregado na propagação semínifera *in vitro*.

Palavras-chave: educação ambiental; desenvolvimento sustentável; floricultura; produção comercial de orquídeas.

ABSTRACT

*To preserve and to produce with sustainability is necessary to know the plants belonging to the family Orchidaceae. Thus, since 2008, courses have been given to orchidophiles, producers and others interested in the cultivation of orchids. The objective is to make them aware of the importance of maintain plants in their habitats and the acquisition of plants from reputable commercial producers, avoiding the clandestine traffic made by persons who collect orchid in the field. These courses have the goal of empowering producers in cultivation techniques and in commercial production. More than fifty courses have already been administered during this period to an audience estimated at more than a thousand people in the States of Rio de Janeiro and Espírito Santo. The commercial production of orchid seedlings and plantlets is made obligatorily *in vitro*. Therefore, another objective was to develop protocols for reducing costs of these plants. A protocol developed by scholars of extension was implemented in the biofactory of Viveiro Itamudas in Bom Jesus do Itabapoana. This protocol represented a reduction of ten times the cost of the culture medium used *in vitro* seed propagation.*

Keywords: environmental education; sustainable development; floriculture; commercial production of orchids.

Introdução

As orquídeas pertencem a uma das maiores famílias de plantas fanerógamas e se distribuem praticamente por todo o globo terrestre embora a grande maioria das espécies se concentrem nas regiões tropicais. No Brasil, já foram descritas 2.350 espécies, distribuídas em 203 gêneros (Menezes, 1987). Devido à destruição dos habitats e ao extrativismo predatório, muitas espécies devem ter desaparecido antes mesmo de serem descobertas.

As plantas da família Orchidaceae são conhecidas há milhares de anos e são utilizadas na medicina, na alimentação, na indústria de cosméticos e como planta ornamental. Nas Américas, os maias e os astecas já utilizavam a *Vanilla planifolia* que produz a baunilha, essência mundialmente utilizada na indústria alimentícia e de cosméticos (Arditti, 1992). O uso mais comum das orquídeas é como planta ornamental. O comércio de orquídeas tropicais iniciou-se no século XVIII na Europa e foi realizado até o século passado de maneira extrativista e sem nenhuma preocupação com a preservação dos habitats (Gloeden, 1998). Um número incalculável de plantas foi retirado das florestas tropicais americanas e asiáticas e as plantas foram levadas para a Europa onde a grande maioria acabava morrendo por desconhecimento das técnicas de culti-

vo. Somente a partir do século XX devido à redução das plantas nos seus habitats e ao aprimoramento dos métodos de propagação é que houve grande impulso no cultivo comercial de orquídeas. Até então, pouco ou quase nada se sabia sobre os processos de reprodução dessas plantas (Arditti, 1992).

Embora as orquídeas e bromélias tenham contribuído para tornar o Brasil conhecido internacionalmente por suas plantas exóticas, elas foram obtidas, quase sempre, do extrativismo predatório das matas tropicais (Kämpf, 1997). Atualmente, há inúmeras variedades extintas na natureza, restando alguns exemplares nas mãos de poucos ou de apenas um colecionador (Gloeden, 1998). Ainda hoje, no Brasil, há a comercialização ilegal dessas plantas. A evolução do cultivo de orquídeas de uma elite de colecionadores que, até o século passado, montava suas coleções utilizando apenas plantas retiradas da natureza, para uma produção comercial sustentável começou a ser realidade há apenas alguns anos. Isso foi possível devido à escassez das plantas na natureza, ao aumento no número de orquidários comerciais, a maior conscientização ecológica da população e ao aprimoramento das técnicas de multiplicação.

A floricultura brasileira nos últimos anos vem passando por uma revisão de conceitos e maior profissionalização, buscando produtividade e qualidade para atender ao

mercado interno e externo. Neste contexto, as orquídeas estão entre as principais flores de pote cultivadas e comercializadas no Brasil sendo que o sudeste concentra o maior número de produtores e o maior consumo. Embora o estado de São Paulo seja o maior produtor nacional, há uma tendência à descentralização da produção com a consolidação e o fortalecimento de pólos regionais e a maior diversificação do consumo com introdução de espécies e cultivares mais adaptadas às culturas regionais. O fortalecimento do comércio interno e externo de produtos da floricultura brasileira é vital para a garantia de um grande número de empregos tanto no meio rural quanto nas cidades e para a sobrevivência de inúmeras propriedades e empresas agrícolas. Representa, dessa forma, uma alternativa altamente eficiente e eficaz para o desenvolvimento econômico e social sustentável e equânime entre as diversas macrorregiões geográficas do País (Junqueira e Peetz, 2008).

Há uma grande demanda por produtos diferenciados tanto no mercado externo quanto no interno como novas cultivares e híbridos de orquídeas. A qualidade das orquídeas brasileiras e a grande demanda, entretanto, esbarram na baixa disponibilidade de exemplares de determinadas orquídeas e de alguns híbridos (Ribeiro, 2000). É de fundamental importância a otimização dos

métodos de propagação das orquídeas de interesse, de modo a obter grande número de plantas com qualidade em um menor período de tempo e que possam atender não somente ao mercado consumidor ávido por novas plantas, mas também serem utilizadas no repovoamento de seus habitats destruídos pela exploração indiscriminada do homem.

Embora haja diversos laboratórios comerciais de propagação seminífera e vegetativa de orquídeas no Brasil é ainda incipiente a participação das instituições de pesquisa neste setor. Há muito de orquidofilia e pouco de orquidologia.

As orquídeas são, sem dúvida, uma família peculiar dentre as demais dos vegetais superiores. Talvez seja a única família de plantas onde pessoas, independente da formação profissional, religiosa ou política, se reúnem para discutir sobre as melhores formas de cultivá-las, para mostrar aos demais amigos suas últimas aquisições, para expor o resultado de alguns cruzamentos que levaram anos pra florescer pela primeira vez, enfim, para compartilharem um fascínio inexplicável que a chamada rainha das flores exerce sobre os homens. Talvez essa paixão dos orquidófilos se justifique pela beleza das flores, pela forma curiosa de reprodução, pelo fato de 70% das espécies serem epífitas e, portanto, crescerem sobre outras plantas. Independente do motivo, as orquídeas estão



entre as principais flores produzidas no Brasil e no mundo. A floricultura brasileira está em franca expansão. Em 2007 as exportações de mudas de orquídeas cresceram 46,62% quando comparadas ao ano anterior (Junqueira e Peetz, 2007). No Brasil, a profissionalização e o dinamismo comercial da floricultura são recentes embora a atividade já contabilize números bastante significativos. São mais de quatro mil produtores, cultivando uma área de aproximadamente seis mil hectares anualmente, em 304 municípios brasileiros em 12 pólos de produção. Embora ainda fortemente concentrada no Estado de São Paulo, particularmente nas regiões dos municípios de Atibaia e Holambra, a floricultura brasileira evidencia fortes tendências de descentralização produtiva e comercial por várias regiões de todo o País. Atualmente, assiste-se ao notável crescimento e consolidação de importantes pólos florícolas no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal e na maioria dos estados do Norte e do Nordeste. O Rio de Janeiro importa cerca de 90% das flores que consome, sendo o segundo maior consumidor do Brasil, o que se traduz em um grande potencial de crescimento da floricultura no estado.

O Brasil vem acumulando reduções gradativas nas exportações desde 2008, quando atingiu seu auge na exportação

de produtos da floricultura com US\$ 35,6 milhões, caindo para US\$ 26,1 milhões em 2012 (Cardoso, 2013). Por outro lado, em 2012, a importação de produtos da floricultura bateu o recorde de 40 milhões de dólares, sendo US\$ 13,0 milhões com mudas de plantas ornamentais. Desses 13 milhões, 8,8 milhões foram com mudas de orquídeas oriundas principalmente da Ásia. Esses dados refletem a alta demanda por mudas de orquídeas que não está sendo suprida pela produção nacional.

Cada vez mais se faz necessário o desenvolvimento de métodos para a produção em larga escala de orquídeas visando atender tanto o mercado externo quanto interno. A excelência em qualquer atividade humana passa pela busca constante pelo conhecimento e pelo aprimoramento das técnicas já existentes. Os métodos utilizados para o semeio *in vitro* de orquídeas podem e devem ser o mais simplificado possível visando à redução dos custos de produção. Neste contexto, a substituição de componentes do meio de cultura por outros mais simples como, por exemplo, sacarose P.A. por açúcar cristal, sais minerais P.A. por adubos comerciais solúveis, ágar por amido, simplificam o preparo do meio de cultura e reduzem os custos de produção. Métodos alternativos para desinfestação química do meio de cultura podem substituir os métodos físicos usados atualmente como o uso de autocla-

ves elétricas, o que também reduz significativamente os custos. A substituição das salas de cultivo por casas de vegetação ajuda a reduzir os custos de produção.

Neste contexto, o presente trabalho objetivou difundir o atual nível de conhecimento existente sobre o cultivo das plantas da família Orchidaceae bem como desenvolver protocolos mais simplificados para a produção em larga escala de mudas para atender aos produtores da região Norte e Noroeste do estado do Rio de Janeiro. Além disso, não é possível desenvolver alguma atividade agrícola que não seja compatível com a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. Assim sendo, é necessário impulsionar o desenvolvimento da floricultura na região norte e noroeste fluminense, contudo, esquecer da importância de reintroduzir plantas em ambientes de conservação e da reconstituição de habitats degradados pela ação indiscriminada do homem.

Metodologia de Ação

Para preservar é preciso conhecer as plantas da família Orchidaceae. Assim sendo, desde 2008, estão sendo ministrados cursos a orquídifilos, produtores e demais interessados no cultivo de orquídeas com o objetivo de conscientizá-los da importância

da preservação das plantas em seus habitats e da aquisição apenas de plantas provenientes de orquidários comerciais idôneos, evitando o comércio clandestino feito por mateiros. Esses cursos têm ainda o objetivo de capacitar os produtores nas técnicas de cultivo e na produção comercial.

Outra linha de ação é o aprimoramento das técnicas de propagação seminífera e vegetativa *in vitro* no Setor de Horticultura (LFIT/CCTA). Estão sendo desenvolvidos e aperfeiçoados protocolos para a multiplicação seminífera *in vitro* de orquídeas de interesse, preferencialmente de espécies nativas da região Norte-Fluminense, visando ao aperfeiçoamento dos protocolos atualmente empregados na biofábrica do Viveiro Itamudas em Bom Jesus de Itabapoana.

Os trabalhos envolvendo a simplificação do meio de cultura na propagação seminífera *in vitro* possuem três linhas básicas:

- Utilização de diferentes formulações minerais no meio de cultura para a germinação e para o desenvolvimento das mudas.
- Substituição do ágar como agente geleificante do meio de cultura por diferentes concentrações de amido de milho e de mandioca.
- Substituição da esterilização física (autoclave) pela esterilização química, mais simples e mais econômica.

Em 2014 foram iniciados os trabalhos de



criopreservação de sementes de orquídeas para futura implementação de um banco de germoplasma de espécies ameaçadas de extinção.

Resultados

Desde novembro de 2008 vem sendo ministrados cursos para orquidófilos e demais interessados no cultivo de orquídeas.

O público-alvo dos mini-cursos são os orquidófilos e demais interessados no cultivo de orquídeas. Essas pessoas, muitas vezes por falta de informação ou de outras alternativas mais atraentes, coletam orquídeas na natureza ou compram de mateiros. O que é feito durante os cursos é um trabalho de educação e de conscientização sobre a importância de adquirir as plantas de orquidários comerciais idôneos demonstrando a qualidade genética e fitossanitária das plantas melhoradas comparadas às extraídas da natureza. Dessa forma, valoriza-se o produtor e o melhorista, toda a cadeia da floricultura é beneficiada e a natureza é preservada. Além dos cursos, esse trabalho de conscientização é também realizado durante as reuniões mensais da Orquidecampos (Associação Orquidófila de Campos) e bimestrais da AОВI (Associação Orquidófila Vale do Itabapoana), bem como nas visitas a diversas exposições e produtores de or-

quídeas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Em novembro de 2010 foi criada a AОВI – Associação Orquidófila Vale do Itabapoana em Rosal, terceiro distrito de Bom Jesus do Itabapoana-RJ. A AОВI é o primeiro passo para uma futura cooperativa de produtores de orquídeas. O presidente da AОВI é o Sr. Evaldo Gonçalves Junior. Em 2011, 2012, 2013 e 2014 ocorreram, respectivamente, a I, II, III e IV Mostra de Orquídeas da AОВI em Rosal. As mudas produzidas na biofábrica do Viveiro Itamudas estão sendo distribuídas aos produtores associados da região Norte e Noroeste do estado do Rio de Janeiro onde está sendo feito o cultivo até a comercialização.

Em dezembro de 2012 e 2013 ocorreram, respectivamente, a I e II Exposição de Orquídeas da AОВI em Bom Jesus do Itabapoana.

Em setembro de 2013 e 2014 ocorreram a I e II Mostra de Orquídeas de Itaperuna organizada pelo viveiro Itamudas em parceria com a Prefeitura Municipal.

As reuniões da Orquidecampos, Associação Orquidófila de Campos, acontecem na UENF desde 2012.

Desde 2008, estão sendo desenvolvidos e aperfeiçoados protocolos para a multiplicação seminífera *in vitro* de orquídeas de interesse, preferencialmente de espécies nativas da região Norte e Noroeste Fluminense, visando à produção em grande escala na biofábrica do Viveiro Itamudas em Bom Jesus de

Itabapoana. Vários experimentos envolvendo o emprego de diferentes concentrações de sais minerais no meio de cultura, a substituição do agar como agente solidificante do meio de cultura por diferentes tipos e concentrações de amido e a substituição da esterilização física (autoclave) pela esterilização química já foram publicados. Essa etapa ainda não foi concluída e os novos protocolos estão sendo implementados na biofábrica pelos bolsistas de extensão. Na fase inicial de implantação da biofábrica foram utilizados os protocolos já estabelecidos para a propagação seminífera *in vitro*. Os novos protocolos envolvendo a definição do meio de cultura já foram adotados em larga escala pela biofábrica, mas novas pesquisas, envolvendo a substituição do ágar como agente geleificante e a mudança da esterilização física para a esterilização química, ainda se fazem necessárias antes de serem utilizadas pela biofábrica. Estas pesquisas envolvendo a simplificação do meio de cultura estão sendo conduzidas no Setor de Horticultura LFIT/CCTA/UENF. As plantas produzidas na biofábrica, depois de devidamente aclimatizadas, estão sendo distribuídas aos produtores associados da AОВI (Associação Orquidófila Vale do Itabapoana) que farão o cultivo até a comercialização. Desde 2011 essas vem sendo entregues aos produtores.

Em 2011, os trabalhos envolvendo a

simplificação do meio de cultura para a propagação seminífera *in vitro* consistiram na utilização de diferentes meios de cultura. Foram comparadas diferentes composições de meio de cultura na produção de mudas: o meio MS completo com sacarose P.A., tradicionalmente utilizado nos cultivos *in vitro* (Murashige e Skoog, 1962), o adubo solúvel B&G com açúcar cristal, o meio de cultura comercial para orquídeas B&G e o meio de cultura comercial para orquídea importado e utilizado especificamente na germinação e no desenvolvimento de mudas de orquídeas. Em todos esses meios há a adição de carvão ativado que é fundamental na etapa de desenvolvimento dos protocórmios *in vitro*, conforme foi comprovado em experimentos anteriores. Já em 2012 os trabalhos envolvendo a simplificação do meio de cultura para a propagação seminífera *in vitro* consistiram em novos experimentos envolvendo a substituição total ou parcial do ágar por amido de milho ou de mandioca como agente geleificante e, em 2013 o foco foi o estabelecimento de um protocolo para esterilização química do meio de cultura utilizando carvão ativado. Essa etapa ainda se encontra em andamento e deverá ser concluída em 2014.

Ainda em 2011, um novo protocolo desenvolvido e testado pelos integrantes deste projeto foi adotado na biofábrica do Viveiro Itamudas: substituição do meio de cultura



importado por meio de cultura nacional com uma redução de dez vezes no custo do meio de cultura.

Em fevereiro de 2014, foi defendida a primeira dissertação envolvendo o emprego de casas de vegetação em substituição às salas de cultivo com grande redução nos custos de produção e sem prejuízo para o crescimento das plântulas de orquídeas. A dissertação foi defendida no dia 03 de fevereiro de 2014 pela estudante Luciene Souza Ferreira (voluntária deste projeto). O título foi: Cultivo *in vitro* de orquídeas em dois ambientes (sala de crescimento e casa de vegetação): crescimento e capacidade fotossintética.

Os resultados das pesquisas envolvendo a propagação seminífera *in vitro* de orquídeas estão sendo divulgados em congressos e revistas da área.

Em 2014 foi iniciada a etapa de criopreservação de sementes de orquídeas para futura implementação de um banco de germoplasma de espécies ameaçadas de extinção.

Nos seis anos deste projeto foram ministrados mais de 50 cursos de extensão com um público estimado de mais de mil pessoas (Figura 1 e 2). Os bolsistas de extensão participam ativamente de todo o processo como monitores dos minicursos, no desenvolvimento das pesquisas e na transferência das novas tecnologias.

Conclusões

- Difusão tecnológica: cursos sobre o cultivo de orquídeas vêm sendo ministrados regularmente a orquidófilos, produtores e demais interessados em orquídeas.

- Desenvolvimento tecnológico: estão sendo desenvolvidos protocolos para a propagação e conservação *in vitro* de orquídeas.

- A AAOVI já consolidada movimenta-se no sentido de criar uma cooperativa.

- Médio prazo: multiplicação de espécies em risco de extinção para serem reintroduzidas em áreas de preservação. Criação de um banco de germoplasma de espécies de orquídeas brasileiras ameaçadas de extinção.

Agradecimentos

À FAPERJ pelo apoio financeiro; ao Viveiro Itamudas; ao Sr. Evaldo Gonçalves Júnior; à Associação Orquidófila de Campos (Orquidocampos) e à Associação Orquidófila Vale do Itabapoana (AAOVI); a toda equipe envolvida neste projeto.

REFERÊNCIAS

ARDITTI, J. 1992. *Fundamentals of orchids biology*. 1.ed. New York, John Wiley & Sons, Inc. 691p.

CARDOSO J.C. 2013. *Melhoramento de espécies ornamentais como estratégia para o desenvolvimento e autossuficiência do setor*. Horticultura Brasileira 31(1): 171-171.

GLOEDEN, H. 1998. *A jóia da bruxa e outras histórias de orquídeas e orquidófilos*. São Paulo, Ativa. 170p.

JUNQUEIRA, A. H.; Peetz, M. S. 2007. Exportações de flores e plantas ornamentais superam US\$ 35 milhões em 2007. *Análise conjuntural da evolução das exportações de flores e plantas ornamentais do Brasil janeiro a dezembro de 2007*.

(<http://www.ibraflor.org/userfiles/file/Balana%20Comercial%20Floricultura%202007.pdf> consultado em 15 de dezembro de 2008).

JUNQUEIRA, A. H.; Peetz, M. S. 2008. *Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente*. Revista Brasileira de Horticultura Ornamental. 14(1): 37-52.

KÄMPF, A. N. 1997. *A floricultura brasileira em números*. Revista Brasileira de Horticultura Ornamental, 3(1):1-7.

MENEZES, L.C. 1987. *Cattleya labiata Lindley*. Orquídeas brasileiras. 1.ed. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura. 112p.

MURASHIGE, T.; Skoog, F. 1962. *A revised medium for rapid growth and bioassays with tobacco tissue cultures*. Physiology Plantarum, 15:473-497.

RIBEIRO, R. 2000. *Exportação: uma boa opção para produtores brasileiros*. Revista O Mundo das Orquídeas 3(10):40-41.



Figura 01: Curso ministrado no IFES de Alegre-ES em setembro de 2014



Figura 02: Reunião mensal da Orquidocampos na UENF em Campos dos Goytacazes-RJ em setembro de 2014.



Tabela 01: Cursos de extensão ministrados (2008-2014)

Título	Data	Local
Produção de Orquídeas por semente	12/11/2008	Anfiteatro P4
Conceitos básicos sobre fotografia analógica e	04/12/2008	Anfiteatro P4
Semeio in vitro de orquídeas (parte prática)	11/03/2009	Conferência P4
Pragas e Doenças de Orquídeas	08/04/2009	Anfiteatro P4
Manejo e aplicação de agrotóxicos no controle de pragas e doenças em orquídeas	16/09/2009	Anfiteatro P4
Micorrizas em orquídeas – importância e aplicação prática	14/10/2009	Anfiteatro P4
Produção comercial de orquídeas	18/11/2009	Anfiteatro P4
Substratos alternativos no cultivo de orquídeas	17/03/2010	Anfiteatro P4
Orquidários da Flórida	07/04/2010	Anfiteatro P4
Herança de cores nas flores de orquídeas do grupo Cattleya	19/05/2010	Anfiteatro P4
Tratos culturais em orquídeas	23/06/2010	Anfiteatro P4
Semeio Caseiro – Semana do Produtor UENF	27/07/2010	Anfiteatro P4
Controle Biológico de Pragas e Doenças de Orquídeas	18/08/2010	Anfiteatro P4
Histórias e Estórias das Orquídeas	15/09/2010	Anfiteatro P4
Semeio Caseiro de Orquídeas	22/09/2010	Anfiteatro P4
Semeio Caseiro de Orquídeas – OrquidaRio	25/09/2010	Jardim Botânico - RJ
Diversidade e aplicações biotecnológicas de fungos micorrízicos de orquídeas	29/09/2010	Anfiteatro P4
Nomenclatura de Orquídeas e Alterações de Classificação	20/10/2010	Anfiteatro P4
Nutrição de Orquídeas	17/11/2010	Anfiteatro P4
Qualidade de flores de orquídeas e sua avaliação	29/01/2011	AOVI – Rosal

Qualidade de flores de orquídeas	13/04/2011	Anfiteatro P4
Restaurante para orquídeas	18/05/2011	Anfiteatro P4
Restaurante para orquídeas	28/05/2011	AOVI – Rosal
Aspectos fisiológicos do cultivo de orquídeas	22/06/2011	Anfiteatro P4
Orquídeas: arte ou técnica de cultivo?	29 e 30/06/2011	III CONFLICT
Cultivo de orquídeas: uma visão racional desde o laboratório até o orquidário	20/07/2011	Anfiteatro P4
Utilização de hormônios no cultivo de orquídeas	17/08/2011	Anfiteatro P4
A moderna taxonomia na classificação das Orchidaceae	21/09/2011	Anfiteatro P4
Cultivo de orquídeas: técnicas básicas. Semana do Produtor da UENF	17 a 21/10/2011	CCTA
Cultivo de orquídeas: técnicas avançadas. Semana do Produtor da UENF	17 a 21/10/2011	CCTA
Introdução ao cultivo in vitro de plantas. Semana do Produtor da UENF	17 a 21/10/2011	CCTA
Levantamento florístico da família Orchidaceae em um inselberg (Maciço do Itaoca) no município de Campos dos Goytacazes, RJ	16/11/2011	Anfiteatro P4
Cultivo de orquídeas: técnicas básica. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/08/2012	CCTA
Cultivo de orquídeas técnicas avançadas. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/08/2012	CCTA
Semeio caseiro de orquídeas. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/08/2012	CCTA
Introdução ao cultivo in vitro de plantas. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/08/2012	CCTA
Cultivo comercial de plantas in vitro– biofábricas. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/08/2012	CCTA
Cattleya guttata– flor símbolo da Orquidecampos.	13/03/2013	Anfiteatro P4



Adução orgânica e mineral em orquídeas	12/06/2013	Anfiteatro P4
Cultivo de orquídeas: técnicas básicas. Semana do Produtor da UENF	02/09/2013	CCTA
Cultivo de orquídeas técnicas avançadas. Semana do Produtor da UENF	03/09/2013	CCTA
Semeio caseiro de orquídeas. Semana do Produtor da UENF	05/09/2013	CCTA
Introdução ao cultivo in vitro de plantas. Semana do Produtor da UENF	03/09/2013	CCTA
Cultivo comercial de plantas in vitro – biofábricas. Semana do Produtor da UENF	05/09/2013	CCTA
Cultivo de orquídeas: técnicas básicas	04/09/2013	Univ. São Camilo
Palestra: Orquídeas	04/09/2013	Univ. São Camilo
Nutrição de orquídeas	13/08/2014	Faculdade Universo
Nutrição e adubação de orquídeas	12/09/2014	Itaperuna-RJ
Cultivo de orquídeas: técnicas básicas.	14/09/2014	IFES – Alegre (ES)
Cultivo de orquídeas: técnicas básicas. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/10/2014	CCTA
Cultivo de orquídeas técnicas avançadas. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/10/2014	CCTA
Semeio caseiro de orquídeas. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/10/2014	CCTA
Introdução ao cultivo in vitro de plantas. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/10/2014	CCTA
Cultivo comercial de plantas in vitro – biofábricas. Semana do Produtor da UENF	20 a 24/10/2014	CCTA



Produção da Vassoura Amiga da Natureza: um Projeto de Extensão Universitária, Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável

Production Broom Friend of Nature: a Project of University Extension, Solidarity Economy and Sustainable Development

Nivaldo José Ponciano*, **Kássia Monteiro Silva****, **Filipe Siqueira Corrêa*****

*Doutorado Economia Rural; Professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos - RJ. njponciano@gmail.com

**Graduada em Turismo; Bolsista Universidade Aberta da UENF, Campos dos Goytacazes RJ. kassiamonteiro@uol.com.br

***Estudante de Agronomia e bolsista da UENF, Campos dos Goytacazes RJ. filipesiqueira@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo descrever e analisar os resultados parciais do projeto de extensão universitária em questão. Sua linha de extensão, emprego e renda, abrange a promoção de um trabalho e renda alternativos para empreendedores informais por meio de ações cooperadas/associadas do cultivo e fabricação artesanal de vassouras de sorgo (*Sorghum Bicolor (L.) Moench*) em áreas urbanas. O projeto é capaz de promover o desenvolvimento sustentável de uma atividade econômica e influenciar a conscientização pelo uso das melhores práticas para o meio ambiente por meio da educação ambiental e economia solidária introduzidas em oficinas que utilizam metodologias participativas. Estudar e selecionar técnicas de cultivo para o sorgo-vassoura em pequenas áreas urbanas foi um dos objetivos almejados. Oficinas de fabricação da vassoura no Educandário São José Operário permitiu averiguar e analisar os resultados das metodologias selecionadas, além de entender a importância da extensão universitária e os princípios do desenvolvimento sustentável como indicador de resultado.

Palavras-chave: *Sorghum Bicolor (L.)*; complementação de renda; extensão universitária; desenvolvimento sustentável.

ABSTRACT

*This paper aims to describe and analyze the partial results of university extension in question. His line extension, employment and income, covers the promotion of alternative employment and income for informal entrepreneurs through coordinated actions / associated cultivation handmade brooms and sorghum (*Sorghum bicolor (L.) Moench*) in urban areas. The project is capable of promoting the sustainable development of economic activity and influence awareness by use of best practices for the environment through environmental education and solidarity economy introduced in workshops using participatory methodologies. Study and cultivation techniques for selecting sorghum broom in small urban areas. Demonstration workshops were initiated in Educandário São José Operário, enabling ascertain and analyze the results of selected methodologies, and understand the importance of university extension and the principles of sustainable development as a result indicator.*

Keywords: *Sorghum bicolor (L.)*; supplementary income; university extension; sustainable development.

Introdução

O uso de vassouras artesanais fabricadas a partir de plantas nativas ou cultivadas consiste numa prática que remete ao período anterior ao primeiro êxodo rural no Brasil. Nos últimos anos, a fabricação artesanal de vassouras de fibras vegetais é utilizada como meio de complementação de renda do pequeno produtor rural, sendo até mesmo, principal renda de algumas pequenas propriedades no interior do estado de São Paulo e Minas Gerais.

As experiências de cultivo e fabricação da vassoura até então divulgadas foram protagonizadas por pequenos agricultores. No entanto, acredita-se na potencialidade do cultivo na zona urbana, como é o objetivo do projeto de extensão universitária “Produção da vassoura amiga da natureza: Projeto de economia solidária e educação ambiental para os moradores de baixa renda do município de Campos dos Goytacazes” iniciado em 2012. Ou seja, o objetivo é introduzir a cultura e fabricação do sorgo-vassoura na zona urbana, direcionado para famílias de baixa renda.

Como se trata de uma iniciativa que visa o desenvolvimento sustentável de uma atividade econômica, o projeto prevê impactos positivos em suas dimensões produtivas, ambientais e sociais. Isso significa a obtenção de alguns resultados que podem

ser resumidos por meio de quatro aspectos passíveis de serem verificados: aumento da renda média mensal por família beneficiária, capacidade de organização do trabalho coletivo, desenvolvimento pessoal e coletivo, e por fim, consciência ambiental.

O projeto iniciou as oficinas com alunos que possuem mobilidade reduzida (deficiência visual) do Educandário São José Operário em setembro de 2012. Pode-se dizer que o projeto consiste também numa ação capaz de elevar a auto-estima desses alunos, tendo em vista os alunos sentirem capazes de trabalhar com algo que possui diversas dificuldades para manuseio, mas que tais obstáculos podem ser vencidos dia a dia.

Sendo assim, o objetivo geral do projeto é o cultivo e fabricação da vassoura de sorgo como renda complementar. Introduzir e averiguar metodologias participativas que favorecem o desenvolvimento pessoal por meio da educação, conscientização e valorização das melhores práticas que contribuem para o meio ambiente e convívio social/comunitário. Vale lembrar que as metodologias participativas conferem autonomia aos beneficiários do projeto, sendo considerado, portanto, eficiente os planos de ações do mesmo por estarem baseados nos princípios do desenvolvimento sustentável.

Os objetivos específicos consistem em promover a conscientização e a valorização

das melhores práticas que contribuam para o meio ambiente por meio da educação ambiental e interação social; introduzir e avaliar técnicas de aprendizagem para as temáticas de educação ambiental e economia solidária por meio de metodologias participativas; e por fim, estudar e selecionar técnicas de cultivo para o sorgo-vassoura em pequenas áreas urbanas, de maneira a maximizar a produção.

Vale ressaltar que acredita-se nos benefícios que o cultivo e fabricação da vassoura possam trazer para moradores de baixa renda do município de Campos dos Goytacazes, como a promoção de uma paisagem verde e favorecer o vínculo e/ou identificação com o lugar de morada. Os resultados esperados são a conservação e preservação dos espaços urbanos, além da construção de laços comunitários em prol de um bem comum. Outra justificativa se deve ao apelo ecológico do produto, sua viabilidade comercial e a utilidade como instrumento para se trabalhar os princípios de uma nova economia que possa motivar uma nova organização do trabalho, além de motivar melhores práticas ambientais.

O projeto possui os principais requisitos para favorecer a construção dos valores aqui defendidos que permitirão atingir os objetivos aqui traçados, como o de desenvolvimento sustentável de uma produção e o convívio sustentável com o meio ambiente.

Diante de tais desafios, percebe-se a importância da presença da comunidade acadêmica, por meio da extensão universitária, de maneira a contribuir em tais processos com a transferência e compartilhamento de conhecimentos, além dos conhecimentos que serão adquiridos ao se aproximar da realidade destes tecidos sociais. O trabalho objetiva-se descrever e analisar os resultados parciais do projeto de extensão universitária.

Metodologia de Ação

O projeto está baseado em ações vinculadas aos princípios do desenvolvimento sustentável. O conceito clássico sobre desenvolvimento sustentável foi elaborado a partir da *World Commission on Environment and Development (WCED)* no relatório de *Brundtland* que afirma que “o desenvolvimento sustentável é o que atende às necessidades das gerações presentes sem comprometer a possibilidade das gerações futuras em atenderem suas próprias necessidades (WCED, 1987)”. A ideia de um desenvolvimento comprometido em buscar formas de se relacionar com o meio ambiente de maneira a garantir a continuidade de ambos cunhou o termo sustentável. Segundo Bellen, ter consciência da “relação entre desenvolvimento e meio ambiente é



considerada hoje um ponto central na compreensão dos problemas ecológicos” (2006, p. 22). Tal compreensão tem influenciado o ritmo e forma do homem lidar com os recursos utilizados no seu desenvolvimento não só econômico, mas também social, ambiental, geográfica e cultural (BELLEN, 2006).

Para garantir que o plano de ação do projeto não distancie das premissas do desenvolvimento sustentável, foram selecionados alguns indicadores de resultados, que são entendidos aqui como indicadores de sustentabilidade do projeto. Esses indicadores conferem qualificação e quantificação dos impactos do projeto de maneira que sua “significância fique mais aparente”. Eles favorecem a avaliação dos desdobramentos do projeto voltado para o desenvolvimento sustentável. Esta consiste numa forma de averiguar e medir os resultados do projeto, permitindo aos coordenadores e parceiros, uma forma de adaptar e flexibilizar as metodologias adotadas (BELLEN, 2006, p. 42).

Sendo assim, a verificação dos dados e resultados estará apoiada em alguns indicadores de sustentabilidade, que são: dimensão social - nível de participação social e autogestão (leia-se economia solidária); dimensão produtiva – aumento da renda média mensal; e, indicadores de educação ambiental - dimensão ambiental - que será medida por meio do engajamento dos beneficiários nas ações para melhores

práticas ambientais (DIAS, 2010). Diante disto, espera-se resultados dentro de uma perspectiva sustentável, sendo possível, portanto, prever alguns impactos desejáveis dentro dos indicadores mencionados:

Impactos desejados tangíveis

- Um dos principais resultados esperados está relacionado à dimensão e indicador produtivo relacionado no projeto, que é a obtenção de uma renda complementar.
- Ainda dentro da dimensão produtiva, as ações realizadas de iniciativa do grupo beneficiário também são passíveis de serem medidas e registradas, sendo, portanto, esperado a atuação dos mesmos na divulgação do produto, presença em feiras de economia solidária, dentre outros.
- Já na dimensão social, os comportamentos entendidos como de cooperação, associativismo, engajamento e comprometimento são esperados dos beneficiários do projeto e poderão ser medidos por meio da divisão e devida execução dos trabalhos decididos coletivamente, aspecto inerente a participação social (DEMO, 1993).

Impactos desejados intangíveis

- Os resultados intangíveis estão dentro da dimensão social, de caráter subjetivo. Sendo assim, é esperado por parte dos beneficiários o desenvolvimento de habilidades como os de liderança, diálogo e decisões coletivas (DEMO, 1993). Poderão tomar decisões voltadas para a organização do trabalho e produção dentro dos princípios de desenvolvimento sustentável.
- A capacidade de refletir sobre a sua condição socioeconômica, os motivos do mesmo e de quais mecanismos lançar mão para mudá-la (NUNES, 2002).
- Auto estima, identidade de grupo e de papel na sociedade, favorecendo a sua visibilidade e reconhecimento na mesma;
- Aquisição de habilidades subjetivas como a capacidade de trabalhar em grupo e em parceria, de respeitar as diferenças, de se comunicar com diferentes públicos e defender idéias;
- Dentro da dimensão ambiental, espera-se o desenvolvimento de uma consciência ambiental, que será passada de geração para geração, no qual serão possíveis melhores práticas coletivas para amenizar o impacto ao meio ambiente, como evitar jogar lixo e depredar a região no entorno da comunidade.

Vale lembrar que o projeto é fruto da Extensão Universitária promovida pela

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. Para entender o papel da universidade diante dos problemas sociais da sua região, pode ser citado um conceito construído no Fórum de Pró-Reitores de Extensão em 1987:

“A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico (...)”

(NUNES, 2009, p.103)

Sendo assim, tais iniciativas podem ser entendidas como um mecanismo no qual a faculdade poderá compartilhar os seus conhecimentos com a comunidade local, se aproximar da realidade e exercer a busca por soluções e melhorias para a mesma.

Metodologia de atuação nas oficinas

É oportuno dizer que as oficinas possuem um papel fundamental na organização do trabalho, condição primordial que irá garantir uma produção eficiente da vassoura de maneira a conferir renda complementar aos beneficiários. Diante disto, vale ressal-



tar que as oficinas prevêem mecanismos capazes de desenvolver o trabalho coletivo, no qual será “promovido a auto conscientização dos beneficiários sobre a importância deste tipo de trabalho e sua condição socioeconômica”, ou seja, nos moldes de Paulo Freire e da pedagogia da participação (NUNES, 2002).

A estratégia de atuação selecionada para as oficinas consiste na decisão de usar metodologias participativas para introduzir todos os assuntos pertinentes a esse tema. Serão momentos interativos por meio de dinâmicas, sendo executados exercícios de atuação conjunta para as decisões e em grupos de execução dos trabalhos a serem realizados para a produção da vassoura artesanal (NUNES, 2002; SANTOS, 2005).

As oficinas de capacitação possuem como meta o aprendizado do cultivo e confecção da vassoura, além de desenvolver habilidades para continuidade do projeto norteadas pelos princípios da economia solidária. A economia solidária pode ser entendida como uma metodologia de capacitação para uma nova organização produtiva coletiva (SILVA, 2009). O método de confecção da vassoura de sorgo pode ser resumido em cinco passos conforme ilustrado pela Figura 01. Por se tratar de um produto agro ecológico, estão previstas oficinas de educação ambiental, seguindo metodologias interativas e dinâmicas.



Figura 01: Etapas da confecção da vassoura de sorgo: Foto 01: Seleção e primeira costura dos pendões; Foto 02: “Enforcamento das paniculas; Foto 03: Formação do “pescoço”; Foto 04: Segunda costura da vassoura; Foto 05: Vassoura pronta.

Fonte: *Imagens das oficinas no Educandário São José Operário, 2012.*

O apelo ecológico do produto, sua viabilidade e a utilidade como instrumento para se trabalhar os princípios de uma nova economia que possa motivar uma nova organização do trabalho, além de motivar melhores práticas ambientais, foram decisivos para vislumbrar que se trata de uma idéia que deve ser multiplicada.

Método de cultivo do sorgo:

O sorgo vassoura possui ciclo rápido, com colheita de 90 a 100 dias após a sua germinação. O manejo do cultivo pode ser resumido

em cinco etapas: A calagem a área a ser plantada, se o solo assim requerer; adubação e cobertura (30 dias após germinação); limpeza de ervas daninhas (durante os primeiros 40 a 50 dias da lavoura); amontoa e dobra dos pendões; e por fim, colheita, secagem (figura 02, foto 06), despalha (Figura 02, foto 07) e debulhagem das sementes (Figura 02, foto 08).

Como se trata de uma lavoura cultivada sem muitas exigências quanto ao manejo, o projeto tem como meta buscar o aumento da sua produtividade em lavouras com áreas reduzidas. O cultivo de verão serviu a esse propósito.

O cultivo de inverno, plantada em abril de 2012, utilizou espaçamento entre linhas menor do que o usual, entre 70 a 80 cm. Não foi realizado calagem nesta área de cultivo. Foi possível analisar o desenvolvimento de cada linhagem do sorgo.

Para o cultivo de verão do sorgo, a semeadura de 1.5kg de sementes de cada linhagem (figura 03, foto 11) foi efetuada na primeira semana de novembro/12, sendo o preparo do solo e adubação (NPK 04,14,08) realizada conforme a mesma metodologia do plantio executado no cultivo de inverno. No entanto, a adubação por cobertura foi realizada com dosagens diferentes de nitrogênio, na forma de ureia (46% N), sendo seis níveis crescentes de N (0=0kg.ha-1, A=40kg.ha-1, B=80kg.ha-1, C=120kg.ha-1, D=160kg.

ha-1, E=200kg.ha-1).

Foi utilizado o delineamento experimental em blocos casualizados com seis tratamentos e três repetições. Cada bloco foi constituída com 20 linhas de cada linhagem de sorgo, com espaçamento de 0.08m, perfazendo uma área total de 3000m². Cada nível de N foi repetida em três linhas de cada bloco, totalizando 18 linhas com os seis níveis crescentes de N em cada linhagem.

Para analisar o cultivo em questão, foram coletadas amostragens de cada linhagem. Como unidades experimentais, foram utilizadas ao todo 540 plantas, sendo 10 plantas coletadas em 1m linear em cada linha nos respectivos blocos das linhagens em estudo, a L1-Vermelha, L2-Amarela e L3-Roxa. O objetivo foi avaliar a produtividade e o desenvolvimento/comprimento do sorgo em função das diferentes dosagens de nitrogênio na adubação por cobertura.

As medições realizadas nas unidades experimentais foram para averiguar a altura das plantas, peso das sementes, comprimento da ráquis e terceira haste secundária. Vale lembrar que o comprimento da ráquis (haste rígida ou pedúnculo) e terceira haste secundária (uma das ramificações resistentes que dão suporte às sementes) da panícula são importantes para a confecção de vassouras de qualidade (FARATO et al, 2011). Maior comprimento de ambos favorece a obtenção de uma vassoura ideal. O peso

das sementes foi medido porque quanto mais sementes produzirem as panículas, significa que houve maior desenvolvimento de ramificações da haste secundária, o que irá favorecer numa economia de panículas na fabricação da vassoura. Pois, com um número menor de panículas a vassoura já irá atingir o volume necessário. Consequentemente, observou-se que, quanto mais volumoso e ou mais ramos tem essa haste secundária, maior é o diâmetro da ráquis, contribuindo para uma economia do número de panículas necessárias para a fabricação de uma vassoura.

Como um dos objetivos é a instalação de culturas de sorgo em áreas menores que 1ha, maximizar a produção e também obter plantas com menores alturas consiste num fator importante que favorecerá obtenção de panículas ideais para a fabricação da vassoura, além de diminuir o trabalho de manejo do cultivo. Vale lembrar que, plantas

com menores alturas diminui o trabalho de amontoa e a perda/deterioração de panículas, no qual busca-se apoiar a base da planta para que ela não tombe com os ventos tão comuns no município.

Resultados e Discussão

O cultivo do sorgo vassoura

Nos 24 meses de atuação do projeto, foram cultivados a safrinha do sorgo vassoura com 1450m² (Figura 03, foto 10), distribuídas em três linhagens (Figura 03, foto 11). Priorizar o plantio serviu ao propósito de obter pendões para as oficinas de demonstração e obtenção de melhor conhecimento da dinâmica do cultivo da safrinha de sorgo no município. Com as panículas colhidas na última semana de agosto/2012 foram confeccionadas cerca de 110 vassouras e obtidas sementes para as oficinas com os alunos do Educandário.

Foi possível obter conclusões parciais sobre o desempenho da produção das três linhagens de sorgo. O comprimento da ráquis (haste rígida ou pedúnculo) e haste secundária (ramificações resistentes que dão suporte às sementes) da panícula são importantes para a confecção de vassouras de qualidade (FARATO et al, 2011).

Constatou-se que o maior comprimento

de ambos favorece a obtenção de uma vassoura ideal, sendo averiguado que as linhagens denominadas de L1-vermelha, vindas do Rio Grande do Sul e L2-amarela, vinda de São Paulo possuem tais requisitos (Figura 03, foto 11). Já a linhagem L3-roxa (Figura 03, foto 11), também de São Paulo, apresenta ráquis pequena que prejudica a confecção de uma vassoura ideal. Quanto à produtividade das linhagens, a L1-vermelha apresentou maior volume de panículas e sementessadias.

Foram identificadas algumas doenças típicas de cultivo do sorgo (Figura 03, fotos 12,13), que se considera terem diminuído sua produtividade. Julgou-se necessário o manejo fitossanitário das sementes com 10g de cepta por quilo de semente plantada na cultura de verão.

O cultivo de verão foi colhido no mês de março de 2013 e os dados e informações gerados foram processados. Nas amostragens colhidas foram avaliadas as características morfológicas e produtividade de cada linhagem em função das diferentes dosagens de nitrogênio realizadas na adubação de cobertura, bem como o grau de desenvolvimento/comprimento das panículas em comparação ao cultivo de inverno/safrinha do sorgo.

Resumidamente, pois não se trata do objetivo do presente artigo, pode-se dizer que cada linhagem do sorgo estudado



Figura 03: Características relevantes no processo de produção:
Foto 10: Cultivo de sorgo na área experimental da UENF;
Foto 11: Comparação de três linhagens: L1 (vermelha), L2 (amarela) e L3 (roxa);
Foto 12: Mosaico necrótico;
Foto 13: Panícula danificada por manchas bronzeadas;
Foto 14: Vassoura de sorgo utilizada entre Fev-Jul/2013;
Foto 15: Novo modelo de vassoura resultado de método desenvolvido para confecção.

Fonte: fotos próprias do projeto.

respondeu de forma positiva às diferentes dosagens de N. As médias dos valores obtidos na medição das plantas que receberam os respectivos tratamentos em questão demonstraram que, para alguns parâmetros, o incremento da adubação por cobertura com uma dosagem maior de nitrogênio alcança êxito apenas até certo nível. Sendo a exceção o parâmetro referente à altura das plantas, pois, vale lembrar, selecionar plantas com menores alturas em função de sua resposta aos tratamentos consiste no objetivo proposto pelo projeto.

Diante da produtividade e desenvolvimento obtido em função do incremento nutricional do cultivo por meio das dosagens crescentes de N, coube selecionar a dosagem de N que na totalidade respondeu de forma eficiente junto aos parâmetros estudados. Como as unidades experimentais responderam de forma significativa nos primeiros níveis de N, havendo até um decréscimo das médias após estes níveis, a

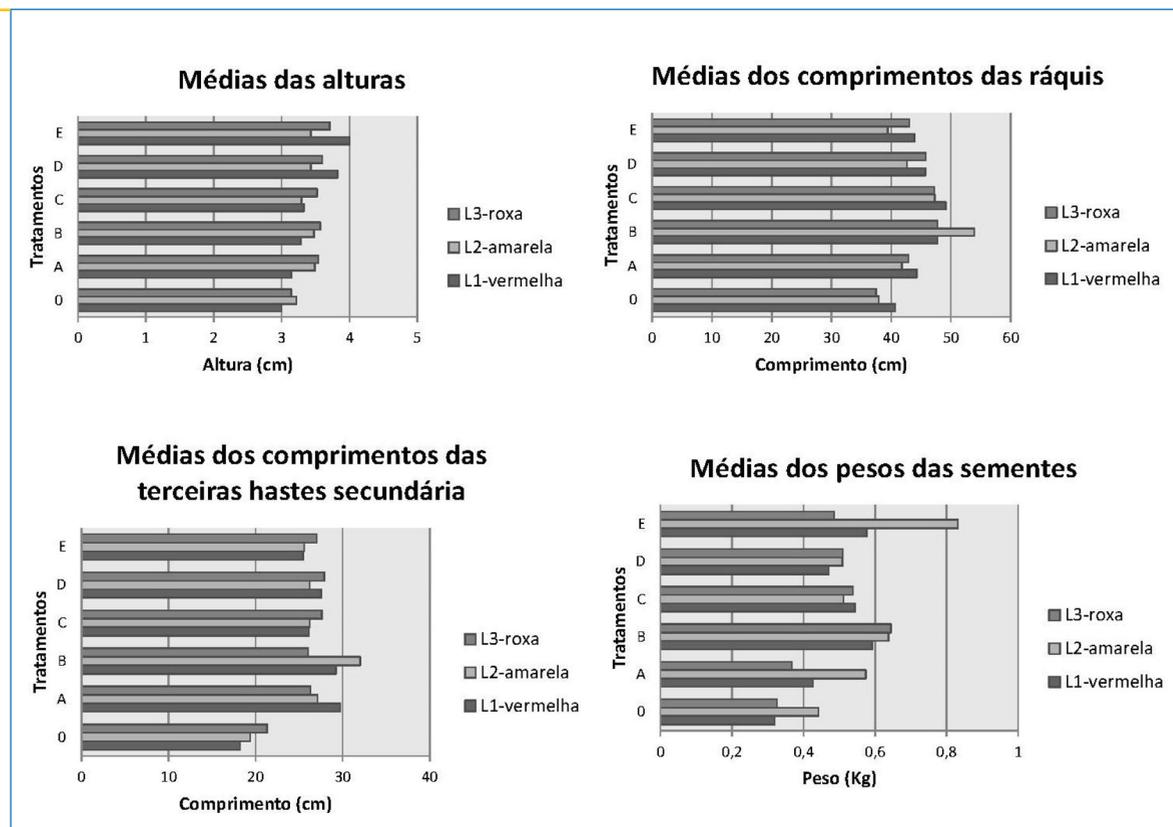
Figura 02: Etapas de preparo pós colheita do sorgo antes da confecção das vassouras:
Foto 06: Secagem do sorgo;
Foto 07: Despalha da panícula;
Foto 08: Debulhagem das sementes com aspadeira de burro.



Fonte: Imagens feitas na Universidade e nas oficinas realizadas de extensão, 2012.

Figura 04: Resultado do incremento nutricional do cultivo por meio das dosagens crescentes de Nitrogênio (N).

Fonte: Dados de experimento para avaliar nutrição mineral do sorgo vassoura, em 2013.



escolha pelo tratamento B, com 80kg.ha-1 de N, atende a todos os quesitos, ou seja, maior desenvolvimento/produtividade e menor altura das plantas de sorgo (Figura 04). Portanto, selecionar esse método de cultivo para o sorgo-vassoura foi um dos objetivos almejados.

Por fim, vale ressaltar que testes informais sobre o uso e durabilidade da vassoura de sorgo também foram iniciadas. O objetivo foi medir o potencial do produto no seu uso cotidiano, sendo satisfatória a varrição, com

durabilidade acima do esperado (Figura 03, foto 14).

As oficinas de confecção da vassoura

As oficinas iniciadas em 12 de setembro de 2012 (Figura 05), contavam, em média, com a presença de 10 alunos adultos que possuem mobilidade reduzida (deficiência visual). A princípio, as oficinas de confecção

da vassoura seguiram a metodologia inicial apresentada na primeira figura, sendo, a cada oficina, observadas as dificuldades e facilidades enfrentadas pelos alunos em cada etapa de confecção. O fato de não possuírem a visão não consistiu numa dificuldade que os impossibilitasse de participar das oficinas, ao contrário, a curiosidade e vontade de vencer tal obstáculo eram os principais motivadores.

As oficinas consistiram numa grande oportunidade de aprendizado no que se refere a metodologias de ensino, ou seja, em entender e aprimorar a melhor maneira de ensinar as etapas de fabricação da vassoura. Cada limitação percebida gerou novos métodos de ensinar a confecção da vassoura. Os alunos também contribuíram com as oficinas por meio de idéias e maneiras de confecção que melhor pudessem lhes atender. Tal iniciativa consistiu em um dos resultados, tangíveis e intangíveis, esperados nos indicadores de sustentabilidade por meio da dimensão social.

A partir das sugestões dos próprios alunos e observações de cada etapa de fabricação da vassoura, foram realizados reuniões para que fossem pensados e testados maneiras de confecção da vassoura que pudessem facilitar o manuseio dos alunos. Pode-se dizer que este foi um momento de reflexão e criatividade de grande importância no projeto, pois, permitiu aos bolsistas entenderem a

realidade na qual estavam vivenciando e pensar em soluções para resolver as limitações e entraves que impediam o projeto de avançar nos seus objetivos. Vale ressaltar que a troca de conhecimento, comunidade e universidade, permitiu aos bolsistas entender os processos de levantamentos de dados - ou diagnóstico - e as maneiras de solucionar problemas encontrados no projeto.



Figura 05: Oficinas de produção de vassouras com alunos do Educandário São José Operário.

Fonte: fotos próprias do projeto, em 2013.

As limitações do próprio projeto exigiram dos bolsistas o uso da criatividade para solucionar problemas e vencer obstáculos, de maneira a inovarem na elaboração de novas tecnologias para a confecção da vassoura e metodologias de ensino.

Tais “processos educativo, cultural e científico” (NUNES, op.cit.) demonstram a importância da extensão universitária, ou seja, das oportunidades geradas por meio de projetos de aprendizado/ensino promovido pela mesma, pois contribuem para o

exercício da teoria e elaboração de novos conhecimentos e tecnologias.

O resultado das reuniões com os bolsistas foi o desenvolvimento de um novo método de fabricação que tem atendido as necessidades dos alunos, alcançando assim mais um resultado intangível dentro da dimensão social que é a auto confiança e estima. Esse novo método requereu novos testes sobre a durabilidade e uso cotidiano da vassoura.

No que diz respeito à atuação dos bolsistas, participar dos processos de ensino e aprendizado gerados pelo projeto possibilitou aos mesmos conhecerem seus pontos fortes e fracos e desenvolverem habilidades, favorecendo a sua tomada de decisão em quais rumos seguir e/ou aprimorar na carreira na qual estão se graduando e/ou especializando.

A vassoura artesanal de sorgo é considerada pelos alunos um trabalho manual interessante, que tanto os homens quanto as mulheres gostavam de manusear (a exceção foi apenas de uma aluna que não achou muito atrativo o tipo de trabalho realizado). Tal afinidade despertou em alguns alunos o interesse pelas demais etapas da fabricação da vassoura que ainda não tinham contato com o plantio do sorgo para obtenção das panículas.

Após discussões, achou-se por bem introduzir e/ou incluir os alunos interessados na etapa do cultivo do sorgo juntamente com

suas famílias, quando da introdução das oficinas com as famílias dos alunos do Educandário, pois, considera-se ser esta uma etapa na qual os alunos precisarão de auxílio tendo em vista as suas limitações, além da importância do apoio das suas famílias neste empreendimento.

O método de produção coletiva, base da economia solidária, foi iniciado por meio da divisão do trabalho de duas etapas do processo fabricação da vassoura, tendo em vista alguns alunos possuir dificuldades nestas etapas. Sendo assim, o método de produção colaborou como estratégia de produção para amenizar as limitações dos alunos, contribuindo para a soma das habilidades de cada membro do grupo e sua futura articulação social. Assim, os alunos que demonstraram grande dificuldade em concluir a etapa de “enforcamento” da vassoura (Figura 01, fotos 02 e 03) faziam parte do grupo responsável pela etapa de debulhação das panículas com a raspadeira (Figura 02, foto 08), e, a outra parte do grupo ficava responsável pela etapa de “enforcamento” das panículas.

No entanto, o método ainda não está completo, pois, os dois grupos ainda precisam se articular, organizar a produção do trabalho coletivo. Até o momento, ainda não foi possível chegar à organização e mobilização social em prol de um interesse comum, ou seja, a produção e fabricação da

vassoura. Este fato se deve à necessidade de primeiro resolver os problemas enfrentados no que se refere às limitações de cada aluno. Depois de averiguado que todos entendem as etapas de fabricação da vassoura, mesmo que não possam executá-la por completo, será o momento de desenvolver a dimensão social e produtiva, ou seja, a de autogestão do trabalho coletivo e venda das vassouras. Depois de introduzidas as metodologias participativas no processo de produção, será o momento de sua avaliação com a participação dos alunos.

Cada metodologia de produção introduzida é discutida com os alunos e consideradas opiniões e sugestões sobre as mesmas. Tais levantamentos acabam por determinar se a metodologia utilizada no ensino irá permanecer ou não. Os resultados de cada decisão tomada em conjunto com os alunos do Educandário e os devidos ajustes nos planos de aprendizado são de interesse dos alunos em avançar na produção da vassoura individualmente, além de influenciar na interação do grupo no que se refere a organização do trabalho.

Considerações Finais

Os resultados confirmam que o trabalho desenvolvido até o momento demonstram a importância da extensão universitária para

organização e promoção das comunidades carentes. Constata-se as oportunidades geradas por meio de projetos de aprendizado/ ensino promovido pela mesma, pois contribuem para o exercício da teoria e elaboração de novos conhecimentos e tecnologias.

Projetos de economia solidária pode contribuir com as comunidades carentes e apontar para alternativas de renda em países que ainda são afetados por crises econômicas. Vale ressaltar que, acredita-se que será um fator que irá conferir equilíbrio a dinâmica de mercado. Para países em desenvolvimento como o Brasil, uma nova organização da produção favorece o alcance de uma vida digna por pessoas que estão em regiões ainda privadas de capacitação profissional e de extrema pobreza. Assim, a importância de promover iniciativas como esta, pautada pelo desenvolvimento sustentável de economia solidária.

O meio ambiente também precisa de aliados urgentes, de novos comportamentos e hábitos, precisa-se de um verdadeiro desenvolvimento sustentável, no qual as ações de plantar, extrair, produzir, fabricar e consumir venham acompanhados dos preceitos respeitar, pois os limites do meio ambiente já são visíveis. Este é um trabalho de todos para a garantia de uma vida sem escassez a longo prazo.

Diante disto, o desenvolvimento sustentável é hoje mais que um conceito. Ele

consiste num guia que norteia a busca pelo equilíbrio entre o crescimento econômico e o meio ambiente, afinal, o homem moderno é dependente da natureza bem como a economia global. Neste sentido, primar por ações que valorizam não somente uma complementação de renda, mas também o desenvolvimento pessoal por meio da educação e interação social consiste em elementos imprescindíveis e relacionados ao tema da sustentabilidade.

O projeto em questão é um trabalho em equipe, no qual todos os envolvidos são responsáveis diretos pelos rumos tomados. É um exercício de comunicação, colaboração, compreensão, troca de experiências e aprendizados. Grandes desafios a serem conquistados todos os dias por pessoas que querem trabalhar e ver uma boa ideia dando frutos. Por estar em andamento, o projeto possui muito que explorar e acrescentar da realidade estudada. No entanto, é sabido que não é possível abranger todas as questões pontuadas ao longo das pesquisas, o que poderá ser listada ao final como novos enfoques de pesquisa adicionais.

Por fim, vale dizer que, educar, capacitar e conferir alternativas de renda são ações cada vez mais de responsabilidade de todos. Não é somente contribuir com o desenvolvimento de um país, mas também, com o próximo, conferindo a ele ferramentas para a conquista de uma melhor qualidade de

vida. Essa conquista não é somente voltada para aumento de renda, mas de desenvolvimento pessoal, autoestima. Dessa forma, investir no próximo por meio de projetos como o apresentado aqui, é investir no futuro de uma localidade. Essa consiste hoje na missão da extensão universitária, que tanto contribui com a sua região quanto formam agentes e empreendedores sociais no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, K. *Economia dos Setores Populares: modos de gestão e estratégias de formação..* Texto elaborado par o seminário Economia dos Setores Populares: sustentabilidade e estratégias de formação, Universidade Católica de salvador, dez/2006.
- BELLEN, Hans Michael Van. *Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 256p., 2006.
- DEMO, Pedro. *Participação é conquista: [noções de política social participativa].* 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1993. 176p. ISBN 8524901284 (broch.)
- DIAS, Genebaldo Freire. *Dinâmicas e instrumentos para educação ambiental.* 1ed. São Paulo: Gaia, 2010.
- FARATO, L.F.; PAULA, G.S.; ESPINDULA, M.C.;ROCHA, V.S. *Avaliação de linhagens de sorgo vassoura na região de Viçosa, MG, Brasil.* Revista Brasileira de Milho e Sorgo, v.10, n.1, p.82-86, 2011. Versão impressa ISSN 1676-689X / Versão on line ISSN

1980-6477. <http://www.abms.org.br>

FARIA, Andréa Alice da Cunha, M.S., *O uso do Diagnóstico Rural Participativo em processos de desenvolvimento local: Um estudo de caso.* Orientador: Franklin Daniel Rothman. Conselheiros: Fábio Faria Mendes e Geraldo Magela Braga. Universidade Federal de Viçosa, Setembro de 2000.

FARIAS, G. A. A. M.; FARIAS, J. G.; NORONHA, J. F. *Rentabilidade da produção de vassouras de sorgo vassoura (Sorghum bicolor (L.) MOENCH).* Pesquisa Agropecuária Tropical, Goiânia, v. 30, p. 97-102, 2000.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação/ uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.* Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979. http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/IIseminario/pdf_praticas/praticas_22.pdf.

MARCIANO, C.R.& LINHARES, A.A.N. *Cultivo e fabricação artesanal da vassoura: Trabalho e renda para a agricultura familiar. Sétima Semana do produtor Rural. Coordenação de Extensão do CCTA/UENF.* Outubro de 2011.

NUNES, Débora. *Pedagogia da Participação: Trabalhando com comunidades.* Salvador: UNESCO/Quarteto, 2002.

NUNES, Débora. *Incubação de empreendimentos de economia solidária: uma aplicação da pedagogia da participação.* São Paulo: Annablume. 350p. 2009.

PEREIRA, A.A. *Produção de vassoura: uma alternativa para agricultores familiares de Imabaú.* 06 de abril de 2006. Acessado em 20/11/2011 e disponível in: http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao/Premio_Extensao_Rural/2_Premio_2006/21_Prod_Vassoura_lmbau.pdf.

SANTOS, Ailton Dias dos (org.). *Metodologias participativas: caminhos para o fortalecimento de espaços públicos socioambientais / IEB-Instituto Internacional de Educação do Brasil.* – São Paulo: Peirópolis, 2005.

SILVA, Luiz Antonio da.;CAMPOS, Rogério Cunha. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Trabalho e processos educativos no associativismo e cooperativismo popular solidário da região do Vale do Aço/MG.* 2009. 209 f., enc. Tese(doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária.* São Paulo. Ed.Fundação Perseu Abramo, 2002. 127p. VERDEJO, Miguel Expósito; COTRIM, Décio;

RAMOS, Ladjane. *Diagnóstico rural participativo: Guia prático DRP.* Brasília, DF: Ministerio do Desenvolvimento Agrario, 2007. 65 p.

WAQUIL, José M.; VIANA, Paulo A.; CRUZ, Ivan. *Manejo de Pragas na Cultura do Sorgo.* Circular técnica 27. Emprapa. Sete Lagoas, MG. Dez.2003. ISSN 1518-4269. Disponível in: http://www.cnpms.embrapa.br/publicacoes/publica/2003/circular/Circ_27.pdf. Acessado em 20/12/2013.



GASTÃO MACHADO: Vida, Obra e Acervo

GASTÃO MACHADO: *Life, Works and Collection*

Lutiane Marques Silva*, Frederico Schwerin Secco**

* Mestre, Professor da Rede Pública
luthyenmarquez@hotmail.com

** Doutor, Professor da UENF
schwerin@uenf.br

RESUMO

Este artigo apresenta alguns aspectos da vida e da obra do escritor campista Gastão Machado, bem como relata o resultado de programa de extensão universitária dedicado à restauração, conservação e catalogação de acervo público.

Palavras-chave: Acervo Gastão Machado; Restauração e conservação de acervos públicos; História do teatro brasileiro; Acervo literário da cidade de Campos dos Goytacazes.

ABSTRACT

This paper shows some aspects of the life and work of the writer Gastão Machado, as well report the result of the academic search dedicated to the restoration, conservation and cataloging of public collection.

Key Words: *Gastão Machado Collection; Preservation and restoration of public collection; History of Brazilian Theater; Literary collection of Campos dos Goytacazes Municipality.*

Gastão Machado – vida e obra

Gastão Machado nasceu em 25 de março de 1899, na cidade de Campos dos Goytacazes, município do Rio de Janeiro. Em uma poesia sobre Campos, ele menciona: “Sou da rua da Quitanda/ Por trás da Igreja do Terço”.

Figura 01: Gastão Machado



Menino pobre, logo cedo aprendeu tipografia e foi trabalhar na oficina do jornal *A Notícia*. Familiarizando-se com as letras,

inteligente e dedicado que era, logo passou para a redação dos jornais; cresceu na profissão de jornalista. Profissionalmente, começou como redator do jornal *A Notícia*, em 1920. A sua produção literária inicial possui características da primeira fase do Movimento Modernista no Brasil (1922–1930). Ainda na juventude, destaca-se na imprensa local e passa a ser admirado pelos literatos da época, como, por exemplo, pelo historiador e escritor Alberto Lamego, o qual lhe presenteia com as primeiras edições de *A Terra Goitacá* e *Efemérides da Terra Goitacá*.

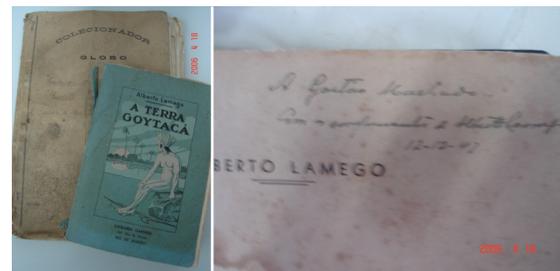


Figura 02: 1ª edição das obras de Alberto Frederico de Moraes Lamego (09/10/1870 – 24/11/1951) com dedicatória a seu amigo Gastão Machado.

Gastão estreou no teatro como autor em 1923, com a peça *O Alisador*, aproveitando os boatos pitorescos a respeito de um certo personagem misterioso... “que à noite, penetrava nas residências para simplesmente acariciar... matronas e donzelas...” Seu teatro é recheado de histórias românticas, cômicas,

além de comédias, dramas, burletas e revistas com temas urbanos, privilegiando a caracterização dos costumes e hábitos de sua cidade. Produziu em 1924, fortemente influenciado pelo teatro musical que assistira no Rio de Janeiro e em Campos, e em parceria com o maestro Benedito Trancratti, uma revista em dois atos intitulada *Campos em camisa*. A peça foi apresentada no antigo Teatro Trianon, em uma época de glória para o panorama dramático da Cidade, com a presença de companhias famosas e artistas renomados. No mesmo ano escreve outra obra: *Pega-cachorro... É o início do sucesso*.

Em 1925, em parceria com o jornalista Sílvio Fontoura, produz peças que recebem aplausos do público e da crítica, tais como *P.M.I., a comédia*; *Os Milagres do Professor Mozart*; *Pinga, miséria & companhia*.

Em 1926 Gastão leva à cena *O homem que ninguém viu*, uma comédia; e em 1927, adapta o romance *A Escrava Isaura*, clássico nacional escrito por Bernardo Guimarães, num drama em quatro atos.

Na década de 1940, passa a se corresponder e a encontrar-se com o grande ator e renovador do teatro nacional Procópio Ferreira, no Rio de Janeiro e em Campos. A amizade e a admiração se tornam mútuas. Em 19 de julho de 1954, Procópio Ferreira e sua companhia de comédias se apresentam no teatro Trianon. O espetáculo fica com a casa superlotada. Foi a estreia da comédia

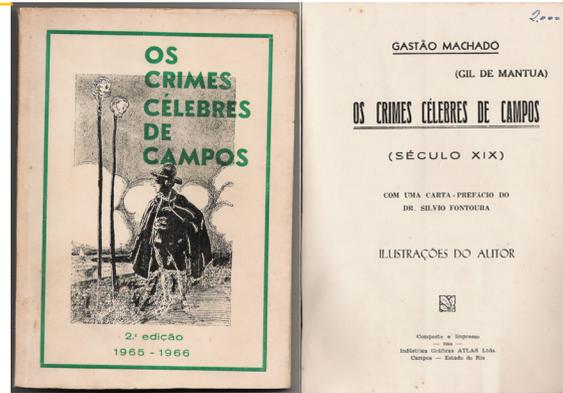
Essa Mulher é minha, de autoria do jornalista e escritor Raimundo Magalhães Júnior. O próximo espetáculo apresentado por Procópio, na noite seguinte, seria *As mulheres não resistem*, comédia de Aldo Benedetti, com tradução de Magalhães Júnior e revisada por Gastão Machado. A terceira peça encenada foi *Lição de Felicidade*, de Gourmer, com tradução de Geysa Boscoli. E, finalmente, *Esta noite choveu prata* e *As mãos de Eurídice*, ambas de autoria de Pedro Bloch, além de *Deus lhe pague*, de Joracy Camargo.

Podem ser apreciados, no acervo de Gastão Machado, interessantes documentos dessa época, como fotos e primeiras edições de livros de Procópio Ferreira com dedicatórias dirigidas ao amigo Gastão Machado.

Através do incentivo e da estima de intelectuais e escritores de fama nacional, como Raul Bopp, Múcio da Paixão, Raimundo Magalhães Júnior, José Cândido de Carvalho, entre outros, o dramaturgo campista não para mais de escrever.

Em 1928, tendo como parceiro o famoso escritor Raimundo Magalhães Júnior, leva ao palco a peça *Feijoada completa*. Com um espírito revolucionário e dinâmico, Gastão, em 1929, escreve a burleta em dois atos *O toque de Assueiro* e a peça *Comigo*, não, cujo título cai no gosto do público e se torna expressão popular.

Figura 03: 2ª edição do 1º livro de Gastão Machado.



Em 1930 publica seu primeiro livro, *Os crimes célebres de Campos*, em que, além das pesquisas sobre antigos crimes que abalaram a cidade, traçou um perfil urbano da cidade desde o Brasil Colônia até o Império. O livro foi publicado com o pseudônimo de Gil de Mantua.

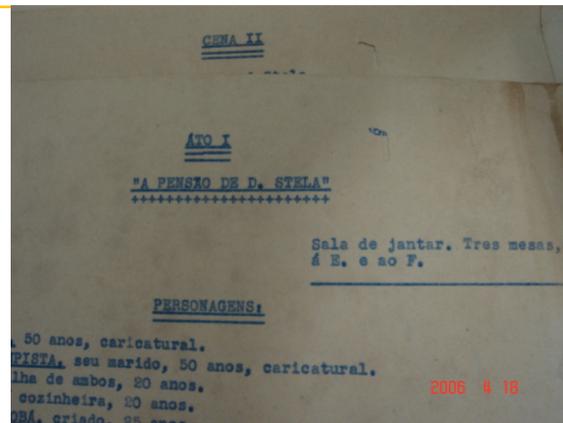
Mas a saudade do teatro o faz retornar em 1931, produzindo a comédia *Segredos do Oriente*. Em 1932, com música de Sá Pereira, escreve *Itararé*. O ano seguinte é

o marco da retomada da parceria com Raimundo Magalhães Júnior e escrevem *Abafa a banca* e *Capacete de aço*.

Com a carência de companhias teatrais apropriadas do Rio de Janeiro e da cidade de Campos, Gastão Machado interrompe seus trabalhos em 1940. Muda-se para a cidade do Rio de Janeiro onde entrou para a direção do Diário Oficial do Estado e transforma seu apartamento na Rua do Senado em abrigo para campistas que deixavam a terra natal em busca de melhores oportunidades na capital. Neste apartamento ele teria convivido com o amigo e parceiro de inúmeros textos, Raimundo Magalhães Júnior, que mais tarde seria eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em 1941 sabendo transformar a rotina de sua cidade natal em cenas teatrais, cria a peça *Campos em revista*, com música do maestro João Nunes Ribeiro, e a burleta *O Macumbeiro do Turfe*. Ainda em 1941, Gastão cria o que a crítica afirma ser a obra-prima do teatro campista, a peça *Campos é assim!* O espetáculo fica muito tempo em cartaz, no Teatro Paris, instalado na Rua 13 de Maio (atual Banco dos Lavradores). A parte musical é confiada ao maestro e compositor Álvaro de Andrade Reis (Lóquinha), e regida pelo maestro Miguel Miranda. Com um elenco de atores cariocas e alguns da terra, o espetáculo é um sucesso.

Campos é assim! retrata com ironia e crítica mordaz os acontecimentos da cidade

Figura 04: Manuscrito datilografado de peça de Gastão Machado.



daquela época, chegando a sentenciar: “*Campos, para um hospício, só falta cercar*”.

No ano de 1942, produz: *O careca não é de Campos*; *O Burro Canário*; *Petróleo no Turfe*; a comédia musicada *A Menina do Açúcar* e o drama em sete atos *Rua das Cabeças*. Nesse mesmo ano Gastão leva ao ar, pela Rádio Cultura de Campos, o programa *Recordar é Viver*, com a apresentação do Dr. Mário Ferraz Sampaio, direção musical de Corta-Frio e participação do conjunto *Seresteiro Campista* e do cantor Almir Soares. Em 1943, com músicas de Miguel Miranda, Gastão escreve três novas peças: *Campos depois das Dez*; *Pérola do Sul*; e *Campos está progredindo*.

No ano de 1944 torna-se representante do Diário Oficial e um dos redatores do suplemento de *O Dia*, e dedica-se exclusivamente à imprensa. Segundo relato de seu filho mais novo, Gastão Machado Júnior (Gastãozinho), “a paixão dele por Campos era tão grande que logo daria um jeito de retornar. O Diário Oficial abriu uma espécie de sucursal na Cidade e ele foi designado para comandar”.

Retorna às atividades teatrais em 1945 e escreve suas últimas peças: *Casamento no Uruguai*; *Uma festa no Capão* e *Campos de meu Coração*. Após o sucesso de suas peças no Teatro Paris, Gastão ainda presenciaria a encenação de suas obras no Teatro Floriano, transferido da Rua Treze para a Rua Oliveira Botelho. Muitos dos intérpretes das peças de Gastão tornaram-se seus amigos, afilhados



Figura 05: Detalhes gráficos do Jornal O DIA, em que Gastão era redator, ilustrador, chargista e assinava a coluna RECORDAR É VIVER.

e discípulos, entre eles: Almeidinha, Celeste Aínda, Cole, Galvão, Juju, José Braga, Marieta Braga, Castro Brasil, Malagueta, Santana, Zé Pimenta e muitos outros.

O jornalista Osvaldo Lima escreveu, no *Monitor Campista*, o artigo “*Um Anjo da Noite*”, em que contava:

“Uma vez, houve quem perguntasse a Gastão Machado por que não ia dormir cedo. Isso lhe faria bem à saúde. O jornalista respondeu que se fosse para casa às 10 horas, por exemplo, levaria só o corpo. O espírito ficaria na rua. E continuou pilheriando: eu tenho medo de encontrar-me comigo mesmo. Quando o meu corpo for saindo pela manhã, pode o meu espírito estar chegando”.

Segundo um jornal da época, Gastão Machado mudou-se para o céu no dia 26 de março de 1964.

A saudade e a admiração dos amigos fizeram com que fosse erguido um busto em sua homenagem em plena Praça de São Salvador, sendo este transferido posteriormente para a praça em que está localizada a Academia Campista de Letras. Seu nome está inscrito numa das placas de rua de sua cidade: RUA GASTÃO MACHADO: Início – Rua Conselheiro José Fernandes; término – Rua Coronel André Chaves.

De acordo com o relato do jornalista Hervé Salgado Rodrigues, de quem Gastão era amigo íntimo, o busto era uma homenagem que o jornalista e dramaturgo teria rejeitado em vida. Certa vez Gastão Machado teria dito a Hervé:

“Se algum dia eu morrer e alguém tentar erguer um busto em minha homenagem, por favor, não permitam. Não quero ficar sujo na praça e ter passarinhos cagando sobre minha cabeça”.

O Acervo Gastão Machado

O ACERVO GASTÃO MACHADO está localizado na Casa de Cultura Villa Maria, pertencente à Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro/UENF.

A Casa de Cultura Villa Maria é um prédio histórico, situado no município de Campos dos Goytacazes, e dedica-se à produção e à difusão de atividades culturais. É um espaço público que oferece diversas opções de pes-



Figura 06: Casa de Cultura Villa Maria/UENF

quisa e entretenimento. Possui uma fonoteca, uma videoteca, uma sala de leitura, um auditório para palestras, audições musicais e exibição de vídeos, salas de informática, uma hemeroteca, uma sala para espetáculos musicais e exposições de pequeno porte.

No ano de 2006, foi criado, nas dependências da CCVM/UENF, um laboratório de restauração, preservação e conservação do acervo Gastão Machado.

Participaram das diferentes etapas do projeto diversos profissionais e alunos bolsistas da Universidade Estadual do Norte

Fluminense Darcy Ribeiro/UENF, bem como técnicos da própria Universidade. O Acervo Gastão Machado foi doado à UENF pela família do escritor e dramaturgo campista e encontrava-se em condições impróprias para consulta e manuseio. Desde a morte de Gastão Machado, seu espólio



Figura 07: Laboratório de restauração e digitalização da CCVM/UENF

encontrava-se guardado em instalações impróprias, o que ocasionou a deterioração das obras que faziam parte de sua coleção pessoal. Trata-se de um material de imenso valor histórico e literário, encontrando-se entre as obras uma quantidade considerável de material original, seja oriundo da pena do próprio Gastão Machado, seja de obras colecionadas e adquiridas em livrarias e sebos na cidade do Rio de Janeiro.

O trabalho iniciou-se em março de 2006 pela constituição de um espaço para limpeza, recuperação, restauração, catalogação e encadernação da biblioteca particular do escritor, teatrólogo e jornalista Gastão Machado (1899/1964), além de documentos avulsos, compreendidos entre os séculos XVIII e XX. O material analisado constitui uma significativa fonte de material

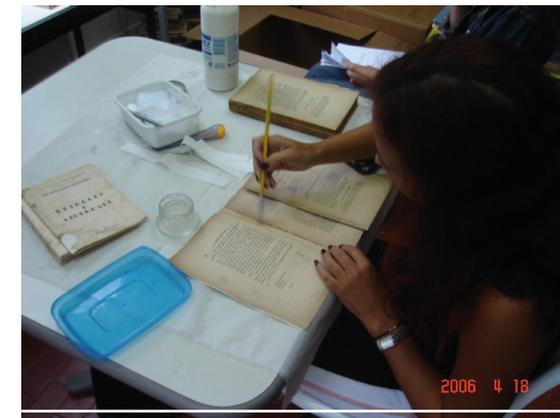


Figura 08: Etapas de restauração e conservação do acervo Gastão Machado

bibliográfico tanto para o estudo da história do município de Campos dos Goytacazes quanto do país.

Alguns dos resultados mais importantes do trabalho de restauração do ACERVO GASTÃO MACHADO, foram a catalogação das obras teatrais de Gastão Machado; a recuperação e a encadernação de centenas de revistas e livros da referida coleção; a res-

tauração de documentos, cartas e material iconográfico pertencente ao acervo e o levantamento de todo o material pertencente ao ACERVO GASTÃO MACHADO, bem como a digitalização de grande parte do acervo, com vistas a futuras consultas virtuais em sítio a ser criado com esta finalidade.



Figura 09: etapas da restauração de uma caricatura de Gastão Machado feita por Claudinier Martins, nos anos 50.

Conclusão

A responsabilidade pela preservação e conservação dos acervos nacionais é de todos nós. Que nos sirva de exemplo de desprendimento e consideração pelo patrimônio nacional a doação, pela família do jornalista e escritor Gastão Machado, de seu acervo para uma instituição pública, com vistas a sua difusão. Cada obra recuperada e disponibilizada para a leitura ou pesquisa

acadêmica é um documento importante, entre tantos outros, para a compreensão de alguns aspectos e fatores decisivos da formação histórica e cultural da nação brasileira.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Gastão - manuscritos pertencentes ao acervo particular do escritor, nunca editados.

Construindo Capital Social a Partir da Disseminação da História Local: Uma Experiência no Âmbito da Escola em São João da Barra-RJ

Building social capital from the spread of local history: an experience at the school in São João da Barra-RJ

Alcimar das Chagas Ribeiro*, **Luciana Silva Boden****, **Francisco de Assis Dias Moreira*****, **Débora Soares Longue******, **Chrisson Monteiro Roza*******

*D. Sc. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
professoralcimar@gmail.com

**Graduando em Engenharia de Produção - UENF
lu_boden@yahoo.com.br

***Animador Cultural - Bolsista Universidade Aberta - UENF
fadmamm@gmail.com

****Estudante - Bolsista Universidade Aberta - UENF
deborah_longue@hotmail.com

*****Estudante - Bolsista Universidade Aberta - UENF
chrisson-90@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca contribuir no contexto do esforço de construção do capital social, através da formulação e implantação da estratégia de resgate e disseminação da história local, em Atafona, São João da Barra. O programa de ações se desenvolveu na Escola Estadual Newton Alves, com o envolvimento de diretores, professores e alunos. Diversas atividades envolvendo pesquisa bibliográfica, seleção de fotos, peças de teatro, palestras e debates, foram desenvolvidas, com os resultados disseminados em outras escolas do município e eventos diversos. Aspectos da metodologia utilizada possibilitaram uma importante integração entre os estudantes, diretores e professores da escola, garantindo avanços na obtenção de conhecimento sobre o objeto proposto. Longe do poder transformador, o projeto apresenta contribuições importantes no resgate da cidadania e senso pertencimento, elementos fundamentais para o desenvolvimento econômico endógeno.

Palavras-chave: capital social; história local; cidadania; desenvolvimento endógeno.

ABSTRACT

This paper aims to contribute in the context of efforts to build social capital through the development and deployment of rescue and dissemination of local history in Atafona, São João da Barra strategy. The program of action developed in the State School Newton Alves, with the involvement of principals, teachers and students. Various activities involving literature search, selection of photos, plays, lectures and debates, have been developed, with the spread in other local schools and various events results. Aspects of the methodology used enabled a significant integration among students, principals and teachers of the school, ensuring progress in gaining knowledge about the proposed object. Away from the power transformer, the project has significant contributions in promoting citizenship and sense belonging, fundamental elements for endogenous economic development.

Keywords: social capital; local history; citizenship; endogenous development.

Introdução

Pesquisa no campo socioeconômico sobre as atividades de pesca artesanal e de piscicultura em São João da Barra-RJ, aponta características importantes sobre o perfil dos atores envolvidos, as quais representam gargalos inibidores ao processo de organização produtiva e desenvolvimento local.

A presente pesquisa, desenvolvida ao longo da execução do projeto de extensão “Piscicultura integrada como fator de geração de emprego e renda”, registrou importantes resultados intangíveis, tais como: confiança, cooperação com reciprocidade e conhecimento, porém pouco evoluiu na vertente do emprego e renda, em função do comportamento dos interessados.

Os atores apresentaram um perfil individualista, com forte dependência econômica ao poder público, um alto grau de desinteresse sobre questões coletivas e ausência de iniciativa empreendedora, atributos que evidenciam um ambiente desprovido de uma estrutura de capital social necessária à evolução socioeconômica. Capital social visto através das suas dimensões: organização social, ação coletiva, cooperação e confiança, solidariedade e reciprocidade, Athayde e Ribeiro (2010) e facilitador da coordenação e cooperação para benefícios mútuos (MILANI, 2005, p.18-19).

Em decorrência do problema identifica-

do, foi implementado um projeto de extensão dirigido para o resgate e disseminação da história local. A premissa da existência acentuada de desconhecimento dos estudantes sobre a história do município de São João da Barra, fortaleceu a iniciativa e o projeto que teve início na Escola Estadual Dr. Newton Alves em Atafona, berço histórico do surgimento dos primeiros povoados (SÁ, 1995; 2009).

O tratamento da problemática pelo resgate da história local consistiu na tese de que a recomposição do capital social é função do fortalecimento das relações humanas, que por sua vez, decorre de um maior entendimento dos atores sobre a sua própria origem. O fato dos jovens desconhecerem a sua história torna-se um grande obstáculo a evolução sociocultural, daí o incentivo ao mergulho às origens na busca de conhecimento da história local e posterior disseminação entre a população nos seus diferentes seguimentos.

Dessa forma o objetivo de intervenção local, através da presente estratégia, se estabeleceu no sentido de contribuir para a mudança cultural, fundamento essencial do processo de indução ao desenvolvimento local.

A premissa central tratada nesse contexto é de que o ambiente sociocultural precisa ser dotado minimamente de uma estrutura de capital social para se desenvolver. Nesse

aspecto, ações dessa natureza tendem a fortalecer as relações sociais e podem impactar positivamente na melhoria da visão sobre a importância do coletivo, do senso de pertencimento, da colaboração e da cooperação entre os atores e agentes de um determinado ambiente.

O projeto ainda traz como justificativa, a expectativa de que a geração de novos conhecimentos, através do compartilhamento entre o conhecimento formal e o conhecimento informal, possa induzir um processo de mudanças no comportamento desses atores e agentes. Ainda, do momento em que eles se reconheçam na trajetória evolutiva de história local, estarão mais preparados para os importantes questionamentos sobre os velhos hábitos e as práticas improdutivas e inibidoras do desenvolvimento. A partir desse ponto, espera-se que novas práticas de trabalho possam ser potencializadas em decorrência do fortalecimento da capacidade de adaptação desses atores.

O trabalho está organizado pela introdução na sessão 1; unidade de análise na sessão 2; revisão bibliográfica na sessão 3; metodologia na sessão 4; análise e resultados na sessão 5 e considerações finais na sessão 6.

Unidade de Análise

A Escola Dr. Newton Alves iniciou suas atividades na casa de Dona Carmelita Moraes Nascife e passou a funcionar na atual sede, como escola, em 1970 onde os alunos que tinham aula com Dona Carmelita vieram todos para essa nova sede doada pelo Senhor Newton Alves. Esse relato está registrado no livro (Uma Dona chamada Atafona de João Noronha). Atualmente, a escola funciona com aproximadamente 500 alunos, matriculados no ensino fundamental e ensino médio, nos três turnos.

Revisão Bibliográfica

Na exploração dos principais aspectos do capital social, destaca-se Robert Putnam (2005), que trata a questão pela sua relação com o desempenho institucional. O autor postula que oportunidades de proveito mútuo são perdidas quando os atores não assumem compromissos entre si, acentuando a desconfiança. Enfatiza que o desempenho das instituições sociais depende da forma como os atores confiam uns nos outros e que os dilemas coletivos podem ser mais bem superados nas comunidades cooperativas. Essa cooperação, afirma, depende de que a comunidade tenha um estoque de capital social “sob a forma de regras de recípro-



cidade e sistemas de participação cívica” (PUTNAM, 2005, p.177).

De acordo com Albagli e Maciel (2002), uma das razões da difusão do conceito de capital social é o reconhecimento dos recursos embutidos em estruturas e redes sociais não contabilizados por outras formas de capital.

A organização social, a ação coletiva, a cooperação, a confiança, solidariedade e reciprocidade são algumas importantes dimensões de capital social que devem ser consideradas (GROOTAERT; BASTALAER, 2001).

De acordo com o Banco Mundial, evidências crescentes mostram que a coesão social é crítica para as sociedades prosperarem economicamente e para que o desenvolvimento seja sustentável. O capital social seria então, uma espécie de cola que une essas sociedades e de grande importância para o incremento dos demais capitais disponíveis, tornando possíveis objetivos que seriam mais difíceis sem esse recurso (ONE NORTH EAST, 2005).

O saber econômico nessa linha, também é construído sob pilares sociais. Defende-se que o capital social está se tornando um ingrediente vital no desenvolvimento econômico ao redor do mundo, constituindo-se como uma via de acesso para a formulação de novas estratégias de desenvolvimento (FUKUYAMA, 1999).

Argumenta-se que a teoria do capital social tem no âmago de sua análise o desempenho das instituições democráticas (BAQUERO, 2003) e cita-se que, para o Banco Mundial, por exemplo, esse conceito está sendo considerado como o “elo perdido” do desenvolvimento (FINE, 1999 apud BAQUERO, 2003), promovendo um novo entendimento da análise da redução da pobreza e da promoção da democracia social.

A função econômica do capital social é reduzir os custos de transação associados com os mecanismos de coordenação formal como contratos, hierarquias regras burocráticas e outros. É claro que é possível atingir ações coordenadas em grupos sem capital social, mas se presume haveria custos adicionais de monitoria, negociação, litígios e imposição de acordos formais (FUKUYAMA, 1999).

As colocações de Fukuyama (op. cit.) são ampliadas por diversos autores, argumentando que as diferenças na performance econômica dos países surgem das diferenças nas propensões sociais de criar confiança para além das famílias nucleares (LOCKE, 2001, p. 255).

Nas sociedades onde tal fato ocorre, constroem-se organizações mais eficientes, necessárias à competição nas indústrias de alta tecnologia e crescimento rápido. Mene-gasso e Carelli (2006), indicam que o capital social existente em um território deve ser

levado em consideração para a realização de um efetivo desenvolvimento sustentável. Concluem que o êxito desse desenvolvimento depende do engajamento da população local, sem a qual ele não irá acontecer. Além disso, inferem que este pode levar a uma maior habilidade de cooperar, por parte dos agentes.

O tema da confiança como termo explicativo da emergência de cooperação tem sido explorado em vários campos das ciências sociais. Nas duas últimas décadas, constituiu-se em fator importante para o processo de desenvolvimento local. Duas perspectivas sobre confiança podem ser apontadas nesse contexto: uma de natureza sociológica, na qual a confiança seria “um produto de longo prazo de padrões históricos de associativismo, compromisso cívico e interações extrafamiliares” (LOCKE, 2001, p. 254) e a outra, do âmbito da economia, a qual aponta como “elemento promotor desse tipo de comportamento o interesse próprio de longo prazo e o cálculo de custos e benefícios de atores maximizadores de utilidade” (LOCKE, 2001, p. 255).

A primeira perspectiva sobre confiança acima descrita direciona-se para o conceito de capital social. Coleman aponta para essa corrente, representada pela visão dos sociólogos, a qual vê os atores como socializados. As ações das pessoas seriam governadas por normas sociais, regras e obrigações. Seriam

dirigidas e reprimidas pelo contexto social, pelas normas, pela confiança interpessoal, pelas redes sociais, e pela organização social, que são importantes no funcionamento não somente da sociedade, mas também da economia (COLEMAN, 1988).

Nos contextos modernos, a confiança social pode provir das regras de reciprocidade e dos sistemas de participação cívica (PUTNAM, 1993b, p. 182-183). O autor, citando James Coleman, coloca que as regras são incutidas através de modelos e socialização (também por meio de sanções). A reciprocidade generalizada se refere a que haja expectativas mútuas de que um favor feito hoje possa ser retribuído no futuro. O intercâmbio é favorecido quando as pessoas acreditam que a confiança será retribuída. A continuidade do intercâmbio incentiva a reciprocidade generalizada e “a interação pessoal é um meio econômico e seguro de obter informações acerca da confiabilidade dos demais atores” (PUTNAM, Op. Cit., p. 172).

O autor ainda defende que as relações sociais existentes são fomentadoras de confiança e as relações continuadas neutralizam o oportunismo. A combinação de cooperação e o oportunismo nesse contexto “irá depender dos intercâmbios preexistentes” (PUTNAM, Op.Cit. p. 173).

As redes sociais são potencialmente criadoras de capital social, podendo contribuir

na redução de comportamentos oportunistas e na promoção da confiança mútua entre os agentes econômicos. Granovetter critica as duas visões do comportamento econômico: a visão neoclássica, que classifica de sub-socializada, visto que percebe apenas os indivíduos de forma atomizada, desconectada das relações sociais; e a visão estruturalista e marxista, que qualifica de supersocializada, porquanto os indivíduos são considerados em dependência total de seus grupos sociais e do sistema social a que pertencem, destacando que o capital social seria ao mesmo tempo um bem público e um bem privado (ATHAYDE e RIBEIRO 2011 apud MILANI, 2005).

Coleman (1988) cita as contribuições de Mark Granovetter, o qual argumenta que há uma falha para reconhecer a importância das relações interpessoais concretas e redes de relações, as quais chama de *embeddedness* (imersão). Gerar confiança, estabelecer expectativas, criar e reforçar normas. A ideia de Granovetter de *embeddedness* pode ser vista como uma tentativa de introduzir, dentro da análise econômica, a organização social e as relações sociais não meramente como uma estrutura para preencher uma função econômica, mas como uma estrutura com história e continuidade que lhe dá um efeito independente do funcionamento do sistema econômico.

Metodologia

O planejamento metodológico considerou na primeira fase, a escolha de dois alunos do 3º ano do ensino médio para a pesquisa e um animador cultural, da mesma escola, para as atividades de coordenação e articulação interna e externa. Complementarmente, os três bolsistas receberam treinamento sobre princípios do método de pesquisa científica, além de informações relacionadas ao papel do projeto. A segunda fase se constituiu da pesquisa propriamente dita e da elaboração das apresentações na forma de seminários e palestras para estudantes do ensino médio. A terceira fase se constituiu no processo de articulação com a direção da escola para viabilizar as apresentações junto ao alunado. A quarta fase se desenvolveu com a implementação de diferentes atividades para os diversos grupos de alunos (seminários, palestras, teatro, exposição de fotografias e outras manifestações lúdicas). A quinta e última fase se constituiu na construção de uma cartilha ilustrada sobre os aspectos da história local para o processamento da disseminação entre os diferentes segmentos da sociedade.

Complementarmente, foi estruturado um método quantitativo para medir a percepção do professor e aluno em relação a eficiência das atividades implementadas durante os eventos na escola. Foi utilizado

um questionário contemplando perguntas sobre: 1) o grau de conhecimento da história de São João da Barra antes e depois do projeto, 2) o papel do projeto no desenvolvimento pessoal e, 3) o papel do projeto na integração entre professores, alunos e servidores. Como apoio foi proposta uma escala de cinco níveis (insuficiente, baixo, médio, alto e excelente), de forma a ordenar a percepção dos respondentes e facilitar a ponderação na busca da efetividade do projeto.

Análise dos Resultados

Os resultados observados convergem com as expectativas geradas inicialmente. Conforme já diagnosticado, existem aspectos culturais instalados no ambiente local que são inibidores da ação coletiva e, por consequência, dificultam o processo de desenvolvimento.

As ações implementadas seja como palestras, seminários e atividades lúdicas, sem a pretensão de transformar o quadro no curto prazo, teve um papel importante na escola durante o ano letivo de 2013. Com a decisão da direção de institucionalizar o projeto neste ano como instrumento principal, pode-se observar uma melhor dinâmica nas práticas diárias e, conseqüentemente, uma contaminação positiva dos alunos, di-

retores e servidores que “vestiram a camisa” do projeto e se doaram em busca dos melhores resultados.

Importante relatar que diversos obstáculos foram superados até o ponto de aceitação do projeto. Durante a busca de interação com outras escolas, pode-se verificar uma certa rejeição a iniciativa e a evidência de desconfiança e acomodação. Tal fato, longe de desanimar, fez com que os esforços fossem dirigidos para a escola de origem, onde se sucederam as apresentações e a conseqüente construção da confiança junto a direção. Nos eventos da escola, como conselho de classe e outras comemorações do calendário, seminários e palestras eram apresentadas pelos pesquisadores bolsistas e também alunos da mesma escola.

A figura 01, a seguir, apresenta a escola em ação durante o momento de exposição de fotos antigas de São João da Barra, onde todas as séries do ensino fundamental e do ensino médio participaram. Nesses momentos acentuam-se o senso de pertencimento do alunos e o orgulho de ampliar seus conhecimentos sobre a sua origem e de sua família.

Na figura 02, os alunos respondem os questionários finais no momento de culminância do projeto, onde diversos eventos, como: canto, poesia, dança, ocorrem no ambiente da escola, com a participação dos diretores, professores, pais e colaboradores.



Figura 01: Escola Newton Alves em ação



Figura 02: Momento de culminância do projeto, com os alunos respondendo os questionários finais



Os resultados na ótica quantitativa puderam também confirmar a percepção inicial do baixo conhecimento dos alunos e professores sobre a história do município. O gráfico 1 a seguir, apresenta o resultado correspondente a aplicação dos 192 questionários, amostra equivalente a 40,17% do universo total. A amostra se compõe de 9 professores, 77 alunos de ensino médio e 106 alunos do ensino fundamental.

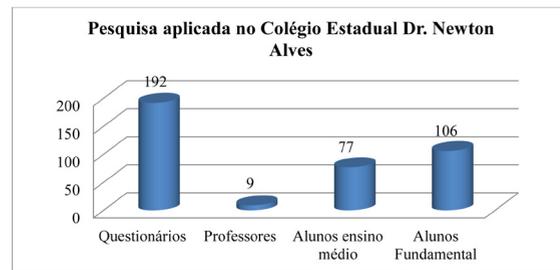


Gráfico 01: estrutura da amostra.

Fonte: Elaboração própria.

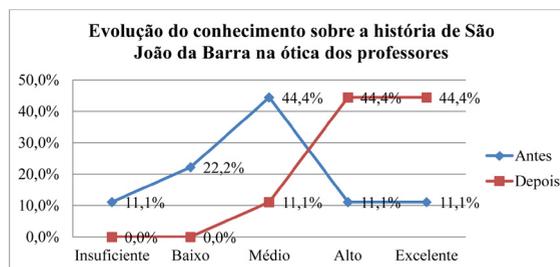


Gráfico 02: estrutura da amostra.

Fonte: Elaboração própria.

Conforme pode-se observar, antes do projeto, 11% do total dos professores tinham conhecimento insuficiente sobre a história de São João da Barra, 22% desses professores tinham conhecimento baixo e 44% tinham conhecimento médio. Na faixa aceitável, 11,1% tinha conhecimento alto e 11,1% excelente. Depois do projeto, enquanto as faixas inferiores (insuficiente, baixo e médio) caíram, as faixas superiores (alto e excelen-

te) subiram de 11,1% para 44,4%, mostrando que o projeto cumpriu o seu papel, segundo o objetivo.

O gráfico 3 a seguir, apresenta a percepção do professor sobre o papel do projeto na integração entre os alunos, diretores e professores.

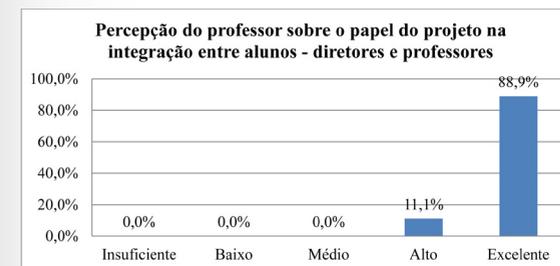


Gráfico 03: Percepção do professor sobre o papel do projeto na integração escolar.

Fonte: Elaboração própria

Observa-se que quase 90% dos professores indicaram na escala excelente a importância do projeto na integração entre os professores, alunos e servidores, enquanto 11,1% indicaram na escala alto a mesma importância.

O gráfico 4 a seguir, apresenta a evolução do conhecimento da história na ótica dos alunos de ensino médio.

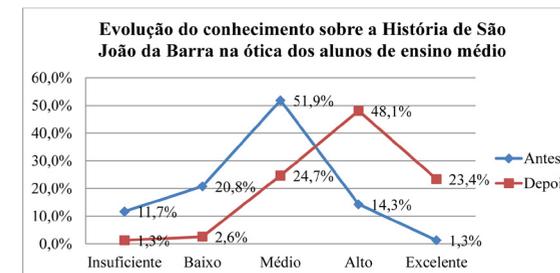


Gráfico 04: Evolução do conhecimento da história na ótica dos alunos de ensino médio.

Fonte: Elaboração própria

Os dados permitem deduzir que 32,5% dos alunos de ensino médio tinham um padrão de conhecimento insuficiente e/ou baixo sobre a história do município antes do projeto. A metade do grupo tinha um conhecimento médio e somente 15% tinha um padrão de conhecimento alto e excelente. Depois do projeto, o quadro muda indicando que 71,5% passaram a ter um padrão de conhecimento alto e/ou excelente.

O gráfico 5 a seguir, apresenta a percepção do aluno de ensino médio sobre o papel do projeto na integração entre alunos, diretores e professores.

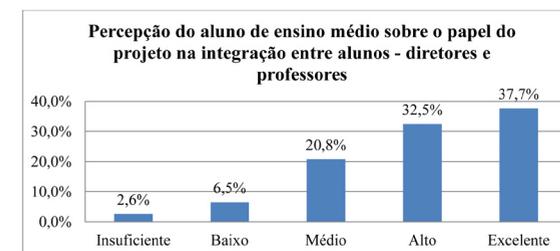


Gráfico 05: Papel do projeto na integração escolar.

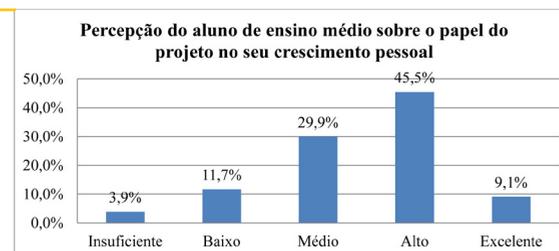
Fonte: Elaboração própria

A percepção do aluno de ensino médio sobre o papel do projeto na integração escolar também apresentou resultados importantes. Verificou-se que 70% dos alunos indicaram um padrão alto e/ou excelente do projeto na dinâmica de integração entre alunos, professores e diretores. Esse resultado é relevante quando o propósito a ser alcançado é incentivar o aumento do capital social no ambiente de interesse.

O gráfico 6 a seguir, apresenta a percepção do aluno de ensino médio sobre o papel do projeto no seu crescimento pessoal.

Gráfico 06: Percepção do aluno de ensino médio sobre o papel do projeto no seu crescimento pessoal.

Fonte: Elaboração própria



Na verificação do papel do projeto no crescimento pessoal dos alunos de ensino médio, a percepção de 55% do grupo é de uma influência de padrão alto e/ou excelente, enquanto 30% indicaram uma padrão médio. Um maior conhecimento desses jovens sobre a Universidade Estadual do Norte Fluminense, o contato com a história local, a participação em oficinas e o

trabalho coletivo, atua na melhora do comportamento. O exercício contínuo dessas atividades fazem muito bem ao indivíduo e a sociedade.

O gráfico 7 a seguir apresenta a evolução do conhecimento da história local, segundo a percepção dos alunos do ensino fundamental.

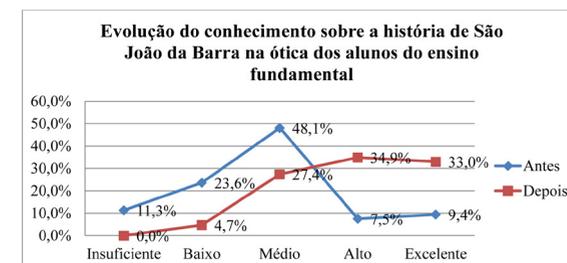


Gráfico 07: Evolução do conhecimento da história pelos alunos do ensino fundamental.

Fonte: Elaboração própria

A percepção dos alunos do ensino fundamental ficou bem próxima da percepção dos alunos do ensino médio. No que diz respeito a evolução do conhecimento da história local, 34,9% do grupo declararam ter conhecimento insuficiente e/ou baixo antes do projeto. Depois do projeto, pode-se verificar que 67% já apresentava padrão alto e/ou excelente.

No gráfico 8, foi medida percepção desse grupo de alunos sobre o papel do projeto na integração escolar.

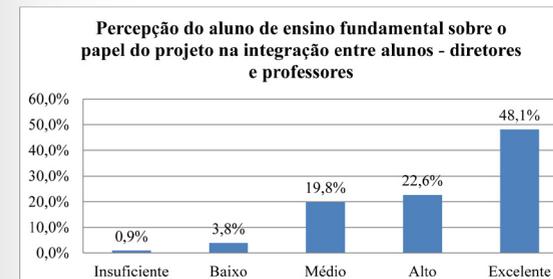


Gráfico 08: Percepção sobre o papel integrador do projeto.

Fonte: Elaboração própria

Sobre o papel integrador do projeto, considerando alunos, professor e diretos, observou-se que 70,7% do grupo indicaram um padrão alto e/ou excelente, ratificando a importância das atividades do projeto na melhoria da dinâmica escolar e no fortalecimento da ação conjunta.

O gráfico 9 apresenta a percepção do aluno de ensino fundamental sobre o papel do projeto em seu crescimento pessoal.

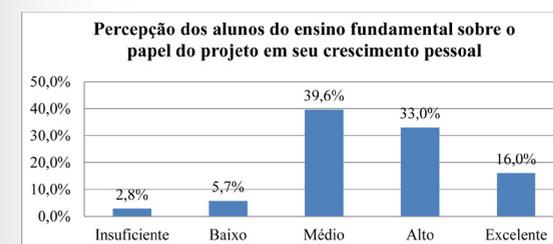


Gráfico 09: O papel do projeto no crescimento pessoal do aluno ensino fundamental.

Fonte: Elaboração própria

O papel do projeto no crescimento pessoal do alunos de ensino fundamental foi considerado por 49% do grupo no padrão alto e/ou excelente, enquanto 39,6% indicou um padrão médio. Menos de 10% consideraram um padrão insuficiente e/ou baixo.

Considerações finais

Diante do quadro de dificuldade observado no âmbito das relações sociais em São João da Barra, optou-se pela implementação do projeto de resgate e disseminação da história local, ainda como instrumento piloto, na Escola Estadual Newton Alves, cuja participação maciça dos estudantes, professores, diretores e demais atores, confirmou a premissa de que ações dirigidas nas escolas podem mudar o quadro de acomodação e falta de comprometimento coletivo. A experiência do debate com um farto volume de informação mexeu positivamente com os grupos envolvidos. Observou-se um maior interesse dos estudantes sobre aspectos culturais e históricos e, fundamentalmente, um maior interesse dos mais adultos pela universidade. A decisão da direção da escola em institucionalizar o projeto como referência para o ano letivo de 2013, representou uma mudança importante depois de diversas apresentações sobre a pesquisa histórica realizada pelos alunos bolsistas. A

recondução das atividades do projeto para alunos do ensino fundamental, motivada pelo interesse dos mesmos, também deve ser considerado como energia para a continuação desse esforço. A divulgação dos resultados da pesquisa sobre a trajetória histórica do município, em termos de seminários e palestras, se deu junto aos militares da Capitania dos Portos, Escola Municipal Dionélia Gonçalves Santos, Escola Municipal Domingos Fernandes da Costa, Conselho Municipal de Cultura e Escola Estadual Newton Alves (diversas apresentações).

Complementarmente, uma pesquisa quantitativa pode verificar a importância do projeto, no que diz respeito a formação de capital social, verificando a evolução do conhecimento dos grupos (professores, alunos do ensino fundamental e alunos do ensino médio), sobre a trajetória da história local, o papel do projeto do crescimento pessoal dos alunos e o papel do projeto no fortalecimento da integração entre alunos, professores, diretores e pessoal de apoio. Os resultados indicam a necessidade de aprofundamento desta iniciativa para outras escolas e posteriormente o uso da cartilha finalizada como disciplina eletiva em toda a rede escolar.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, K. e RIBEIRO, A. *Elementos Essenciais de Capital Social: uma investigação no Sistema*

Produtivo COAGRO. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, Taubaté - São Paulo, 2011.

COLEMAN, J. S. *Social Capital in the Creation of Human Capital*. The American Journal of Sociology, Chicago, v. 94, p. 95-120, 1988.

BAQUERO, M. *Construindo uma outra sociedade: o capital social na estruturação de uma cultura política participativa no Brasil*. Sociologia Política, Curitiba, v. 21, p. 83-108, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n21/a07n21.pdf>>. Acesso em 19 fev. 2009.

FINE, B. 1999. *The Development State is Dead – Long Live Social Capital?*. Development and Change, Oxford, v. 30, 1999, p. 1-19.

FUKUYAMA, F. *Social Capital and Civil Society*. In: IMF CONFERENCE ON SECOND GENERATION REFORMS, 1999, Washington, D.C. Publications... Washington, D.C.: International Monetary Fund, 2009. Disponível em <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/seminar/1999/reforms/fukuyama.htm>>. Acesso em 16 fev. 2009.

GROOTAERT, C.; BASTALAER, T.. *Understanding and Measuring Social Capital: a synthesis of findings and recommendations from the social capital initiative*. Social Capital Initiative. Washington, D.C: The World Bank. Working paper n. 24, p. 1-31, 2001.

MILANI, C. *Capital Social, Participação Política e Desenvolvimento Local: atores da sociedade civil e políticas de desenvolvimento local na Bahia*. Salvador: UFBA, 2006 (Projeto de Pesquisa). Disponível em <<http://www.adm.ufba.br/capitalsocial/Documentos%20para%20download/ISTR%202003%20Capital%20Social%20e%20Desenvolvimento%20Local.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2007.

NORONHA, J. *Uma Dama chamada Atafona*. Cultura Goytacá, São João da Barra, 2004.

ONE NORTH EAST. *Social Capital and Economic Development in the North East of England: Promoting Economic Inclusion through Community Based Programmes and Projects (Final Report Submitted by Durham University, Miles Strategic Consultin Ltd and White Young Green Ltd)*. Durham, 2005. 122 p. Disponível em <<http://www.statistics.gov.uk/socialcapital/downloads/soccaplitreview.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2007.

PUTNAM, R. (b) *Making democracy work: civic traditions in modern Italy*. Princeton: Princeton University Press, 1993, 258 p.

PUTNAM, R. *Comunidade e Democracia: A Experiência da Itália Moderna*. 4.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005, 257 p.

SÁ, C. A. *Zérigues: um jornalista político na província fluminense*. Rio de Janeiro, Cultura Goitacá, 1995.

SÁ, C. A. *Aspectos Culturais Sanjoanenses*. Rio de Janeiro, 2009.



Se a Sua Velhice for Dependente – Quem Cuidará de Você?

If Your Old Age is Dependent - Who Take Care of You?

Carlos Eugênio Soares de Lemos*, **Luiz Cláudio Carvalho de Almeida****,
Cecília Souza Oliveira***

*Doutor em Ciências Humanas (Sociologia) pelo IFCS-UFRJ. Professor na Universidade Federal Fluminense - Polo Campos dos Goytacazes. eugenioleamos@hotmail.com

**Mestre em Direito pela Faculdade de Direito de Campos (RJ). Promotor do Ministério Público Estadual. luizc@mp.rj.gov.br

***Doutora em Ciências Médicas pela USP – Ribeirão Preto. Professora da Universidade Federal Fluminense – Campus Campos dos Goytacazes. ceci.psioliveira@gmail.com

RESUMO

Realizou-se uma análise da experiência do Centro Dia no processo de transferência de apoio para idosos pobres em situação de dependência. Para tanto, realizou-se uma pesquisa exploratória em um programa de atenção integral a idosos que possuem dificuldades para realização das Atividades de Vida Diária e Atividades Instrumentais de Vida diária (AVDS e AIVDS). Verificou-se, então, o perfil geral dos usuários, as limitações dos serviços oferecidos pela instituição pública de saúde e a responsabilidade atribuída ao cuidador informal na esfera doméstica.

Palavras-chave: Família; Dependência; Envelhecimento; Saúde Pública.

ABSTRACT

An analysis of the role of government in the process of transfer of support for the poor elderly who are dependent. Therefore, we carried out an exploratory to a comprehensive care program for the elderly who have difficulty carrying out activities of daily living. There was, then, the general profile of users, the limitations of the services offered care and responsibility in the domestic sphere.

Keywords: Family; Addiction; Aging; Public Power.

Introdução

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa exploratória sobre o processo de transferência de apoio a idosos em situação de dependência e semi dependência num Centro Dia, ou seja, num complexo geriátrico de atendimento público. Deste modo, procura caracterizar o perfil social do usuário e o tipo do apoio recebido. Contudo, é importante destacar que, embora se reconheça como o faz o Estatuto do idoso a importância da família nessa transferência de apoio, a análise pretende discorrer sobre a natureza do apoio do poder público àqueles famílias que não possuem estrutura para cuidarem de seus idosos dependentes.

De forma secundária, também se pretende destacar o fato de que a dependência e a autonomia são partes constitutivas da experiência de viver em sociedade. Essa equação se modifica ao longo do curso de vida e de acordo com os condicionantes sócio-econômicos e a biografia das famílias em questão (BALTES & SILVERBERG, 1995; LEMOS, 2010). Muito embora a velhice e a infância sejam fases em que a dependência parece estar mais presente, os estudos atuais apontam para o fato de que em toda e qualquer fase do desenvolvimento humano, o equilíbrio entre esses dois fatores, dependência e autonomia, mostra-se primordial para o bem estar do indivíduo.

Aspectos Metodológicos

Da rede de assistência à saúde do idoso que existe no município de Campos dos Goytacazes, centro produtor de açúcar e petróleo, situado no norte do Estado do Rio de Janeiro, utilizou-se para este trabalho um estudo de caso sobre a experiência dos usuários do Centro-dia – um complexo geriátrico público de acompanhamento diurno do idoso “semi” dependente. Foi realizada uma análise das fichas funcionais dos usuários do Programa no ano de 2012, de modo a produzir uma tipologia básica sobre o perfil social do idoso, levando em consideração informações como gênero, idade, estado civil, renda, nível de instrução, cor, tempo na instituição, configuração familiar, estado de saúde e condições habitacionais.

Por outro lado, empreendeu-se também um estudo do relatório institucional do Inquérito Civil de 2010 e do Termo de Ajustamento de Conduta do Centro Dia, ambos levados a cabo pelo Ministério Público Estadual a partir de denúncias feitas pelos familiares dos usuários. Concomitante ao trabalho documental, foram realizadas entrevistas informais com os profissionais da área de saúde, ou seja, psicólogos e assistentes sociais que lidam diretamente com os usuários. E, num futuro próximo, tendo em vista a ampliação do projeto, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com os

idosos e os seus familiares.

Assim, mesmo reconhecendo as especificidades do recorte proposto e o seu alcance limitado, é possível falar das demandas da aldeia consciente de que se trata de uma realidade global (ELIAS, 2000). Os dilemas aqui retratados também são encontrados em outras configurações urbanas. Nestes termos, a narrativa da experiência caracterizada poderá servir de complemento, analogia, contraponto, indicativos para análises efetuadas em outros lugares em que a pergunta título se mostra pertinente.

A Experiência do Centro Dia

O envelhecimento com dependência é um dos sérios desafios com o qual as famílias brasileiras e o poder público vêm se deparando. O adiamento dessa discussão e da busca de soluções para enfrentá-lo poderá num futuro próximo ser desastroso, pois a mudança na pirâmide etária do país vem sendo alardeada há anos – a projeção é a de que em 2030 seremos mais de trinta milhões de idosos. Embora a tônica dos discursos seja o da gestão bem sucedida do envelhecimento, a situação de fragilidade apresenta-se como uma realidade constante nos asilos, nos hospitais e nos espaços domésticos (DEBERT, 1999).

Dentre as poucas iniciativas do poder público municipal para a família que enfrenta o problema da velhice dependente encontra-se a do Centro Dia,

É um programa de atenção integral às pessoas idosas que por suas carências familiares e funcionais não podem ser atendidas em seus próprios domicílios ou por serviços comunitários. Caracteriza-se por ser um espaço para atender idosos que possuem limitações para realização das Atividades de Vida Diária (AVD), que convivem com suas famílias, porém, não dispõem de atendimento de tempo integral no domicílio.

(PORTARIA N. 73, de 10 de maio de 2001, DO MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL).

Trata-se de um centro geriátrico público que, de acordo com o proposto pelo Estatuto do Idoso, busca resgatar os vínculos dos usuários para com os seus familiares, de forma que a situação de abandono não chegue a ocorrer. Nesse sentido, oferece uma rede de serviços profissionais para recuperar a saúde do idoso e diminuir o seu nível de dependência. Estes serviços são oferecidos em horários diferenciados e cada idoso tem o tratamento personalizado de acordo com o seu quadro.

O atendimento é temporário, pois assim que o idoso se recupera deve dar lugar a outros que também precisam. Mesmo assim,



o seu ambulatório geriátrico continua a atender a todos, tanto os usuários do projeto quanto os não usuários. Diante do apelido de “creche dos idosos”, os profissionais entrevistados percebem a instituição mais como um centro de reabilitação e resgate da autonomia do que uma mera instituição de cuidado formal do usuário. A preocupação que parece evidente é a de não ser identificada com uma espécie de asilo diurno.

O Centro Dia funciona das 07h00min às 19h00min horas, de segunda a sexta-feira. Não há funcionamento nos finais de semana e nos feriados, o que casa com a idéia de que nestes dias os idosos estarão em casa, acompanhados dos seus familiares. Os usuários do programa têm direito a três refeições, o café da manhã às 08h00min h, o almoço às 12h00minh e o lanche às 15h30minh. Os horários podem ser modificados de acordo com as recomendações médicas. Um veículo da prefeitura vai buscá-los em casa pela manhã e, quando chega à noite, levá-los de volta.

O perfil do usuário

O Centro Dia atende atualmente a 26 idosos com níveis diferenciados de dependência e que podem ser caracterizados do seguinte modo:

Sexo

A população atendida é majoritariamente feminina, pois a sua longevidade é superior à masculina, havendo um número maior de usuárias dependentes de ajuda especializada para enfrentar as limitações decorrentes de doenças que são regulares em tal fase da vida. A maioria, nascida nas décadas de 30 e 40 do século XX, tem entre 62 e 80 anos, sendo 56% de viúvos, 12% de separados, 20% de casados e 12% de solteiros. Esses aspectos estão em sintonia com as pesquisas que já foram realizadas sobre o perfil da população idosa no Sudeste e\ou atendida pelo Centro Dia (RAMOS, 1987). Elas apontam para o fato de que a velhice é feminina, oriunda dos setores de baixa renda e possui uma história pregressa ligada à migração da zona rural.

Cor

Em relação ao critério cor dos usuários atendidos, verificou-se que 46% foram identificados como brancos, 27% de pardos, 24% de negros e cerca de 3% sem registro. Os dados encontrados são corroborados por pesquisas que, partindo de questões estruturais da sociedade brasileira, destacam o fato da expectativa de vidas dos negros e do acesso de qualidade aos serviços de saúde

se situarem em desvantagem em relação aos demais (VIANNA et al, 2001; LOPES, 2005; TELLES, 2003). Os dados do Censo do IBGE 2010 para a cor da população seguem uma proporção similar à verificada no atendimento, ou seja, 48,5% de brancos, 36,6% de pardos e 14,1% de pretos e o restante para as demais cores.

Nível de Instrução

Os dados coletados para a escolaridade demonstram que aproximadamente 50% dos atendidos possuem apenas o primário, 27% de analfabetos, 20% com Ensino Médio e 3% sem registro. Todos são oriundos de classe baixa, recebendo uma aposentadoria de salário mínimo e, ao longo da vida, desenvolveram atividades como as de faxineiro, cozinheiro, motorista, pedreiro, entre outras de status similar. Cabe destacar que o período em que foram crianças e jovens o acesso a educação no país era restrita e a expansão da escolaridade popular ainda lenta (RIBEIRO, 1978; ROMANELLI, 1980; SAVIANI, 1988). Estudos demonstram que o nível de instrução é uma importante variável que se relaciona com o cuidado que uma pessoa tem para com a sua própria saúde (LIMA-COSTA, 2004; ALVES & RODRIGUES, 2005).

Dependência

Os usuários que utilizam os serviços do Centro Dia possuem algum tipo de dependência, decorrente de doenças como acidente vascular cerebral, diabetes, infarto, depressão e alcoolismo. Do ponto de vista geriátrico, o conceito de dependência está associado à idéia de vulnerabilidade aos condicionantes do meio externo. Para avaliar o seu grau, que pode ser leve, parcial e total, recorre-se ao método de avaliação funcional, relacionada à execução das atividades básicas da vida diária (AVD básica) e atividades instrumentais da vida diária (AVD instrumental). No caso das AVDs básicas, são levados em consideração ações como tomar banho, vestir-se, higiene pessoal, locomoção, continências das necessidades fisiológicas e alimentar-se. Nas AVDs instrumentais, ações como conseguir atender telefone, fazer compras, usar transportes, preparar as refeições, passar roupas, tomar os remédios na dose e na hora certa, entre outras.

Pela natureza das doenças de que foram acometidos, os usuários apresentaram um comprometimento maior nas atividades instrumentais da vida diária. Essa limitação tem um impacto importante na rotina da família e do cuidador informal, tendo em vista que o idoso precisará de uma atenção redobrada, principalmente porque a ma-



nutrição de sua saúde dependerá de que outros possam assisti-lo ao longo do dia. Contudo, deve-se levar em consideração que a dependência é processual e pode sofrer modificação ao longo do tempo. De qualquer modo, o poder público precisa estar solidário, pois o idoso pode ser incluído no perfil de alta necessidade, alta predisposição e baixa capacidade, o que chama a atenção para a necessidade de intervenções governamentais que dêem conta desse grupo que concentra alta morbidade e importantes limitações e tem na saúde e no seu adequado acompanhamento numa das principais aspirações para o alcance de uma velhice digna. (LEBRÃO, 2007).

Configuração Familiar

A maioria dos usuários mora com os familiares. Cabe destacar que os “outros” do gráfico são os enteados, noras e sobrinhos. Os que vivem sozinhos moram no mesmo quintal dos filhos. Em todos os casos, ainda que os homens estejam presentes, são esposas, filhas, irmãs, sobrinhas e noras que cuidam dos idosos semi dependentes ou dependentes. Contudo, a situação vem se tornando insustentável já que a dedicação aos estudos, ao trabalho e à busca da realização profissional empurrou a mulher para o espaço público, restando-lhe pouco tempo para

uma obrigação que lhe vem sendo imposta ao longo da história. Nestes termos, elas enfrentam uma tripla jornada de trabalho, tendo em vista o emprego, o cuidado com a casa e os familiares.

O Centro Dia sob o olhar do MPE

Em 2009, no âmbito do Ministério Público, foi instaurado o inquérito civil nº 2008.00196381 para apurar notícia de irregularidades no Centro Dia de Campos de Goytacazes, encaminhada pela Ouvidoria Geral do próprio MP. A referida investigação foi conduzida pela Promotoria de Justiça de Proteção ao Idoso e à Pessoa com Deficiência do Núcleo Campos dos Goytacazes, sendo detectada a procedência do informe inicial, sobretudo em razão de dois aspectos. Em primeiro plano, observou-se que o Centro Dia de Campos dos Goytacazes não era coordenado por pessoa tecnicamente capacitada em desacordo com o previsto pela Portaria nº 73, de 10 de maio de 2001, do então Ministério da Previdência e Assistência Social. Além disso, verificou-se que a equipe técnica precisava ser ampliada para fazer frente às necessidades dos idosos atendidos no Centro Dia. Em segundo lugar, verificou-se um número reduzido de vagas oferecidas em comparação com o número

da população idosa local.

É importante salientar que no curso do inquérito civil ficou claro que historicamente a administração do Centro Dia de Campos dos Goytacazes dava-se à revelia das normativas existentes sobre o tema, funcionando de maneira improvisada e sem parâmetros técnicos. A gerência do Centro sempre foi conduzida por coordenador indicado por critérios puramente políticos e sem qualquer formação técnica na área de saúde ou de gerontologia. Detectou-se que tal forma de administração do órgão em questão criou vícios que em última análise causavam prejuízos para a proteção dos direitos da população idosa.

Salienta-se que o Centro Dia disponibilizava pouco mais de 20 (vinte) vagas, o que diante da demanda bem superior à oferta gerava um grande poder para o administrador em função da discricionariedade na indicação das pessoas acolhidas. Outra consequência do número reduzido de vagas era a necessidade de desligamento periódico de idosos para permitir a abertura de novas vagas, o que gerava questionamentos da família sobre as razões do desligamento do familiar idoso. Feito o diagnóstico do problema, o Ministério Público iniciou as tratativas no intuito de celebrar um termo de ajustamento de conduta visando a buscar uma solução extrajudicial para a questão, nos moldes do que autoriza o art. 5º, § 6º, da

Lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985.

Em linhas gerais, o termo ou compromisso de ajustamento de conduta pode ser considerado “um acordo firmado entre o órgão público legitimado para a ação civil pública e aquele que está vulnerando o interesse difuso ou coletivo protegido pela lei” (CARVALHO, 1995). Após algumas tratativas, o acordo foi pactuado em 08 de julho de 2009 por meio de termo de ajustamento de conduta no qual foram previstas 16 cláusulas divididas em três grupos, referentes a critérios para atendimento, recursos humanos e estrutura física.

O objetivo fundamental do compromisso era, de forma inédita em Campos dos Goytacazes, adequar o funcionamento do Centro Dia aos atos normativos reguladores da matéria, que são a Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, o Decreto nº 1.948, 03 de julho de 1996, a Portaria nº 810, de 22 de setembro de 1989, do Ministério da Saúde, e a Portaria nº 73, de 10 de maio de 2001, do então Ministério da Previdência e Assistência Social.

Além de fixar alguns conceitos extraídos dos atos normativos acima elencados e definir o horário de funcionamento, o compromisso de ajustamento de conduta estabeleceu, em sua cláusula segunda, um rol de atividades a serem desenvolvidas, quais sejam: I - Atendimento e apoio individual e sócio familiar; II - Atendimento biopsicossocial aos idosos, de acordo com



suas necessidades; III - Atividades lúdicas, sociais, esportivas, laborativas, produtivas, e de integração social; IV - Atividades terapêuticas; e V - Atividades de atenção médico-sanitário.

Houve ainda a preocupação de se registrar o dever do Município de planejar as atividades elencadas em parceria e com a participação efetiva dos idosos, respeitando suas demandas e aspectos socioculturais do próprio idoso e da região onde está inserido.

Exigiu-se, ainda, do Município a lotação de servidores capacitados tecnicamente e criação de estrutura adequada para o oferecimento do serviço em tela. O Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) previu a obrigação da duplicação de vagas no Centro Dia já existente em Campos dos Goytacazes e da criação de outro Centro Dia com capacidade mínima para atendimento de 20 (vinte) vagas.

A ampliação da rede foi detectada como uma necessidade urgente dentro do Município, devendo ser lembrado que, segundo as normativas em vigor, o Centro Dia deve ser localizado dentro da malha urbana, com facilidade de acesso ao transporte coletivo e, preferencialmente, próximo à rede de saúde, comércio e demais serviços. Registra-se que Campos dos Goytacazes é o município de maior extensão territorial do Estado do Rio de Janeiro o que acentua

o problema da centralização do serviço. Na realidade, o ideal seria a disseminação de vários Centros Dias no Município permitindo o atendimento da população idosa o mais próximo possível de suas residências. O termo de ajustamento de conduta não teve a pretensão de resolver o problema, mas tão-somente deflagrar o processo de descentralização, nada impedindo novas ações do Ministério Público no sentido de dar continuidade ao processo de expansão da rede.

No que se refere ao aumento das vagas foram estabelecidos os seguintes prazos: 1) 120 (cento e vinte) dias a contar da assinatura do TAC para a duplicação das vagas no Centro Dia já existente; 2) até 31 de dezembro de 2010 para inauguração de novo Centro Dia em local diverso do centro já existente e com oferta mínima de 20 (vinte) vagas.

Tão logo assinado o TAC, foi promovida a mudança na Coordenação do Centro Dia em atenção ao que previa a cláusula sétima que exigia que o Coordenador fosse obrigatoriamente graduado em curso de nível superior na área de saúde, cuja definição foi remetida ao art. 11, § 2º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição do Estado do Rio de Janeiro. Todavia, os prazos estabelecidos para ampliação da rede não foram cumpridos o que levou o Ministério Público a executar judicialmente o termo de ajustamento de conduta assinado. A

execução foi distribuída para a 5ª Vara Cível de Campos dos Goytacazes recebendo o processo nº 0019136-53.2011.8.19.0014.

A judicialização da demanda traz em si todas as dificuldades intrínsecas ao desenvolvimento de processos judiciais, mormente quando o réu é um ente público. Notoriamente as execuções das chamadas obrigações de fazer geram, por si só, dificuldades já diagnosticadas no campo do direito processual. Nesse ponto, mostra-se pertinente a observação de Marcos Maselli Gouvêa: “Importância maiúscula deve ser atribuída ao tema da execução das obrigações de fazer. A efetividade do processo procura desenvolver meios processuais que permitam ao titular do direito material fruição mais próxima possível àquela que adviria da entrega espontânea do bem-da-vida. De nada adianta tutela coletiva, tutela antecipatória e termos de ajustamento de conduta se, diante de administradores refratários, a obrigação reconhecida como devida vier a se tornar letra morta” (GOUVÊA, 2003).

Contudo, apesar de suas limitações, a execução dos títulos executivos assinados pelo gestor público tem se apresentado como o caminho adequado à concretização dos direitos coletivos e difusos da população idosa. Assim sendo, aguarda-se que, de posse dos mecanismos processuais disponíveis, o Ministério Público obtenha sucesso na exe-

cução proposta, conseguindo a extensão da rede de atendimento da população idosa no Município de Campos dos Goytacazes.

O cuidador informal e a velhice fragilizada

O envelhecimento com dependência é um dos sérios desafios com o qual a família brasileira e o poder público vêm se deparando. O adiamento dessa discussão e da busca de soluções para enfrentá-lo poderá num futuro próximo ser desastrosos, pois a mudança na pirâmide etária do país é algo alardeado há anos – a projeção é a de que em 2030 somaremos mais de trinta milhões de idosos. Embora a tônica dos discursos em geral e o da mídia seja o da gestão bem sucedida do envelhecimento, a situação de fragilidade apresenta-se como uma realidade constante nos asilos, nos hospitais e nos espaços domésticos. Não há uma política pública sistemática voltada para responder aos problemas decorrentes dessa situação de dependência. E essa ausência pode colaborar para tornar a situação do cuidador muito estressante. Muito embora, deva se tomar cuidado para não fazer uma associação direta entre as condições de saúde do cuidador informal e o idoso em situação de dependência (NERI, 2002). Mas de qualquer forma,



A relação entre o cuidador e o idoso dependente é complexa e, dependendo do perfil psicológico de ambos, poderá ser muito difícil, principalmente em relação à autonomia do idoso que, apesar de estar dependente e frágil, muitas vezes tem expectativas de exercitá-la tão plenamente quanto em seu passado.

(FLORIANI; FERMIN, 2004, p.3/4)

Estar em companhia de seus familiares não garante, necessariamente, que os idosos dependentes terão mais conforto e apoio para a realização de suas atividades básicas. É de conhecimento das delegacias dos idosos que as violências de que estes se queixam são, na maioria das vezes, praticadas por familiares, vizinhos e conhecidos. No caso dos idosos dependentes e fragilizados, o Estatuto do Idoso estabelece que, antes de qualquer instituição, a família deva arcar com os seus cuidados, fazendo prevalecer a solidariedade entre gerações dentro do âmbito privado,

Em países como o Brasil, que oferecem poucas alternativas de apoio formal, o amparo oferecido pela família e por outros membros da rede informal é de fundamental importância. As dificuldades e a sobrecarga do cuidador familiar acontecem em parte porque as famílias têm poucos filhos e porque há cada vez mais mulheres que trabalham; em parte por causa das mudanças nos valores familiares e sociais, incluindo-se os relativos à solidariedade para com os idosos.

(NERI; CARVALHO, 2002, p. 779)

Estudos, como os realizados pelo IBGE e Camarano (1999), colocam em cheque a antiga visão que apresentava os idosos como dependentes financeiros. Isso é um dado que pode tornar mais amena a situação de um idoso fragilizado ou, então, torná-la dramática. Na condição de dependente, a família pode se posicionar de forma solidária ou se aproveitar da situação para uma apropriação indébita. Não se esquecendo que a Constituição Federal também estabelece que os idosos desprovidos de renda possam reivindicar alimento de seus filhos. Isso abre espaço para muitas querelas, que vão dos filhos que não ganham o suficiente para si mesmo e protestam, aos pais que foram negligentes e omissos com a família e ameaçam com a lei, o que muitos numa análise pouco emocional não lhe dariam por justiça.

Aqui, do ponto de vista sociológico, o interesse em torno da dependência recai sobre a questão da reciprocidade, dos conflitos que se estabelecem na transferência de apoio entre os envolvidos e sobre quem deve assumir a responsabilidade para com o idoso fragilizado. Neste processo, embora não se perca de vista o fato de que as agressões contra os idosos partem de familiares e conhecidos, é preciso tomar o devido cuidado para não sobrecarregar os cuidadores informais, esquecendo de que eles são obrigados a enfrentarem sob duras condições um de-

safio que não escolheram. E quem cuidará da saúde e da dignidade deles?

Podemos imaginar o ônus desta árdua e desgastante tarefa, forjada numa repetitividade diária incessante, muitas vezes durante anos, com sobrecarga de atividades no seu cotidiano, sendo quase sempre uma atividade solitária e sem descanso, que pode levá-lo a um isolamento afetivo e social (...) quem arcará com os potenciais danos físicos, emocionais, sociais e existenciais do cuidador?

(FLORIANI & FERMIN, 2004, p.2/8)

Mesmo considerando os diferentes padrões de suporte familiar, considera que aqueles idosos com o número maior de filhos aumentam substancialmente a sua possibilidade de receber apoio no momento de necessidade. Em termos quantitativos é bem provável que sim, porém, numa análise mais qualitativa o número de filhos não é necessariamente uma garantia, tendo em vista que há uma tendência de um filho esperar que o outro assuma a responsabilidade, principalmente quando as relações entre eles estão marcadas por conflitos e disputas. De forma geral, as condições materiais e o curso de vida dos idosos e de sua relação com os filhos é que vão determinar a natureza da transferência de apoio.

Considerações Finais

Como na maioria dos casos são famílias pobres ou remediadas, sem uma estrutura pública de apoio não há como enfrentarem eficazmente o desafio da velhice dependente. Nota-se que em todos os casos, os idosos são portadores de doenças crônicas ou vivenciam algum tipo de situação em que as atividades funcionais do dia-a-dia ficam parcialmente comprometidas. De acordo com a doença, demanda tratamentos sistemáticos, remédios caros, acompanhamento médico, terapias físicas e cognitivas, entre outros. Sem falar que esse desafio pode ter um alto custo físico e emocional para o cuidador informal – geralmente uma mulher que se vê obrigada a cumprir dupla jornada de trabalho.

A partir da lógica sustentada pela busca da autonomia do idoso com algum nível de dependência, o Centro Dia é pensado como uma possibilidade de manutenção dos vínculos familiares e não institucionalização dos idosos nos asilos, tendo em vista o investimento feito em sua saúde física e mental. A ideia é positiva, porém, esbarra em questões que serão apontadas para o caso de Campos dos Goytacazes, mas que, respeitando as especificidades de cada configuração, podem ser problematizadas para outros lugares também.

A primeira delas diz respeito à estrutura



de atendimento. Dentro de uma cidade em que a população de idosos soma mais de 40 mil pessoas, e deste montante o segmento de baixa renda é o mais expressivo, o público alvo prioritário do programa são aqueles idosos com algum tipo de dependência. O que torna pertinente perguntar se numa perspectiva de política social o efeito é tão abrangente quanto é propagado pelo poder público municipal. A questão não é porque atende apenas a vinte e seis pessoas. O problema é que existe apenas um Centro-Dia para uma cidade de quase 500 mil habitantes. Não perigaria de a pressão exercida pelos que precisam de uma vaga no centro levar a soluções apressadas para o problema dos que já estão?

A segunda questão é referente ao fato de que os cuidadores informais precisam de uma formação para lidar com os seus idosos dependentes. Algumas dessas doenças são complexas e requerem um tratamento minucioso. O desconhecimento acerca do seu desenvolvimento, de suas características e de como atingem o modo de ser do idoso pode piorar o quadro clínico deste. Cuidar para que os familiares compreendam do que se trata a doença, dos seus aspectos psicológicos, sociais e dos melhores procedimentos a serem adotados em relação a ela, é também uma tarefa dos que detêm o poder e a informação.

Isso nos leva a terceira questão. Uma re-

lativa autonomia do idoso pode ser recuperada, mas também ser novamente perdida. Entre os pólos da dependência e da autonomia existe uma gama de condições que variará de pessoa para pessoa e das interações familiares. De qualquer forma, para alguns mais cedo, para outros mais tarde, o nível de dependência (atividades funcionais e/ou atividades instrumentais) certamente tende a aumentar. Empurrar a fragilidade para idades cada vez mais distantes não significa que um dia ela não chegará.

REFERÊNCIAS

ALVES, LS; RODRIGUES, RN. *Determinantes da autopercepção de saúde entre idosos do Município de São Paulo, Brasil*. São Paulo: Rev Panam Salud Publica. 2005; 17(5/6): 333-41.

BALTES, MM; SILVERBERG, S. *A dinâmica dependência-autonomia no curso de vida*. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Psicologia do envelhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CAMARANO, AA. *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CARVALHO FILHO, José dos Santos. *Ação Civil Pública: comentários por artigo*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos. 1995

DEBERT, GG. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1999.

ELIAS, N; SCOTSON, JL. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FLORIANI, CA; SCHRAMM, FR. *Atendimento domiciliar ao idoso: problema ou solução?* Cad. Saúde Pública vol.20, nº. 4. Rio de Janeiro July/Aug. 2004.

GOUVÊA, Marcos Maselli. *O Controle Judicial das Omissões Administrativas: novas perspectivas de implementação dos direitos prestacionais*. Rio de Janeiro: Forense. 2003.

LEBRÃO, ML. *Saúde e independência: aspirações centrais para os idosos. Como estão sendo satisfeitas?* In: NERI, Anita Liberalesso. *Idosos no Brasil – vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

LEMO, CES. *A solidão judicializada e a solidariedade intergeracional*. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 12, n. 2, p. 29-54, maio/ago. 2010.

LIMA-COSTA, MF. *A escolaridade afeta, igualmente, comportamentos prejudiciais à saúde de idosos e adultos mais jovens?* Inquérito de Saúde da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 13, n. 4, dez. 2004.

LOPES, F. *Para além da barreira dos números: desigualdades raciais e saúde*. *Cad. Saúde de Pública*, v.21, n.5, p.1595-601, 2005.

NERI, AL. *Cuidar do idoso em família – questões psicológicas e sociais*. São Paulo: Alínea Editora, 2002.

RAMOS, LR; VERAS, RP; KALACHE, A. *Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira*. *Rev. Saúde Pública*, 21: 211-24, 1987.

TELLES, E. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 2003.

RIBEIRO, MLS. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

ROMANELLI, OO. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*, Petrópolis: Vozes, 1980.

SAVIANI, D. *Política e Educação no Brasil*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

VIANNA, SM. et al. *Medindo as desigualdades em saúde no Brasil*. Brasília: Organização Panamericana de Saúde. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2001.



Uma Nova Leitura do Espaço Urbano de Campos dos Goytacazes através do Olhar da Criança: Contribuição Para Uma História Cultural Urbana

A New Reading of the Campos dos Goytacazes Urban Space through the Vision of the Child: Contribution to a Urban Cultural History

Teresa P. Faria*, **Maria Alice Pohlmann****

*Dr^o em Estudos Urbanos
LEEA/CCH/UENF
tetepeixoto@gmail.com

** Msc Políticas Sociais
LEEA/CCH/UENF
oliveira.pohlmann@gmail.com

RESUMO

O presente artigo corresponde às atividades da Oficina CEU, do projeto de extensão intitulado "Integração Socioespacial, Qualidade de Vida e Cidadania" (2004 – 2008), atualmente intitulado "Integração Socioespacial, questão ambiental e Cidadania". Escolhemos a comunidade do Matadouro, por esta ser considerada área periférica do ponto de vista sócioespacial e por localizar-se próxima à UENF. O objetivo é, a partir dos desenhos, redações e fotografias elaborados pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Francisco de Assis, no Matadouro, participantes das atividades da Oficina CEU, captar as percepções, as representações das crianças sobre o ambiente urbano. A criança é um explorador nato do espaço, já que este se constitui como o local de suas brincadeiras, e com a liberdade e o despojamento que possui torna-se um agente interessante para uma leitura e/ou releitura da cidade. Nas atividades, as formas de expressão utilizadas não sofreram imposição de qualquer técnica, permitindo que as idéias fluíssem sem constrangimento. Os temas desenvolvidos foram: moradia, bairro, caminhos, o centro da cidade. Concluímos que as crianças têm um domínio e conhecimento da comunidade onde vivem, e que o "centro" é o espaço de referência e representação da cidade de Campos dos Goytacazes.

Palavras-chave: Representação; Práticas Culturais e Cidade

ABSTRACT

The present article is from one of those activities of Oficina CEU, belonging to the Extension Project entitled "Integração Socioespacial, Qualidade de Vida e Cidadania", (2004 – 2008), at the present time entitled "Integração Socioespacial, questão ambiental e Cidadania". We choose the Matadouro Community, firstly because that community is considered to be a peripheral area on a socioespacial point of view, beyond the fact that Matadouro was occupied by very poor group of people. Secondly, this area is located close to UENF. The main goal of this article is, since the drawings, texts and pictures, elaborated by students of Brazilian Education System's Fifth Degree in Escola Municipal Francisco de Assis, in the Matadouro Community, participants on activities at the Oficina CEU, grasp the perceptions and the representation of the children about the urban environment. A child is a space natural Explorer, since that this space is its favourite place to play. From its freedom and its stripping, the child becomes an interesting agent, allowing to read or reread the city. On the research, the different ways to express themselves didn't suffered any imposition from any technical allowing ideas could flow without embarrassment. The developed subjects were: housing, neighborhood, ways, downtown, without any influence from the researchers. We could conclude that the children have a domain and knowledge of the community where they live and that the Downtown Area is the main reference of the centrality of Campos dos Goytacazes city.

Keyword: Representation, Cultural Practices and City.

Introdução

O presente artigo resulta de umas das atividades do projeto de extensão intitulado “*Integração Socioespacial, Qualidade de Vida e Cidadania*”, desenvolvidas entre 2004 e 2008. O objetivo do artigo é, a partir dos desenhos, redações e fotografias elaborados pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Francisco de Assis, na comunidade do Matadouro, em Campos dos Goytacazes, que participavam das atividades da *Oficina CEU*¹, captar as percepções e as representações das crianças sobre o meio ambiente urbano, integrando-as aos nossos estudos sobre a cidade.

A criança é um explorador nato do espaço, já que este se constitui como o local de suas brincadeiras e com a liberdade e o despojamento que possui torna-se um agente interessante para uma leitura e/ou releitura da cidade, contribuindo assim para a construção da história cultural urbana.

A atividade baseada na foi realizada com os alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Francisco de Assis (EMFA) que participaram das atividades da *Oficina CEU*, em 2007. A maneira como as representações da cidade, bairro e a comunidade desses alunos foram captados a partir de desenhos, redações e fotografias elaborados pelos mesmos.

A cidade pensada, formulada, enunciada

pela imagem, discurso, planos e desenhos não é livre enquanto representação. Rama (1984) esclarece que as cidades, antes de aparecerem na realidade, existem como representações simbólicas, por meio de discurso, imagens mentais, gráficos, desenhos e planos, que traduzem uma vontade e um sonho, que é de transformar o espaço no sentido de concretização de uma idéia: fazer da cidade que se tem a cidade que se quer.

Para Chartier (1995), a noção de representação é central para a concepção de história cultural, que se baseia na correlação entre práticas sociais e representações. Para ele, o termo representação manifesta tensões, por um lado, a representação como dando a ver um objeto ausente, o que supõe que através da representação deixa de ter a ausência. Por outro lado, a representação aparece como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém. Em outras palavras, a representação afirma uma presença daquilo que se expõe no lugar do outro. Pesavento (1995) concorda com Chartier, quando diz que a representação é a presença daquilo que se expõe no lugar do outro.

Portanto, a relação de representação com o objeto ausente, segundo Pesavento (1995), é uma presentificação, o que é dado a ver segundo uma imagem, mental ou material, que se distancia do mimetismo puro e simples e trabalha com uma atribuição de

sentido.

Já Roncayolo (1995) diz que a cidade é a representação ou um conjunto de representações, sendo que há um sistema de idéias, mais ou menos coerentes, daqueles que “fazem à cidade”, a projetam, discutem e executam. Esses portadores de tais idéias seriam identificados no interior das classes dominantes ou das elites dirigentes como os “profissionais da cidade”, os encarregados de implementarem os equipamentos necessários à intervenção urbana. Entretanto, o autor nos lembra que ao fazermos uma leitura da cidade não podemos nos prender apenas aos construtores do espaço urbano, também temos que nos perguntar sobre as representações da cidade que provém dos consumidores do espaço ou habitantes da urbe que também constroem a cidade.

Bourdieu (1982) nota que as representações do mundo social na cidade atribuem valores, ao espaço, à cidade, à rua, aos bairros, aos habitantes, sendo que estes não são neutros, devido à consonância com as relações sociais e de poder. Assim é que as qualificações de perigosa ou segura, limpa ou suja, ordenada ou anárquica, bela ou feia, para uma cidade variavam de acordo com os produtores ou consumidores do espaço.

Sem dúvida, estes “produtores do espaço” concebem uma maneira de construir e/ou transformar a cidade, através de práticas definidas, mas também constroem uma

maneira de pensá-la, vivê-la ou sonhá-la. Há a projeção de uma “cidade que se quer”, imaginada e desejada, sobre a cidade que se tem, plano que pode vir a realizar-se ou não.

Mas o interessante é que a cidade, por ser produzida por diferentes grupos sociais que a habitam, tem vida própria e não podemos nos esquecer que as classes comuns também constroem representações, criam outras práticas que nem sempre são registradas.

Aqui, especificamente, nos orientamos pelos estudos sobre a criança, realizados por estudiosos como Geertz (1978), Áries(1988), Corsaro (1997), Méredieu (2006), Malho (2006), que demonstram que a criança, através das experiências vivenciadas, seleciona, modifica e cria percepções e representações sobre o que a rodeia, podendo assim construir a representação do espaço em que estão inseridas. Segundo Corsaro (1997), as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e representações, contribuindo para a produção do mundo adulto.

Desse modo, estamos convencidos de que revelar o que está escondido nos relatos, desenhos e fotografias, realizados pelas crianças, isto é os aspectos valorativos da percepção que elas têm do bairro e/ou cidade, é uma forma de resgatar a cidade real. Entender a questão deste modo não é submetê-la a um mero jogo de palavras, mas

¹A Oficina CEU – Conhecendo o Espaço Urbano, é uma atividade de extensão universitária do Projeto Integração sócio-espacial, qualidade de vida e cidadania, cujos um dos objetivos é levar a criança a perceber que são sujeitos urbanos e que podem agir como elementos modificadores da realidade.



sim partir do pressuposto de que as representações são partes integrantes, também, daquilo que chamamos realidade.

Para a realização da pesquisa, primeiramente coletamos informações sobre o grau de conhecimento e entendimento das crianças a respeito da cidade, através de desenhos e redações, elaborados pelos alunos. Em segundo lugar, com o intuito de perceber qual o olhar que elas tinham sobre a cidade e, ao mesmo tempo aguçar este olhar, passamos à observação prática, pois como aborda Lynch² (1999), *ao olhar para a Cidade percebe-se que a cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados.*

Desse modo, a prática da observação e percepção foi importante para envolver as crianças numa questão simples mais premente, que é **"PENSAR A CIDADE"**, percebendo-a como espaço-expressão. De acordo com De Certau (1994), podemos considerar que a cidade tem sua expressão, através da arquitetura e do traçado, e dos registros físicos de sua linguagem, que revelam a história, as idéias e os sonhos que deixaram suas marcas simbólicas na forma urbana.

A Criança e a Cidade: o que o olho vê? O que ele percebe?

O mundo visto e entendido pela criança não é, obviamente, como o do adulto, pela simples evidência de que uma criança não é um adulto. O estudo de desenhos, em especial de desenhos infantis, tem sido objeto de investigações sobre a construção da identidade da mesma no espaço em que está inserida, quer seja na família, na escola, na rua ou na cidade.

Para Malho (2006), as experiências sociais que as crianças têm, ou possam ter, estão dependentes dos seus "contextos de vida", bem como dos ritmos da vida doméstica, da coletividade e na sua vida escolar. As ações e interações permanentes, onde a emoção desempenha o papel mais decisivo para a organização dos vários sistemas de comunicação, permitem à criança experiências de vida que as levam a descobrir e a desenvolver os seus próprios processos adaptativos, as suas competências para a integração social dinâmica.

Nesse contexto, segundo Topalov (1999), inicia-se a relação material e intelectual com o espaço (com o meio, e bem assim com os recursos) e as decorrentes maneiras de viver. A visão que têm da cidade, sendo esta entendida como o habitat natural do homem civilizado, depende, naturalmente, das suas idéias e opiniões sobre as coisas,

sobremaneira do que lhes é permitido viver na cidade.

A criança será, pois, um explorador nato do espaço, já que este se constitui como o local de suas brincadeiras, seja no quintal da casa, no playground do edifício, na praça, na rua ou nas quadras da escola. E com a liberdade e o despojamento que a criança tem, ela se torna um agente muito interessante para uma leitura e/ou releitura da cidade.

Para Piaget (1976), a origem do conhecimento está na ação do sujeito quando este interage com o objeto e como o objeto depende das estruturas mentais que ele, sujeito, possui num determinado momento. Ele considera que "o desenho é uma representação, isto é, ele supõe a construção de uma imagem bem distinta da percepção". Já Luquet (1979), seguidor das teorias construtivistas de Piaget, entende que a criança, ao desenhar um determinado tema ou objeto, inspira-se não no modelo objetivo que tem diante dos olhos, e sim na imagem que tem em seu espírito, no momento em que desenha, ou seja, no modelo interno.

Assim, a percepção pode ser considerada como um grande auxílio para que os desenhos traduzam o espaço da maneira mais real, ou seja, a realidade vivenciada.

Bolis (2000), nos seus estudos sobre o espaço urbano na ótica infantil, diz que a percepção é entendida como um processo interativo do indivíduo com o meio am-

biente, em que se adquire conhecimento, através dos sentidos. Segundo Di Leo (1991), o conceito de percepção, no sentido mais amplo, é caracterizado por um processo de cognição, em que os procedimentos mentais se realizam mediante o interesse ou a necessidade de estruturar a nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado. Em concordância a esse conceito, temos que o estudo da representação gráfica infantil está baseado na sua percepção, associado à apropriação e compreensão de seu mundo imediato. *"Desenhar é um assunto muito pessoal. Cada desenho é o reflexo da personalidade do indivíduo que o criou"*. (Di LEO, 1991)

Na pesquisa, as formas de expressão utilizadas nas oficinas foram os desenhos, sem imposição de qualquer técnica, e as redações, sem restrições à caligrafia ou modo de tratamento, para que as idéias pudessem fluir sem constrangimento. Como o objetivo principal era captar a maneira como as crianças vivenciam a cidade, os temas desenvolvidos foram: moradia, o bairro, caminhos realizados no dia-a-dia, centro, sem nenhuma influência do pesquisador.

Saímos com as crianças pelo bairro e depois na cidade, utilizando máquinas fotográficas, por meio das quais eles registravam as imagens de maior representação para seu olhar. Ferrara (2000) enfatiza que através da

²LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.



imagem urbana é possível perseguir caminhos que nos permitem entender a fase de um processo de transformação urbana, suas características e, sobretudo, o papel que desempenha na teia dos significados urbanos.

A Cidade de Campos dos Goytacazes

O Município de Campos dos Goytacazes tem sua história vinculada à pecuária e à agroindústria sucro-alcooleira, se destacando também pela pujança de suas atividades comerciais. Até os anos 70 do século XX era conhecida como cidade do açúcar.

Desde os tempos de vila³, a área central da cidade sempre foi valorizada, primeiramente por ser o núcleo original, com sua praça central, onde se localizavam os principais elementos urbanos, tais como: a Igreja Matriz; a Casa de Câmara e Cadeia e o Pelourinho; em seguida somam-se os solares dos “barões do açúcar” e o comércio sofisticado; e mais tarde (no final do século XIX) chegam os inúmeros investimentos do poder público em embelezamento e infra-estrutura, buscando urbanizar e modernizar a cidade (FARIA 2001, POHLMANN, 2004). Tudo isso contribui significativamente para o reforço de sua centralidade (FARIA, 2005).

Com o crescimento urbano, favorecido pela indústria açucareira, diversificação

das atividades urbanas e dinamização do comércio, a cidade se expandiu em todas as direções, mas as áreas situadas a oeste foram valorizadas pela presença de algumas construções de prestígio datadas do final do século XIX, como a Beneficência Portuguesa, Liceu de Humanidades de Campos.

Por outro lado, a população menos favorecida é deixada à margem deste processo de modernização, vivendo em condições precárias, em zonas mais distantes da cidade, aonde ainda existiam pântanos e alagadiços e os serviços de infra-estrutura ainda não haviam chegado. Os primeiros bairros periféricos começam a surgir, após 1930, tais como Turf Club, Saco e Matadouro.

No bojo da modernização da cidade que se quer, instala-se o início da segregação sócio-espacial, já que a apropriação dos melhores terrenos se dará por parte da burguesia industrial e caberá ao segmento de baixa renda a terra mais distante da área central, levando-os, inclusive, a ocupar ambientes físicos, considerados “áreas de riscos”, como: beira de rio, regiões alagadiças, beira de rodovias e de linhas férreas, acarretando o aparecimento de um “habitat” em locais denominados favelas.

A partir dos anos 70 do século passado, a cidade passa a ser representada pela força do petróleo, ganhando inclusive uma nova representação “Campos doce como o açúcar, forte como o petróleo”, desde então a

cidade inicia um processo de verticalização e expansão urbana gerando uma nova configuração espacial.

A partir de 1980, assiste-se a expansão urbana orientada do centro em direção à periferia com tendência à fragmentação. Neste sentido, a verticalização das áreas centrais mais valorizadas, a implantação de loteamentos de alta renda e a construção de condomínios horizontais fechados para camadas de alta e média renda em áreas periféricas próximas a bairros comumente habitados por camadas populares e favelas, confere outro caráter à configuração sócio-espacial da cidade de Campos: a proximidade espacial entre ricos e pobres sem, no entanto, não abreviar a distância social entre mesmos (CARVALHO, 2004).

A partir de 2003, os dados mostram que a Bacia de Campos é a maior produtora de gás natural (46% das reservas) e de petróleo (83,5% das reservas) do Brasil, apesar desses índices a cidade não apresenta uma distribuição de renda proporcional para todos os habitantes, encontramos uma parte considerável de pessoas vivendo em condições precárias.

De acordo com o processo de crescimento da cidade, o centro se tornou pequeno para sua expansão, então certas atividades foram ocupando outras áreas, numa espécie de desdobramento da área central, muitas vezes substituindo edificações que antes

serviam como habitação. Este processo iniciou-se em Campos a partir da segunda metade da década de 80 e as atividades e alguns serviços começaram a aparecer na Avenida Pelinca e seu entorno, transformando num ponto de concentração de comércio, lazer, serviços e condomínios verticais de luxo.

Atualmente o centro de Campos, o seu “centro histórico”, está degradado, desordenado e é freqüentado apenas durante os dias de semana e deixou de ser o local de passeio e de lazer da burguesia, que passou a freqüentar a Pelinca.

Contudo, o centro continua sendo a área mais importante da cidade, pois se destaca como o lugar de melhor acessibilidade em relação ao conjunto da cidade; como lugar de concentração do poder, seja político ou religioso. Isso acaba se refletindo em um simbolismo através das características dos seus prédios principais.

O Matadouro: lugar da Escola e de moradia das crianças

O bairro, favela e/ou comunidade Matadouro é uma ocupação ribeirinha, à margem direita do Rio Paraíba do Sul. A origem do nome vem do fato de que em 1872, instalou-se neste local o Matadouro Público Municipal, bem afastado da área central, como

³A vila de São Salvador dos Campos dos Goytacazes foi fundada em 1677 e elevada à categoria de cidade em 1835, passando a chamar-se Campos dos Goytacazes.



definiam as normas de higiene. Devido ao crescente desenvolvimento das atividades do Matadouro, este local passou a atrair novos moradores, surgindo um bairro dotado de linhas de bonde, tanto de cargas como de passageiros, interligando a região com o centro da cidade.

A grande crise do bairro iniciou-se nos primeiros anos da década de 1970, após o Matadouro Público ter sido desativado, intensificando a degradação do bairro. Este passou a ganhar a denominação de favela. O termo favela é de difícil conceituação, recebendo diferentes denominações e definições de acordo com a realidade sócio-econômica e cultural do país, região ou cidade onde está inserida. Por outro lado, está eivado de preconceitos é substituído, na maioria das vezes, por comunidade, bairro, vila. Porém o termo favela é o que expressa mais claramente à condição de uma aglomeração excluída dos direitos e das condições satisfatórias de sobrevivência humana.

Escolhemos a comunidade do Matadouro como local para o desenvolvimento da pesquisa pelo fato da mesma localizar-se próxima à UENF, facilitando a troca entre saberes científicos gerados pela Universidade e saberes locais, além de reforçar a integração universidade com a comunidade.

A comunidade do Matadouro é considerada, como várias outras em nossa cidade,

área periférica do ponto de vista sócio-espacial, identificando-se, tradicionalmente, como área marginal, ocupada por um grupo social de baixa renda e que foi aproximada, de forma superficial, de uma rede de bens, serviços e ações públicas, estas típicas de espaços mais centrais, sem deles usufruir (CARVALHO, 2004). Consideramos que existe para além da segregação em seu sentido concreto, físico, geométrico a segregação no campo das representações que constroem e determinam as condutas e atitudes no terreno de estudo.

Atualmente, o Matadouro possui em torno de 700 habitantes, tem escola, posto saúde e recentemente passou por obras de infra-estrutura recebendo galerias pluviais, calçamento, passeios públicos e recebeu um conjunto habitacional vertical popular.

A Cidade no Olhar das Crianças

Através dos desenhos e fotos, elaborados pelos alunos, vimos que a cidade de Campos é representada como um amontoado de prédios, pontes, ruas, becos e avenidas, barulhenta, poluída, violenta, que possui um vai-e-vem de pessoas, congestionamentos, etc.

A imagem da cidade é de um lugar ao mesmo tempo bonito e perigoso. Constatamos que eles não vão ao centro da cidade sem

estarem acompanhados por um adulto, apesar da distância entre o Matadouro e a área central ser relativamente pequena. Aonde vão ao comércio popular para consumir, principalmente roupas e sapatos, ou para se divertir assistindo aos shows populares, bem como passear simplesmente no final de semana, ou para prática religiosa. Muitas dessas crianças fazem parte da Igreja Universal, cuja sede principal se localiza no centro da cidade.

Com isso podemos afirmar que para as crianças do Matadouro, a centralidade de Campos é o antigo centro.

Percebemos, também, que na maioria das vezes, o espaço importante para estas crianças é o Matadouro, onde moram. Para eles ali estão seguros, pois todos se conhecem e o entorno é o suficiente para atender seus anseios. Os desenhos nos mostram a valorização do local: ali estão seus amiguinhos, a rua para brincar, o rio para tomar banho em dias de muito calor, a escola com as atividades culturais, resgatando as práticas populares, como a Mana Chica e o Fado português.

Para as crianças, favela é **“um local que a qualquer momento pode acontecer um tiroteio, ou mesmo uma guerra. Ninguém é amigo de ninguém, ninguém confia em ninguém”**. Elas consideram o Matadouro uma comunidade por ser **“um lugar mais calmo, você confia nas pessoas, não tem tiroteio”**⁴

A Escola

A Escola Municipal Francisco de Assis, se situa na “comunidade” do Matadouro. A representação da Escola na vida das crianças do Matadouro é muito presente, pois é no ambiente escolar que os alunos aprendem a se valorizar, bem como divulgam o trabalho, isto é, a aprendizagem ultrapassando os portões e muros escolares. No relato de Beatriz (10 anos) do 4º ano do ensino fundamental demonstra de forma bem clara a representação escolar, quando diz que:

“Entrei na escola no início deste ano, não conhecia ninguém, hoje a escola faz uma grande diferença na minha vida”.

Pensamos em De Certo quando este afirma que “o espaço é um lugar praticado” e que um lugar é uma ordem “segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”, para as crianças do Matadouro, o espaço escolar é exatamente o local onde eles aprendem a ser cidadãos e praticam cidadania, *“a escola é um lugar bom, aprendo a ler e a escrever, a ter educação e a respeitar as pessoas”* – Wallas (10 anos – 4º ano).

Valorizam o espaço físico da escola, quando relatam o espaço escolar como o belo, moderno perante o espaço em que está inserida e traçam uma comparação com o prédio antes da reforma, dizendo que:

⁴Trecho da redação de Milena, aluna do 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Francisco de Assis, Matadouro.



“Antes ela era simples, só tinha cinco salas, um refeitório pequeno, mas agora ela é grande, moderna tem piso nos corredores e nas salas de aula, os banheiros são grandes, o refeitório é bonito e grande, dá para todos”

Thiago (10-anos-5º ano)

A Rua: Andando pela Rua Vejo...

Ao caminharmos com as crianças em algumas áreas do bairro do Matadouro, notamos o quanto os alunos sentiam-se importantes por poder nos apresentar o seu espaço e como eles o ocupam.

A rua é um espaço de socialização e não significa apenas um lugar de circulação, de passagem, mas é nela que brincam: soltam pipa, jogam bola de gude, pelada, pique esconde, andam de bicicleta. Já a Avenida Alberto Lamego (principal via do bairro Parque Califórnia, vizinho à comunidade do Matadouro) é temida pelas crianças, pois é considerada perigosa pelos riscos de atropelamento.

Os varais de roupas aparecem em quase todos os desenhos. São presenças muito fortes no cotidiano daquele local. Mesmo com as intervenções urbanas acontecidas neste espaço, os varais continuam nas ruas, calçadas e em terrenos vazios. São nos varais que os moradores tecem suas relações de vizinhança, cada varal tem um dono e ninguém usa o varal do outro, como também

as roupas estendidas ali permanecem até terminar o processo de secagem.

Percebemos ainda, que os pontos de referência são os estabelecimentos comerciais ou as casas dos moradores mais conhecidos como Bar do Renê, casa da Dona Belinha, a quitanda da Silvia, Oficina do André.

Ao possibilitarmos o uso de máquina fotográfica, tivemos uma grata surpresa, de ver que apesar de todas as dificuldades vividas, possuem a sensibilidade de fotografar paisagens no mínimo intrigantes que despertam curiosidade e múltiplas interpretações dos pesquisadores: a rua, os varais, os becos, a casa de dona Belinha, o rio sujo, os “fundos” da UENF com mato, sujeira.

A Casa

Em primeiro lugar não existem cidades sem ruas e casas. Segundo MÈRDIEU (2006) entre todos os temas possíveis, a CASA é onde nós podemos aprender de que modo à criança vive o espaço. É o primeiro espaço explorado, é o local em que se desenvolvem as primeiras relações sociais, com a família. Além de ser um espaço considerado seguro. MÈRDIEU (2006) afirma que a criança projeta na casa suas angústias, a imagem deste espaço é visto por ela com a extensão do seu corpo e das sensações viscerais.

A representação da casa é tão vital para

o universo infantil que a criança pouco sabe sobre problemática urbana, mas segundo VOGEL (1995) sabem que casa e família são sinônimos, pois conceituam a casa como um conjunto de pessoas que moram nela, o desenho e o texto de Douglas (10 anos – 4º ano ensino fundamental) nos relata o conjunto de significados e representação tem a casa, bem como a relação da casa com a família.

“Minha casa eu adoro ela. Eu não quero mudar. A casa é muito importante para nós, muita gente não tem casa..... Eu gosto de morar com minha mãe, meu pai e minha irmã. Nossa casa tem seis cômodos, ela é de tijolo”.

(Douglas, 10 anos, 4º ano do ensino fundamental EMFA).

Mas em outro desenho, Luana (11 anos – 5º do ensino fundamental) demonstra que sabe dos preconceitos que têm a favela e por isto ressalta que sua casa é de tijolo, tem banheiro, quintal com plantas e seu próprio varal de roupas.

A redação e o desenho que a menina Laleska de 13 anos, do 5º ano e o título que deu ao mesmo - “era uma vez uma casa” - nos chamou muita atenção, pois a representação de sua casa partida ao meio demonstrou toda a angústia que estava passando, devido à crise familiar.

Paulo representa a sua casa muito semelhante a uma manjedoura (cobertura de palha, uma estrela), mas com um fogão à

lenha, com panelas, e com a chaminé fumegando, os pais e irmãos, demonstrando que para ele a casa é o lugar sagrado, onde se alimenta, têm a presença, o aconchego e a proteção da família.

Conclusão

Em primeiro lugar é preciso dizer que a investigação que realizamos é de caráter exploratório, refere-se às nossas inquietações sobre uma questão simples mais premente, que é “PENSAR A CIDADE” a partir das experiências daqueles que nela vivem. Escolhemos a criança, por considerar que ela é um explorador nato do espaço, e com a liberdade e o despojamento que tem, a criança se torna um agente muito interessante para uma leitura e/ou releitura da cidade. Além da idéia de fazer com que os alunos percebam que fazem parte do espaço urbano em que estão inseridos e que são agentes sociais, podendo agir como elementos modificadores da realidade.

O instrumento utilizado foi o desenho, a redação e a fotografia, sendo que os mais utilizados foram os desenhos. Os estudos sobre o desenho, de um modo geral, favorecem investigações sobre o desenvolvimento infantil no que se refere à inteligência, à cognição, à motricidade e à afetividade. Mas também nos auxilia na identificação



de aspectos sociais e culturais do meio ambiente das crianças, por este segundo motivo, na pesquisa optamos pelo desenho como instrumento para apreender o conhecimento dela sobre a cidade e ao mesmo tempo levando-a se identificar com o sujeito urbano.

Além de que vários estudos constataram que as atividades gráficas, como o desenho, podem reproduzir signos que indiquem conhecimentos, interesses valores, dificuldades, ou seja, através do desenho as crianças têm expressado sua subjetividade sobre o mundo em que vive.

O resultado do material que foi coletado nos revelou uma rica fonte de dados sobre a cidade e como ela é representada, vivida, pois foi possível verificar como esses alunos percebem o espaço urbano, suas relações com os limites físicos, áreas de domínio, noções de territorialidade e percepção do meio em que residem. Sendo que não podemos esquecer que a cidade revelada e a relações com o espaço estão muito ligadas às interações dos alunos com o ambiente (espacial, social, temporal e cultural), ou seja, as suas experiências vividas, que levamos em consideração, a fim de obter o seu conhecimento real.

A pesquisa revelou que o centro da cidade considerado como uma área degradada que vem perdendo seu valor simbólico e de principal local das atividades comerciais,

serviços e de poder, para uma nova área considerada mais nobre que é a Pelinca, para as crianças da EMFA, situada no Matadouro, este centro é a principal referência de centralidade da cidade de Campos.

Esperamos que ao revelarmos e valorizarmos o olhar, as representações das crianças sobre a cidade de Campos dos Goytacazes, nas nossas investigações sobre a história de Campos, possamos contribuir para com os estudos que se dedicam à história cultural urbana.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BOLIS FILHO, H. *A percepção urbana na ótica infantil* www.cori.unicamp.br/jornadas/completos/UFSM.
- BOURDIEU, P. *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard, 1982.
- CARVALHO, M. B. *Proximidade espacial e distanciamento social: determinantes da segregação sócio-espacial - a percepção entre segregados e auto segregados*. Um estudo da favela do Matadouro seu entorno. Dissertação de Mestrado, CCH/UENF, 2004.
- CHARTIER, R. *A História entre as práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CORSARO, W. *The Sociology of Childhood*. California: Pine Forge Press, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994,

DI LEO, Joseph H. *A interpretação do desenho infantil*. 3ª ed. Trad. Marlene Neves Strey. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

FERRARA, Lucrécia – *Os Significados Urbanos*. São Paulo: Editora Da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LUQUET, G. H. *O desenho na infância*. Trad. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Livraria Civilização, 1979.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MALHO, M. J. *A criança e a cidade*: Independência de mobilidade e representações sobre o espaço urbano. Anais do V Congresso Português de Sociologia. Sociedade Contemporânea: reflexividade e ação. Porto, 2006.

MÈREDIEU, F. *O Desenho Infantil* – São Paulo: Culytrix, 2006.

PESAVENTO, S J. *Muito além do Espaço*: por uma História Cultural do Urbano, www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/178.pdf, 1995.

PIAGET, J. *A representação do espaço na criança*. Porto Alegre, 1993.

RAMA, A. *A cidades das letras*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

RONCAYOLO, M. *La ville et ses territoires*. Paris: Gallimard, 1990.

TOPALOV, C. *Da questão social aos problemas urbanos*: os reformadores e a população das metrópoles em princípios do século XX. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1999.

VOGEL, A., LEITÃO, G. A. *Como as crianças vêm a cidade*, Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, 1995.



RELATOS DE EXPERIÊNCIA

EXPERIENCE REPORT



Introdução à Vida Acadêmica

Introduction to Academic Life

Eloiza Dias Neves*

* Doutora em Educação professora
adjunta da Universidade Federal
Fluminense
edneves@id.uff.br

RESUMO

Introdução à Vida Acadêmica é uma ação de extensão que tem oferecido um espaço de formação de estudantes universitários e professores de todos os níveis de ensino, no que se refere à pesquisa e ao ensino. Diante da expansão da UFF-Campos, o projeto, anual e em sua quarta edição, é composto de um curso, um grupo de estudo, minicursos e palestras, que busca melhorar o desempenho dos estudantes/professores nas atividades acadêmicas. O projeto é especialmente pensado para a formação de pessoas não somente para se inserirem no mercado de trabalho, mas, principalmente, capazes de lidar com as regras acadêmicas e, posteriormente, produzir conhecimento. O projeto é amplo, vinculado a atividades de ensino e pesquisa, e consiste numa densa formação acadêmica. Mais de cem alunos e professores da graduação e pós-graduação dele se beneficiaram.

Palavras-chave: Formação acadêmica; Saberes acadêmicos; Sujeito leitor; Pesquisador.

ABSTRACT

Introduction to Academic Life is an extension action which has been offering a space of formation to university students and teachers in relation to research and teaching for the past four years. In the face of the greater access to higher education and expansion of Universidade Federal Fluminense Campos dos Goytacazes (RJ, Brazil), this action, an annual project, in his fourth edition, is made of weekly studies, courses and crash courses, speeches, that aims to improve the knowledge of the participants in academic activities. The project is especially made up to the training of people not only prepared to the work market, but also able to deal with academic rules e, eventually, to produce knowledge. It's a broad project, linked to teaching and research activities, and it consists of a dense academic formation. More than a hundred graduated and post graduate students have already taken its benefits.

Keyword: Academic training; Academic knowledge; Reading subject. Researcher.

Introdução e contexto

A educação no Brasil continua vivendo um momento paradoxal e contraditório neste início de século XXI. Por um lado, verifica-se a enorme expansão do sistema educacional, acompanhada do discurso oficial apresentando a educação como a grande responsável pelas possibilidades de integração ao mundo globalizado e à sociedade do conhecimento¹. Por outro lado, persistem os altos índices de analfabetismo, evasão, repetência e desigualdades de reais oportunidades educacionais.

É fato, entretanto, que a conjuntura atual é diferente em alguns aspectos das décadas anteriores, visto que houve uma recuperação parcial do Estado em sua face social e uma ampliação intensa de políticas e programas dirigidos à grande massa. Isso apesar de também se considerar uma continuidade de um projeto desenvolvimentista com foco no consumo, num processo de modernização e de capitalismo dependente (FRIGOTTO, 2011)².

Neste sentido, algumas pesquisas indicam que a escola, considerada o local privilegiado e formal para o ato educativo nos últimos três séculos, é uma instituição que passa por um sério problema de falta de legitimidade e de sentido na atualidade (DUBET, 2002; CANÁRIO, 2005; CHARLOT, 2009).

No que se refere à educação superior, é notória a exclusão da maioria dos estudantes do sistema, visto que na faixa etária entre 18 e 24 anos apenas 9% dos jovens brasileiros frequentam a universidade. Assim mesmo, há que se considerar que, em que pese o fato de que o número de vagas federais tenha dobrado de 2003 a 2010, 89,4% das instituições de ensino superior pertencem ao setor privado (são 245 instituições públicas de educação superior e 2.069 particulares) e detêm cerca de 70% do total das matrículas (BRASIL, 2014a).

De acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE) em vigor, 40% das matrículas ativas de terceiro grau deveriam ser ofertadas por instituições públicas no ano de 2011. E o PNE 2011-2020 pretende elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos (BRASIL, 2014b). O que parece dizer que pelo menos na retórica o acesso mantém-se. Uma constatação final é que a considerável ampliação deste acesso não tem sido acompanhada de políticas públicas voltadas para a permanência dos estudantes no sistema educacional de ensino público como um todo.

A Universidade Federal Fluminense participa desse processo de expansão, de acordo com a política do MEC de expansão universitária. Desta maneira, a partir do segundo semestre de 2009, em Campos dos

Goytacazes, passaram a funcionar os cursos de graduação em Geografia (licenciatura e bacharelado), Ciências Econômicas (bacharelado) e Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado), com as primeiras turmas ingressando no primeiro semestre de 2010. Em 2011, tiveram início os cursos de História (licenciatura e bacharelado) e Psicologia (bacharelado). Em relação às vagas e aos turnos, foram propostas 190 vagas anuais, sendo que os cursos com titulação exclusiva de bacharelado funcionarão no turno diurno, e os que envolvem licenciaturas, no turno da noite, de modo que possam assegurar também a inclusão de alunos que exerçam o magistério na rede municipal e estadual de ensino, assim como os demais alunos trabalhadores. O número de estudantes universitários cresceu exponencialmente, portanto.

E quem são esses estudantes que ingressam na UFF-Campos? Uma pesquisa de pós-doutorado (NEVES, 2012) buscou conhecer alguns elementos dos processos de construção do “eu epistêmico” (CHARLOT, 2009), que pudessem nos ajudar a compreender o exercício do ofício de estudantes universitários, quer seja, suas relações com a universidade e com o saber universitário. “(...) é o eu do conhecimento (da Razão, diria a Filosofia clássica; do saber científico, diria Vigotski), o eu sujeito (universal) de um conhecimento que objetiva os seus objetos

e se distancia do contexto e da experiência cotidiana” (CHARLOT, 2012). Este eu “(...) não é dado; ele é construído e conquistado, (...) inscreve sua atividade em uma abordagem de verdade, de objetividade, de universalidade” (CHARLOT, 2005, p.44). Charlot traz, ainda, a ideia de um “eu empírico”, que se relaciona “(...) à experiência e a questões como as do bem e do mal, do permitido e do proibido (...)” (idem, ibidem).

Vale adiantar que pesquisas desse autor com jovens dos meios populares franceses mostraram dificuldades de se distinguir o “eu epistêmico” do “eu empírico”. Tal dado foi entendido como um conflito entre formas heterogêneas de se aprender, conflito este expresso na oposição “aprender na escola” e “aprender na vida”, um problema central a ser enfrentado na escola (CHARLOT, 2005).

Os resultados aqui mostram que a população pesquisada pode ser distinguida em pelo menos dois grupos, seja no perfil socioeconômico e cultural e no percurso escolar, sejam nas relações com o saber. Um grupo de estudantes concebe o ofício discente como uma conquista social, mas outro grupo menor vive a afiliação à universidade num processo unificado e simples, porque herdado das famílias.

Ainda de acordo com a pesquisa, os novos estudantes dessa universidade são em sua maioria proveniente das classes populares e, de algum modo, criaram as “táticas dos

¹A chamada “sociedade do conhecimento” demanda o domínio de habilidades de caráter cognitivo, científico e tecnológico, altos níveis de competência, além do desenvolvimento da capacidade de interação em grupos e da criatividade.

²O autor usa a lógica de Florestan Fernandes, para quem a classe dominante brasileira, a “minoría prepotente”, associa-se ao grande capital internacional, com a manutenção de grandes massas (a “maioría desvalida”) na miséria, em que pese o alívio da pobreza empreendido, com um precário acesso de parte da classe trabalhadora a bens de consumo. Este fato tem sido associado ao nascimento de uma “nova classe média brasileira”, ideia contra a qual se opõem diversos cientistas sociais brasileiros, dentre os quais destaque Souza (2010), em sua obra *Batalhadores Brasileiros*.



dominados”. Vale lembrar que a noção de “tática” é definida como procedimentos dos fracos, dos destituídos de poder, que, sem “base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas”, operam no espaço do outro, aproveitando ocasiões propícias. (CERTEAU, 1994, pp. 93-94). Em outras palavras, os alunos conseguiram contornar obstáculos e subverter a ordem dominante a seu proveito, no caso, para chegarem ao ensino superior. O autor citado os denomina “figurantes”:

Esse herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público.

(CERTEAU, 1994, p.55)

Esses “figurantes” são o foco do trabalho aqui relatado, cuja melhora na qualificação acadêmica é considerada uma condição básica para que se possam consolidar as novas áreas de estudo planejadas para a expansão da universidade e uma possível melhora nas condições educacionais da população do noroeste fluminense. Não será esta uma boa maneira de se buscar romper com o histórico processo “restrito,

autoritário e excludente”, criado pelas elites agropecuárias e agroindustriais locais, de apropriação e uso dos recursos existentes no território do Norte Fluminense, processo este que tem respondido pelos mecanismos de produção e reprodução das desigualdades, da pobreza e da exclusão sociais da região (CRUZ, 2003)? O trabalho docente nos últimos quatorze anos, com ensino universitário (no âmbito público, privado, presencial ou a distância, com alunos portadores de necessidades especiais ou não, na graduação e na pós-graduação) e fazendo pesquisas em escolas públicas do ensino básico, revela um problema comum: a falta de intimidade da maioria dos estudantes e de muitos professores com a leitura em geral, e, mais especificadamente, com o texto acadêmico, a leitura em língua estrangeira e com a pesquisa científica.

Associa-se a esta realidade mais dados da pesquisa anteriormente referida, quer seja, para os estudantes pesquisados, os saberes universitários constituem-se em continuidades de aprendizagens relacionais e afetivas, e ligadas ao desenvolvimento pessoal. Deste modo, aprender é envolver formas de ser e de estar que ajudem na compreensão da existência, no posicionamento diante das pessoas e da vida e na busca pela realização de objetivos. Para alguns estudantes, os saberes acadêmicos compreendem saberes novos, que são ora simplesmente citados,

ora explicitados e discriminados (NEVES, 2012).

Por tudo isso, o ofício discente desses estudantes universitários deve ser pensado levando-se em consideração os processos acadêmicos e intelectuais, sem que se esqueçam os processos empíricos das relações com o saber. Para uma formação assim demandada, o objetivo geral da ação de extensão foi pensada no sentido de melhorar a formação acadêmica dos estudantes universitários em geral, da graduação ou da pós-graduação, provenientes da própria UFF e de outras universidades da região.

Para que ocorresse uma efetiva melhora no desempenho acadêmico dos estudantes, os seguintes objetivos específicos foram pensados:

- 1) Estimular a reflexão crítica e o pensamento complexo;
- 2) Favorecer o desenvolvimento de uma postura interdisciplinar e a autonomia dos participantes;
- 3) Dar subsídios metodológicos e teóricos, incluindo aspectos históricos, econômicos, ecológicos, políticos, filosóficos, éticos, pedagógicos, culturais e psicológicos, para uma compreensão integrada da vida acadêmica e profissional;
- 4) Fornecer informação acerca de elaboração e desenvolvimento de projetos de pesquisa;
- 5) Estimular o trabalho coletivo, buscando-

-se incentivar a inclusão dos diferentes aspectos da vida social e cultural na busca de uma postura científica.

Referencial teórico-metodológico

Introdução à Vida Acadêmica fundamenta-se em referencial teórico-metodológico amplo, orgânico e articulado. Tem como uma ideia básica a que “A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos, ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1995, p.25).

Nesta lógica, o ofício de estudante vem sendo pensado em sua dimensão biográfica e contextual. Isso significa discutir as ocorrências principais, semelhanças e especificidades das identidades dos estudantes, levando em conta a força das histórias de vida e, mais especificadamente, a força do contexto de estudo acadêmico nas relações construídas com o saber.

Por isso, a base metodológica da ação é o desenvolvimento de uma postura interdisciplinar (FAZENDA, 1994) e científica. A dificuldade da pronúncia da palavra interdisciplinaridade já sugere o desafio da vivência real dessa atitude. Interdiscipli-



naridade pressupõe diálogo, claramente definido desta forma por Paulo Freire (1979): ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se resente, imediatamente, a outra (p. 91). Esta ação e reflexão significam a possibilidade de construção de novos saberes, novas técnicas e conhecimentos.

Desta forma, busca-se apreender a realidade complexa com o desenvolvimento do pensamento complexo, mas sempre se valorizando o conhecimento singular, subjetivo e pessoal, em constante relação com o outro. Em outros termos, juntamente com o estímulo ao desenvolvimento da postura interdisciplinar, o pensamento complexo (como proposto por Enrique Leff, em seu livro *Epistemologia Ambiental* e por Morin em suas diversas obras) tem sido estimulado, assim como o favorecimento à formação e fortalecimento de valores relacionados à ética da sustentabilidade.

Em outras palavras, busca-se levar os participantes a perceberem-se sujeitos de sua própria ação, revelando aspectos de si mesmos e de seu trabalho acadêmico até então desconhecidos. Semanalmente, vem sendo oferecido o curso “Introdução à Linguagem Acadêmica” e um grupo de estudos. No ano de 2013 foi oferecido também um curso de inglês instrumental.

Deste modo, em cada atividade do

projeto, há momentos de fundamentação teórico-metodológica (em ensino-aprendizagem e pesquisa, entre outros) e momentos de diagnóstico (em sentido amplo), pautados em cursos, encontros semanais para estudo, palestras, mesas-redondas, nos quais acontecem atividades como leitura, análise, interpretação e produção de textos, debates, dinâmicas de grupo e vivências, oficinas, vídeos, etc.

Vale lembrar que todas as atividades são pensadas no tripé acadêmico ensino-pesquisa-extensão, uma vez que a ação objetiva formar pessoas para a vida acadêmica, na qual integram-se as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Resultados

As principais atividades atuais da ação de extensão *Introdução à Vida Acadêmica* são um grupo de estudo e pesquisa em Educação, um curso sobre a linguagem acadêmica e um curso de inglês instrumental, abaixo descritos:

Grupo de estudo e pesquisa em Educação

O grupo de estudo e de pesquisa iniciou suas atividades em 2010 e já contou com a

participação de mais de vinte estudantes dos vários cursos de graduação e da colaboração, por dois anos consecutivos, de uma professora voluntária, mestre em Educação. Acontecem reuniões semanais de estudo e de pesquisa, quando as seguintes atividades são desenvolvidas: revisão de literatura sobre o ofício discente e o ensino superior (com leitura de textos, produção e apresentação de resumos); elaboração, análise e interpretação dos dados de questionários e sua compilação; elaboração de resumos e apresentação em reuniões científicas.

Uma primeira pesquisa, denominada *Os Estudantes da UFF-Campos: quem são e suas relações com o saber*, terminou em 2012. Ela foi realizada entre agosto de 2011 a dezembro de 2012 e seu objetivo geral foi o de mapear quem são os estudantes da UFF-Campos dos cursos de Serviço Social, Geografia, Ciências Econômicas e Ciências Sociais e os modos como se relacionam com o saber e com a universidade. O estudo dialogou com alguns autores das ciências da educação e, mais especificadamente, com a teoria da relação com o saber de Bernard Charlot, que atuou com supervisor da pesquisa. Nela, foi estabelecido um perfil socioeconômico e cultural dos estudantes; um mapa da trajetória escolar; e as relações construídas com a Universidade e com os saberes. Dois instrumentos foram usados para colher tais dados: um questionário aplicado

a estudantes de todos os cursos e relatos individuais acerca das relações estabelecidas com o saber. Foram respondidos duzentos e trinta e um questionários e trezentos e treze inventários foram confeccionados. Parte de seus resultados já foi apresentada neste relato (NEVES, 2012).

Desde janeiro de 2013, está sendo realizada a pesquisa *As Relações com o Saber Acadêmico de Estudantes Universitários*, uma continuação com aprofundamento desse estudo anterior, que quer conhecer quem são os estudantes universitários da unidade (incluindo os estudantes dos novos cursos de História e Psicologia); os modos que realizam a “afiliação” (COULON, 2008); as relações que estabelecem com o saber acadêmico, mais especificadamente.

Ainda sobre o assunto, vale trazer que a entrada na universidade é um momento novo no percurso escolar, que marca a necessidade de aprendizagem de um ofício inédito, o de estudante universitário. Aprender esse ofício significa afiliar-se à universidade, afiliação esta que se dá num plano tanto institucional como intelectual (COULON, 2008).

As reuniões de estudo e de pesquisa são semanais.



Curso Introdução à Linguagem Acadêmica

Se ao ler ou escutar não (te) acontece nada, quicá tenhas aprendido algo que antes não sabias, mas a leitura ou a escrita não terão constituído experiência e, portanto, não terão nada a ver com formação.

(Jorge Larossa)

O excerto acima fala sobre a importância da experiência pessoal com a leitura e a escrita. Ainda que o texto acadêmico tenha pelo menos uma especificidade, a saber, trazer como mensagem uma investigação científica (o que significa rigor de descrição, preocupação com a clareza, perspectiva crítica), a arte do bem redigir é desenvolvida a partir do contato direto do leitor não somente com textos acadêmicos, mas também com textos literários durante toda a vida.

A base conceitual do trabalho é a teoria crítica da cultura e da modernidade, especialmente os trabalhos de Walter Benjamin (1985) e de Vygotsky (1998). Para Benjamin, há uma diferença entre vivência (reação finita e momentânea) e *experiência vivida* (ação que é pensada e narrada, e que, por isso, se torna infinita, podendo ir além do tempo vivido), sendo que esta está cada vez mais difícil de existir na vida do humano moderno. Penso que talvez daí advenha parte da dificuldade de os estudantes escreverem. Para Vygotsky (1998), a leitura e a escrita,

como linguagem que são, constituem a consciência.

Frente a isso, buscando recuperar a experiência vivida, o curso discute a leitura, compreensão, interpretação e análise de textos acadêmicos a partir do resgate da consciência do sujeito leitor. Ainda, além de apresentar os diversos estilos de texto, faz-se uma minuciosa análise e descrição de múltiplos textos acadêmicos.

A metodologia básica do curso tem dois vieses, um de caráter público e coletivo e outro numa perspectiva mais particular e individual. Isso porque se acredita, com Dauster et al. (2010), que há uma leitura/escrita “pessoal” e uma leitura/escrita “acadêmica” e que uma completa a outra.

O primeiro viés consiste na leitura e discussão de textos, de livros, artigos científicos e outros, quando se faz uma análise dos estilos, elementos constitutivos, forma estética etc. Neste caso, é dada ênfase aos aspectos gramaticais e formais de um texto. O estudo é realizado de modo individual, em pares ou grupos, na sala de aula e em casa. Os conteúdos teóricos trabalhados são os seguintes: expressão oral e escrita e sua construção; registros de linguagem; tipos e modalidades de textos; a produção de textos acadêmicos. E, para efeito de introdução desses conteúdos, alguns autores têm sido pesquisados, como Freire (1982), Fávero (1991), Garcia (2010), Gnerre (1997),

Proust (2001), Severino (2000), Serres (2013), Bachelard (entre outros).

Concomitantemente, uma vez que se acredita que a “importância do ato de ler” (FREIRE, 1982) dá-se principalmente porque ela é uma atividade constituinte de identidades, como já tratava Benjamim (1985), são construídas narrativas pessoais sobre a história de leitura de cada estudante. Para Benjamim, a narrativa como espaço do diálogo e da memorização tem papel na constituição do ser humano, enraizado na coletividade. E esta narrativa pode trazer o resgate da experiência, como nos lembra Jorge Larossa. Trata-se do segundo viés do trabalho.

No que se refere à avaliação, esta é entendida como um processo permanente, integral e sistemático da aprendizagem, na perspectiva de orientação, organização e motivação, incluindo também um processo de auto-avaliação formativa. Ela tem sido processual e feita tanto pelos participantes como pela professora. Os seguintes itens são avaliados: participação pessoal, participação do grupo, conteúdo trabalhado, atividades docentes. Com base nesta avaliação dos estudantes e na vivência em sala, as atividades e a metodologia são revistos e mudados, quando necessário. Uma avaliação de conteúdo, de caráter individual, também está prevista.

Em resumo, tendo em mente que a leitura

e a escrita são práticas sociais e inseridas na experiência de cada ser humano, a atividade de extensão constitui-se em um curso que está oferecendo aos estudantes universitários atividades múltiplas e variadas em leitura, compreensão, interpretação, análise e escrita de textos, com foco no desenvolvimento de uma familiaridade com o estilo acadêmico e na consciência do sujeito leitor.

As aulas são semanais, num total de 60 horas. Até agora, o curso contemplou as seguintes leituras:

BACHELARD, Gaston. A Formação do Espírito Científico: contribuição para uma Psicanálise do Conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. Disponível em: <http://br.geocities.com/mcrost02/index.htm>

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler. São Paulo: Cortez, 1982.

GARCIA, Pedro B. Literatura e Identidade: tecendo narrativas em rodas de leitura. In: DAUSTER, T e FERREIRA, L. Por que Ler? Rio de Janeiro: FAPERJ, Lamparina, 2010, pp. 67-88.

GNERRE, Maurizio. Linguagem, Escrita e Poder. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.



KONDER, Leandro. *A Questão da Ideologia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.

LOPES, A.R.C. *Conhecimento Escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, capítulo 7.

PROUST, Marcel. *Sobre a Leitura*. Campinas: Pontes, 2001.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2013.

SEVERINO, A.J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

Curso de inglês instrumental

O já referido aumento do número de estudantes e das atividades de ensino e pesquisa na UFF-Campos e uma consequente demanda por leituras de textos em outras línguas, especialmente a inglesa, foram os motivos da ação, ação esta que iniciou uma oferta do ensino de língua inglesa, uma demanda dos estudantes da unidade, visto que 59% deles afirmam ter um conhecimento fraco ou nenhum conhecimento da língua inglesa (NEVES, 2012).

O curso durou um ano e ofereceu as ferramentas para a compreensão da língua inglesa escrita, a fim de que esses conheci-

mentos pudessem ser usados como instrumento de inclusão acadêmica e profissional. Assim, o objetivo geral foi o de desenvolver as competências e habilidades para o reconhecimento da língua inglesa, preparando o estudante para traduzir e compreender textos acadêmicos. Para isso, pensou-se nos seguintes objetivos específicos:

- 1) Oferecer ao aluno oportunidades para o (re) conhecimento (d)os mecanismos de compreensão e o vocabulário técnico estudados durante as aulas;
- 2) Levar o aluno a entender e traduzir textos acadêmicos das ciências humanas e sociais;
- 3) Despertar no aluno a noção da necessidade de aprofundar constantemente seus conhecimentos da língua inglesa, com o objetivo de promover seu desenvolvimento profissional e acadêmico.

A metodologia empregada foram aulas semanais, em que havia leitura de textos técnicos de gêneros diversos; exercícios de compreensão: skimming e scanning; identificação de cognatos; identificação de clues. Os estudantes aprendiam a pesquisar em dicionários e a estender suas pesquisas para além da sala de aula. A descoberta de um material pedagógico de primeira, adotado pelo governo federal no Programa Nacional do Livro Didático, muito auxiliou no desenvolvimento das aulas: SANTOS, D. **Take Over**. São Paulo: Lafonte, 2010, vol 2 e 3. Entretanto, apesar da insistência da coordenação do

curso junto ao MEC na sessão de exemplares para os estudantes universitários, não foi possível a aquisição do material, sob a alegação de que eram destinados apenas aos alunos do ensino básico (o que nos fez perguntar por que esses mesmos estudantes ainda não eram habilitados a pelo menos lerem em inglês!).

Palavras finais

As ações constituintes da vida universitária (o ensino, a pesquisa e a extensão) estão ligadas no projeto aqui relatado, numa espécie de círculo virtuoso, que tem em comum o público beneficiado. Através da pesquisa, os seres humanos podem avançar na busca da produção/aquisição de conhecimento, conhecimento este que circula na universidade via processo de ensino-aprendizagem. E não se pode conceber tal processo sem que os conteúdos sejam compreendidos, o que pode ser facilitado com uma maior intimidade com a linguagem acadêmica.

O trabalho tem mostrado que esse público que frequenta a universidade é novo, heterogêneo e portador de novas relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Esses estudantes conseguiram “equilibrar-se sobre a corda bamba” se lembramos da frase de Cristovam Buarque (BUARQUE,

2011), para quem “A infância, a adolescência e a juventude no Brasil caminham sobre uma corda bamba, da qual milhões vão caindo pelo caminho antes mesmo de chegarem à idade adulta”.

Essa heterogeneidade parece ser grande e provavelmente irreversível, o que se constitui num desafio institucional, pedagógico e científico relevante para os professores, os funcionários e os estudantes.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*, vol. I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL INEP Censo da Educação Superior. Disponível em http://www.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/resumo_tecnico2009.pdf. Acesso em set. 2014, 2014a.

BRASIL Plano Nacional de Educação. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>. Acesso em set 2014, 2014b.

BUARQUE, Cristovam. *Corda Bamba*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jun. 2011. Primeiro Caderno, p.7.

CANÁRIO, Rui. *O que é a Escola?* Um “olhar” sociológico. Porto: Porto editora, 2005.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação de professores e globalização*: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.



..... As novas relações com o saber na universidade contemporânea. In: NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (dir) *Ensino Superior, Educação Escolar e Práticas Educativas Extra-Escolares*. São Cristóvão: Editora Universidade Federal de Sergipe, 2006, p. 11-31.

..... *A Relação Com o Saber nos Meios Populares*: uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio. Porto: Livpsic, 2009.

..... *Publicação eletrônica* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <edneves@id.uff.br> em 12 agosto 2012, 2012.

COULON, A. *A Condição de Estudante*: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUBRA, 2008.

CRUZ, J. L. V. *Projetos Nacionais, Elites Locais e Regionalismo* - desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense. 2003. 338p. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Rio de Janeiro: IPPUR Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

DAUSTER, Tânia et al. A descoberta de si: representações e práticas de leitura e escrita de universitárias. In: DAUSTER, T e FERREIRA, L. *Por que Ler?* Rio de Janeiro: FAPERJ, Lamparina, 2010, pp. 217-246.

DUBET, François. *Le Declin de L'Institution*. Paris: Éditions de Seuil, 2002.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade*: História, Teoria e Pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

..... *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 1982.

FRIGOTTO, G. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, v.16 n.46, jan./abr 2011, pp. 235-255.

GARCIA, Pedro B. Literatura e Identidade: tecendo narrativas em rodas de leitura. In: DAUSTER, T e FERREIRA, L. *Por que Ler?* Rio de Janeiro: FAPERJ, Lamparina, 2010, pp. 67-88.

LEFF, E. *Saber Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEVES, Eloiza D. *Os Estudantes da UFF-Campos*: quem são e suas relações com o saber. Relatório Técnico (Pós-Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Sergipe. Sergipe, 2012.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, pp.14-33, 1995.

SOUZA, Jessé. *Os Batalhadores Brasileiros*: nova classe média ou nova classe trabalhador?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



A Trajetória Recente dos Catadores de Recicláveis do Lixão da CODIN em Campos dos Goytacazes – a Luta Pelo Reconhecimento do Direito ao Trabalho

The recent trajectory of recyclable CODIN open dump Collectors in Campos dos Goytacazes – fighting for recognition of the right to work

Érica T. Vieira de Almeida *

* Dra. em Serviço Social,
Professora Adjunta do SSC/
UFF Campos.
ericalmeida@uol.com.br

RESUMO

O fechamento dos lixões de norte a sul do país em atendimento à nova Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS, 2010) trouxe à tona um conjunto de debates e questionamentos, dentre eles, a preocupação com o crescimento do volume de resíduos per capita gerado no Brasil e o seu enfrentamento como questão urbana e o não menos importante debate acerca do processo de trabalho dos catadores (de rua e de lixão), principais protagonistas do processo de reaproveitamento e de reciclagem dos resíduos, porém, historicamente submetidos às relações de intensa exploração do trabalho e de subalternidade pela Cadeia da reciclagem. Em Campos, o fechamento do lixão, depois de quase 30 anos de existência, também provocou a reação dos catadores. Sem criticar a nova legislação que obriga o encerramento dos lixões e a sua substituição por aterros sanitários e pela Coleta Seletiva com a participação dos catadores, quase sempre omitida, os catadores questionam o processo de fechamento do lixão sem a apresentação de alternativas de inclusão produtiva. Nesse sentido, este relato pretende refletir sobre o protagonismo dos catadores pelo direito ao trabalho e reconhecimento da sua condição de catador de materiais recicláveis, já reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações, desde 2002

Palavras-chave: Catadores de Materiais Recicláveis; PNRS; Inclusão Produtiva.

ABSTRACT

The closure of open dumps from north to south, in compliance with the new National Policy on Solid Waste (PNRS, 2010), brought to light a series of debates and questions, among them the concern with volume growth of per capita waste generated in Brazil and their coping as a urban issue and the no less important debate about the working process of the collectors (street and dump), the main protagonists of the reuse and recycling of waste process, however, historically subjected to relations of intense labor exploitation and subservience by the recycling chain actors. In Campos, the closing of the open dump, after almost 30 years of existence, also provoked the reaction of collectors. Even though they don't criticize the new legislation requiring the closure of the dumps and its replacement by sanitary landfills and by Selective Collection, with the participation of collectors, almost always omitted, the collectors questioned the process of closing the open dump without filing alternatives for productive inclusion. Accordingly, this report aims to discuss the major role of collectors, through the right to work and recognition of their status as collector of recyclable materials, as recognized by the Brazilian Standings of Occupations, since 2002

Keyword: Collectors of Recyclable Materials; PNRS; Productive Inclusion.

Introdução

O fechamento dos lixões de norte a sul do país em atendimento à nova Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS, 2010), trouxe à tona, nos últimos anos, duas importantes questões, que não por acaso, estão completamente imbricadas: - o crescimento exponencial do volume de resíduos per capita gerado no mundo e no Brasil e, na esteira dele, a crítica à sociedade de consumo sustentada na produção de mercadorias cada vez mais descartáveis e supérfluas e o debate acerca do processo de trabalho dos catadores (de rua e de lixão) e da sua íntima, mas nem sempre publicizada, relação com o circuito da reciclagem.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como finalidade apresentar e discutir o processo de encerramento das atividades do antigo lixão da CODIN, como era conhecido o aterro controlado de Campos dos Goytacazes/RJ, fechado há pouco mais de 2 anos, depois de mais de 25 anos de existência. Na análise, ganham relevância os conflitos desencadeados pelo fechamento da única e/ou principal fonte de trabalho de aproximadamente 500 catadores que viviam da catação de recicláveis e o protagonismo dos mesmos pelo reconhecimento do direito de continuarem participando da cadeia de reciclagem de maneira menos desigual e subordinada.

A concomitância do processo de fechamento do aterro de Campos com o do maior aterro da América Latina – Gramacho – influenciou os catadores da CODIN e sua luta. De um lado, os fez acreditar no fim do lixão e, por sua vez, na impossibilidade de prosseguirem exercendo a atividade de catação da maneira como vinham realizando até então. É preciso lembrar que mesmo depois de anunciado o fechamento do aterro pela Empresa Vital Engenharia (concessionária de limpeza pública e gestora do aterro), chamou nossa atenção a descrença por parte de um número significativo de catadores quanto ao fechamento do lixão. Só mais tarde, após pesquisa nos jornais locais, percebemos que esta descrença estava diretamente ligada à forma como os catadores vivenciaram, desde o início da década de 90, os vários anúncios sobre o fechamento do lixão da CODIN e sua substituição por um aterro sanitário, fato que só ocorreu em junho de 2012.¹

Por outro lado, a cobertura da mídia nacional e no estado do Rio de Janeiro sobre o encerramento de Gramacho e as negociações entre catadores e Poderes Públicos (estadual e municipal), incluindo indenização e inclusão dos catadores na coleta seletiva, funcionou como uma importante referência de negociação para os catadores da CODIN, além de contribuir para dar visibilidade à luta local dos catadores pelo reconheci-

mento do direito de continuarem realizando o seu trabalho na coleta seletiva previsto na nova PNRS, aprovada em 2010.

Entre os aproximadamente 500 catadores que trabalham no lixão e nas “reciclagens”² próximas, o Diagnóstico realizado pela equipe da UFF/Campos³ demonstra que 86% eram mulheres, contra 14% de homens. 33% tinham entre 18 e 29 anos, ou seja, eram jovens, 42% possuíam entre 30 e 49 anos, 18% estavam com idade entre 50 e 59 anos e 7% tinham mais de 60 anos. Apenas 6% se declararam brancos, enquanto 89% reconheceram-se como negros, pardos e mulatos. Quanto ao tempo de trabalho no lixão, 29% tinham mais de 10 até 15 anos de lixão; 22% tinham mais de 5 até 10 anos de lixão; 16% tinham mais de 15 até 20 anos de lixão; 13% tinham mais de 20 até 30 anos de lixão; 13% tinham até 5 anos; 3% tinham mais de 35 anos de lixão e 4% não souberam declarar. 37% responderam que começaram a trabalhar com 10 anos de idade ou menos, 13% entre 11 e 12 anos de idade; 35% com idade entre 13 e 16 anos e 15% com mais de 16 anos.

Este e os demais fatos que serão apresentados no decorrer deste relato nos levam a defender a tese de que a história da construção da Política de Resíduos Sólidos em Campos dos Goytacazes se divide em dois momentos: - antes e depois do fechamento do lixão; este último marcado pelo

protagonismo dos catadores, ou melhor, pela mediação de uma nova representação política dos catadores. Embora o fechamento do lixão constitua um divisor de águas na trajetória dos catadores da CODIN e na sua relação com o Poder Público municipal, foi o protagonismo político dos catadores, um grupo social até então invisível e completamente desprezado pelo Poder Público local como interlocutor na construção da Política de Resíduos Sólidos no município, a grande novidade e o elemento de inflexão na forma de conduzir esta Política Pública. Em outras palavras, o que transforma o fechamento do lixão em “questão social” para os catadores, não foi o drama da perda do trabalho e da renda, mas a consciência política e o reconhecimento da sua identidade de trabalhador/catador. Além disso, o sentimento de injustiça que tomou conta dos catadores foi, sem dúvida, o sentimento responsável pela organização coletiva e participação política dos mesmos na construção de respostas menos injustas e que possam reparar a situação à qual eles foram submetidos.

No entanto, a construção desse novo sujeito político em Campos não pode ser pensada sem levar em consideração dois aspectos fundamentais: - o apoio/parceria da UFF/Campos⁴ e do MNCR/RJ e o contexto nacional pós-aprovação da PNRS (2010). A aprovação da nova PNRS e do Decreto nº 7.404 (2010) que a regulamenta, foram,

²Os Catadores chamavam de “Reciclagens” as dezenas de Unidades de Triagem e prensagem dos resíduos coletados no lixão pertencentes aos compradores/atravessadores da região do entorno da CODIN.

³A pesquisa realizada com os catadores de materiais recicláveis do antigo lixão da CODIN foi realizada no ano de 2013, com a aplicação de um formulário para uma amostra de 111 catadores responsáveis pelo domicílio. Se considerarmos os(as) catadores(as) na condição de cônjuge, a amostra cresce para 163 catadores. Apoio FAPERJ/Edital Prioridade Rio, 2013/2014.

⁴Sob a Coordenação da Professora Érica Almeida, do Departamento de Serviço Social de Campos, a UFF/Campos vem desenvolvendo, nos anos de 2013 e 2014, dois projetos juntos aos Catadores do lixão de Campos: - um de pesquisa intitulado De Catadores de lixo a Catadores de material reciclável – o que muda com a Política de Resíduos Sólidos? um diagnóstico da trajetória de trabalho dos catadores de material reciclável e do seu protagonismo a partir do fechamento do lixão da CODIN em Campos dos Goytacazes/RJ, que conta com o apoio da FAPERJ e, um outro, de Extensão, intitulado Apoio à Organização dos Catadores de Campos, que tem o apoio do PROEXT/MEC.

¹Pesquisa realizada nos jornais locais Folha da Manhã e Monitor Campista, no período de 1983 a 2010, demonstrou que desde o início da década de 90, os governos locais anunciaram, consecutivamente, o fechamento do lixão e sua substituição por um aterro sanitário e Usinas de Triagem para os catadores. As reportagens também indicam os diversos lugares escolhidos para a construção do aterro sanitário. O aterro só começou a funcionar em 2012, quando o lixão foi fechado.



sem dúvida, dois importantes instrumentos de apoio e de incentivo não apenas para a luta dos catadores e de suas organizações, como também para as Instituições (federais, estaduais e municipais) e Organizações Sociais alinhadas com a defesa dos direitos dos catadores, ainda que a sua implementação, em nível local, apresente um conjunto de problemas e desafios, como veremos a seguir.

A notícia do fechamento do lixão da CODIN e sua publicização e a resposta dos Catadores

Como já adiantamos na introdução, as primeiras notícias relativas ao fechamento do aterro da CODIN remetem ao ano de 1996, seis anos depois da sua inauguração e dezesseis anos antes do seu fechamento real, em junho de 2012. Mesmo antes do protagonismo dos catadores diante do seu fechamento abrupto e sem alternativas de inclusão socioeconômica, o lixão da CODIN já era notícia e motivo de questionamentos por parte de outros sujeitos e Instituições.

Logo depois da transferência do 1º Vazadouro Municipal de que se têm notícias, em 1987, para uma área de propriedade privada, nas proximidades do Distrito Industrial da CODIN, o novo Vazadouro já era motivo de

críticas por parte do Conselho de Saúde e da própria FEEMA/RJ em função do despejo do lixo hospitalar, da presença de animais, pelos riscos de contaminação dos catadores, trabalho infantil, além dos problemas ambientais provocados pela contaminação do solo, do lençol freático e das lagoas próximas. Pressionado, o novo governo eleito em 1988, responde com a proposta de criação de uma Usina de Lixo e de incorporação dos catadores como operários da mesma, projeto que nunca se concretizou. A única mudança durante essas duas décadas (90 e 2000) foi a transferência do Vazadouro para uma área de 160mil m² cedida pela Companhia de Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio de Janeiro ao município de Campos, no próprio Distrito Industrial (CODIN/Campos), em 1990.

O novo vazadouro ficava a 600m da zona urbana e tinha capacidade para receber 70 t/dia de resíduos. Segundo notícias dos jornais locais, em 1992, “os catadores aguardavam a chegada dos caminhões de lixo, se misturando aos animais que continuam pastando e se alimentando de lixo” (Jornal Folha da Manhã, 1992), numa clara demonstração de descumprimento das normas de saúde pública. Além disso, o lixo hospitalar continuava sendo despejado junto com o lixo doméstico, provocando riscos ao meio ambiente e à saúde dos catadores.

Até o final da década de 90, os sucessivos

governos anunciaram o fim do lixão da CODIN com a construção de um aterro sanitário e das Usinas de Triagem para a inclusão dos catadores, mas nenhuma foi efetivada. O novo século chegou sem que nenhuma resposta concreta, nem sequer a incineração do lixo hospitalar, causador de inúmeras doenças entre os catadores fosse implementada. A Usina de Tratamento de lixo hospitalar foi inaugurada, apenas, em junho de 2010.

Conhecido como importante produtor de cana-de-açúcar, desde o século XVIII, o município Campos dos Goytacazes, no Norte do estado do RJ, atravessou diversos períodos de crise que o afetaram significativamente, o que é muito comum entre as economias dependentes de monoculturas. Dentre elas, vale destacar as mudanças técnicas no complexo agroindustrial do açúcar iniciadas nos anos 40 e aprofundadas em meados dos anos 70, pelo Pró-álcool. Estas mudanças provocaram um forte movimento migratório para a cidade, reforçado pelas mudanças nas relações de trabalho, pela redução das atividades de colonato e parceria, pela perda da moradia e gradativo predomínio e generalização das relações assalariadas (CRUZ, 1987). O assalariamento nas lavouras de cana-de-açúcar passou a combinar a superexploração da força de trabalho com formas perversas de contratação, seleção e pagamento, numa demonstração inequí-

voca do poder econômico das oligarquias agrárias e dos seus vínculos com o poder político local. Além do caráter sazonal do mercado de trabalho ligado à produção do açúcar do álcool, a generalização da relação assalariada temporária (o ‘bóia-fria’) criou um imenso e desqualificado exército de reserva, acentuando, ainda mais, o processo de favelização na cidade, que reproduz no território da cidade, a mesma lógica que preside a exclusão social, econômica, cultural e política - a lógica da desigualdade e da segregação.

A concorrência com o estado de São Paulo, maior produtor de açúcar e de álcool (derivados da cana) e o processo de reestruturação produtiva no setor fez com que dezenas de Usinas locais entrassem em processo de falência. Embora a grande maioria dos trabalhadores rurais já não residisse mais nas fazendas, o fechamento das Usinas provocou um forte desemprego entre os trabalhadores pauperizados e de menor escolaridade. Estudos referentes às famílias de baixa renda⁵ no início dos anos 90 demonstravam a redução no contingente de trabalhadores rurais, que de uma das três principais ocupações entre os trabalhadores de baixa renda, passou a ocupar a 8ª posição, apresentando uma taxa de apenas 4,1% dos trabalhadores⁶. Ao contrário do que se ouvia dos trabalhadores nos anos 70, 80 e início dos anos 90 - “a gente acaba

⁵Trabalho realizado em 1992 pelo CEPECAM/ Centro de Pesquisa da Cândido Mendes de Campos.

⁶Os dados do FIBGE dos anos 70 e 80 demonstram que o emprego na agropecuária, no município de Campos, chegava a 36,8% e a 30,3%, respectivamente. Em 1983, em plena entressafra, o trabalho na agricultura aproximava-se do trabalho de serventia doméstica e da construção civil em quantidade de pessoas ocupadas; já na safra, o trabalho na agricultura quase que monopolizava o emprego (CRUZ, José Luis V da. *Boletim técnico do SENAC*. Vol. 18. n.º 3, set./ dez. de 1992, p.171), indicando a centralidade dessa ocupação entre os trabalhadores de baixa renda.



caindo no corte de cana”, demonstrando a associação entre o trabalho na cana (sazonal) e as demais atividades (construção civil, faxina e biscate), assinalada por CRUZ (1992), a pesquisa com os beneficiários do Programa Bolsa Família (2012)⁷ nos mostra que o trabalho na lavoura de cana-de-açúcar não só perdeu importância na economia local, mas, também, entre os trabalhadores empobrecidos, sobretudo os mais jovens.

Concomitante a esse processo, o avanço do desemprego e da precarização do trabalho, durante toda a década de 90, pressionou os trabalhadores a buscarem alternativas ao desemprego e à insuficiência de renda. Para Pochmann (2002, 2004), no rastro da crise do capitalismo contemporâneo, além do avanço do desemprego aberto, amplia-se o segmento não-organizado do trabalho, responsável por ocupações precárias e heterogêneas, como é o caso dos catadores de materiais recicláveis organizados ou não em cooperativas e associações. Segundo BOSI (2008), além das mudanças introduzidas no mundo do trabalho a partir dos anos 90, a intensificação do mercado de trabalho dos catadores de recicláveis deve ser associada, também, à demanda apresentada pelas empresas recicladoras, considerando o grau de dependência das mesmas com relação ao trabalho dos catadores, fazendo-se necessário relativizar a idéia da catação como um setor marginal e

os catadores como trabalhadores excluídos do circuito de valorização do capital.

Não podemos nos esquecer de que, no Brasil, é pela mão dos catadores de rua e de lixão (trabalho precarizado e desprotegido) que 90% do material reciclável chega às empresas recicladoras. Isso nos faz compreender melhor as elevadas taxas de lucro deste setor. Até os dias de hoje, é patente a desresponsabilização tanto por parte das empresas quanto do Estado brasileiro, em especial, de estados e municípios, no que diz respeito ao processo de reprodução social do catador; o que tende a se transformar com a implementação da nova PNRS (2010) e do marco jurídico-legal construído recentemente.

Como pudemos observar a combinação entre crescimento do desemprego e do conjunto de trabalhadores precarizados e empobrecidos, formado, principalmente, por mulheres mães-trabalhadoras e chefes de família (arranjos monoparentais femininos), de um lado, e o incremento do negócio da reciclagem com a transformação dos resíduos em mercadorias, do outro, acabou por criar as condições necessárias e favoráveis à entrada de novos trabalhadores no mercado de trabalho da catação para além daqueles tradicionais constituídos pelos catadores mais antigos e seus familiares. Isso ajuda a explicar o crescimento do número de catadores ao final dos anos 90 e início dos anos

2000. Como já apresentamos, em Campos, 53% dos catadores, ou seja, mais da metade, iniciaram a atividade de catação no lixão, no final dos anos 90, início dos anos 2000.⁸

Sem grandes novidades até a entrada da década de 2010, a notícia sobre o fechamento do lixão foi recebida com desconfiança pelos catadores do aterro controlado da CODIN, sob a gestão da Empresa Vital Engenharia Ambiental, concessionária de serviços de limpeza pública, desde o final dos anos 90. Em 2008, a Concessionária realizou um diagnóstico dos catadores, por intermédio de uma equipe técnica que além do diagnóstico realizava reuniões periódicas com os catadores com a intenção de informarem os mesmos acerca do fechamento do aterro e da interdição da atividade de catação e, ainda, de produzirem as informações necessárias ao processo de seleção dos catadores que seriam contratados para trabalharem na Usina de Triagem.

No final do ano de 2010, a equipe técnica contratada pela Empresa concessionária envia ao CMAS- Conselho Municipal de Assistência Social de Campos – um ofício comunicando o mesmo sobre o fechamento do aterro. No mesmo, a equipe formada por uma Assistente Social e uma Pedagoga apresentava um pequeno diagnóstico dos catadores e fazia menção ao desemprego de um número significativo de catadores, considerando que a proposta contida no

Plano de Encerramento do aterro da CODIN por parte da Concessionária – a abertura de uma Usina de Triagem com capacidade para 150/200 t/dia - abarcaria apenas 90 dos 260 catadores registrados pela Empresa.

Segundo o levantamento citado acima (2008) 258 catadores trabalhavam no “lixão”, a maioria mulheres. Para elas, a catação era a principal renda da família, mesmo para aquelas que eram beneficiadas pelos programas de transferência de renda federal ou municipal. Indagados sobre o trabalho de catador, a maioria respondeu exercer tal atividade desde a infância e/ou adolescência, acompanhando os pais. Para outros, a proximidade do lixão favorecia a catação, que desde cedo se transformou em uma estratégia de sobrevivência para a família, sobretudo para aquelas formadas por mães e filhos.

A representação dos catadores sobre o trabalho no lixo confirmava a degradação e a superexploração a que estavam submetidos, embora, a catação fosse reconhecida, também, como aquela que possibilitou a criação dos filhos. Além de se misturarem com o lixo, dos inúmeros acidentes, o calor, o vento e a lama são citados como responsáveis por inúmeras doenças, além, é claro, daquelas relacionadas ao excesso de sol e de peso, como problemas de coluna e hipertensão. A rotina pesada de trabalho começa geralmente às 8h da manhã para

⁸Dados do Diagnóstico realizado pela UFF/Campos em 2013.

⁷A Pesquisa com os beneficiários do Programa Bolsa Família de Campos foi coordenada pela profa. Érica Almeida, da UFF/Campos e teve como amostra 2% das famílias beneficiárias do Programa. As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2011 e 2012.



pegar um bom lugar e aguardar a chegada dos caminhões. Entretanto, eram muitos os que, em função das necessidades, trabalhavam durante todo o dia até de madrugada. Aliás, não são poucos aqueles que passavam toda a semana trabalhando (noite e dia). De acordo com os dados do Diagnóstico da UFF/Campos (2013), 24% trabalhavam na catação todos os dias da semana, incluindo os domingos; 56% trabalhavam de segunda a sábado; 14% de segunda a sexta-feira e 3% de 3 a 4 vezes na semana e 3% não declararam.

Perguntados sobre o material que coletavam 97% responderam que catavam todo o tipo de material reciclável. Sobre a relação com os compradores, enquanto 39% vendiam para o mesmo comprador, 48% vendiam para mais de um comprador, 11% vendiam para quem pagasse mais e 2% não declararam.

Sobre o rendimento, eles reclamavam da redução do valor da “bombona”⁹ em 50% nos últimos 5 anos, considerando o crescimento do volume de recicláveis oferecidos pelos catadores do lixão e de rua, o que por sua vez, deixava os compradores bastante à vontade para impor o preço dos recicláveis. Além disso, reclamavam da concorrência dos lixeiros e da Coleta Seletiva realizada pela Empresa concessionária em parceria com uma ONG, a SACI (Sociedade de Apoio à Criança e ao Idoso)¹⁰ que, segundo eles,

fez diminuir o “lixo bom”, ou seja, aquele que tem maior valor de revenda na comercialização com os atravessadores locais.

Embora a maioria recebesse o Cheque-Cidadão e o Bolsa-Família, programa de transferência de renda municipal e federal, respectivamente, os catadores faziam questão de afirmar que era do lixo que vinha a renda pra sustentar a sua família e que os “vales”, como são chamados, ajudam, mas não são suficientes para as necessidades da família. Como foi observado, a catação constituiu e, ainda, constitui um importante mercado de trabalho para trabalhadores e trabalhadoras, especialmente idosos e mulheres, com baixa ou quase nenhuma escolaridade, ou para aqueles que ficaram desempregados. Mesmo submetidos a situações de extrema degradação e a um processo de superexploração do trabalho, os catadores buscavam os lixões se expondo a todos os tipos de risco¹¹ para evitar aquilo que para eles era mais grave – o desemprego, a criminalidade e a mendicância.

Preocupados com o fim da atividade de catação de recicláveis no lixão e sem uma alternativa concreta de inclusão socioeconômica para todos, os catadores se mobilizaram em torno de três reivindicações: - a sua integração produtiva nos moldes anunciados pela nova PNRS (2010); a proteção social dos catadores idosos e incapazes para o trabalho e a indenização pelos serviços

prestados ao município como catadores de recicláveis.

Mobilização e Protagonismo dos Catadores em Campos

Apoiados inicialmente pelo CMAS - Conselho Municipal de Assistência Social – e pela Universidade Federal Fluminense/ UFF Campos, os catadores deram início ao seu processo de organização com a criação de um Conselho de Representantes de Catadores, eleito em uma Assembléia. Ao Conselho, que contava inicialmente com dez representantes, caberia a tarefa de negociar com os interlocutores da Prefeitura, em especial, o Secretário de Limpeza Pública, e com a Empresa Concessionária, gestora do aterro, em torno de alternativas de inclusão socioeconômica para todos os catadores, considerando que a Usina de Triagem proposta pelo Poder Público municipal como contrapartida comportaria apenas 90 dos 500 catadores que trabalhavam diretamente na “lixeira” e na triagem do resíduo para os pequenos compradores/atravessadores nas imediações do lixão.

Logo depois das primeiras reuniões com os gestores da Política de Limpeza Pública e de outras Secretarias, como a de Família e Assistência Social e de Governo, ficaram evidenciadas as principais divergências: - a

primeira referia-se ao número de catadores do aterro, já que o número levantado pela Empresa e pelos equipamentos de Assistência Social era distinto daquele sugerido pelo Conselho de Representantes dos Catadores. Esse fato obrigou o Conselho a se organizar e a realizar o seu próprio diagnóstico, que era realizado nas Assembléias e, também, pelos catadores no próprio aterro durante as noites e finais de semana. Havia um consenso por parte dos catadores de que a listagem realizada pela Empresa Concessionária não teria cadastrado todos os catadores, em especial, aqueles que não freqüentavam a reunião realizada pela Equipe da Empresa. A segunda divergência evidenciada nas negociações era quanto às alternativas de inclusão socioeconômica dos catadores para além do assalariamento na Usina de Triagem. O Poder Público deixava claro que não tinha a intenção de integrá-los na coleta seletiva que já era realizada pela Concessionária em parceria com uma ONG, como já salientado.

Esse impasse e a intenção do Poder Público de fechar o lixão antes das alternativas de inclusão produtiva, fez com que os catadores e parceiros recorressem ao Ministério Público e Defensoria Pública denunciando a situação e solicitando a observância da nova PNRS. Em março de 2011, um grupo de representantes da sociedade civil e de catadores ingressou com uma Representação no

⁹ Nome dado à sacola com material reciclável vendida para os atravessadores.

¹⁰ A SACI (Sociedade de Apoio à Criança e ao Idoso) foi criada em 1994 pelo empresário Antônio Ferreira e tinha o apoio do Rotary Club de Campos. Inicialmente, a proposta da SACI era a promoção da idéia da coleta seletiva, a partir de um sistema de troca, no qual a população, empresários, comerciantes e os catadores poderiam trocar os recicláveis por tickets no valor de R\$1,00 e R\$5,00. Para o idealista da ONG, esse sistema ajudaria os catadores a deixarem de vender para os atravessadores, já que a ONG pagaria um pouco acima do preço oferecido pelos compradores locais. Os ganhos da ONG eram revertidos para Entidades Sociais de apoio à criança e ao idoso.

¹¹ É comum na literatura especializada, assim como nos relatos dos catadores de Campos, ouvir casos de morte, acidentes e contração de doenças graves como tuberculose e AIDS.



MP e na Defensoria Pública (que mais tarde se transformou em uma Ação Civil Pública –ACP), reinvidicando a implementação integral da PNRS, em especial, das diretrizes que tratam da inclusão socioeconômica dos catadores, presentes no artigo 148, inciso II: “implantar a coleta seletiva com a participação de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis formadas por pessoas físicas de baixa renda”.

Novidade nos meios jurídicos, considerando que a PNRS foi aprovada em agosto de 2010, a judicialização da questão dos catadores não substituiu a ação política dos mesmos, pelo contrário, a constituição da ACP fortaleceu a luta dos catadores pelo direito ao trabalho, além de reconhecer o papel histórico dos catadores como prestadores de serviços ambientais ao município.

Sobre a necessidade de uma nova listagem, ainda que a sua elaboração pelos próprios catadores tenha sido de fundamental importância para se contrapor aos números apresentados pelos interlocutores, o que por sua vez, concedeu maior autonomia ao Conselho nas negociações, ela também gerou muitas críticas e desconfiança por parte daqueles, que por algum motivo, ficaram de fora da mesma. Por inúmeras vezes, o Conselho foi acusado de incorporar pessoas estranhas ao mundo da catação, o que fez com que o mesmo chamasse uma Assem-

bléia para a leitura pública daqueles que faziam parte da listagem. Se, por um lado, esse processo gerou muita desconfiança por parte de um grupo de catadores em relação a algumas lideranças acusadas de receberem vantagens e/ou benefícios para incluírem o nome de algumas pessoas, de outro, ele contribuiu para a discussão e inclusão do grupo de catadores que trabalhava para as “reciclagens”, em sua maioria mulheres. Na verdade, o fato dessas pessoas serem ligadas aos compradores/pequenos atravessadores que compravam diretamente dos catadores na “lixreira” não impediu que os mesmos também fossem considerados catadores pelo Movimento.

Essas críticas e o “tempo lento” das negociações políticas, sobretudo para um grupo ameaçado pela desocupação e perda da renda, acabou reduzindo a participação do Conselho que ficou restrito a apenas cinco catadoras. Até o fechamento do lixão, as negociações pouco avançaram em direção à inclusão socioeconômica dos catadores e à proteção social de um grupo de catadores considerados idosos e incapazes para o trabalho, considerando a idade e/ou os problemas de saúde.

Com o fechamento, em 17 de junho de 2012, de maneira inesperada e em meio às negociações¹², os catadores foram surpreendidos negativamente com o fechamento do aterro por funcionários da Empresa Vital

Engenharia. Neste mesmo dia, realizaram a sua primeira manifestação coletiva nas imediações do aterro, chamando a atenção das autoridades e da comunidade em geral, pela cobertura da mídia local. A reivindicação: - o cumprimento da nova PNRS com a inclusão produtiva de todos os catadores via coleta seletiva com a participação dos catadores, a indenização dos catadores pela prestação de serviços ambientais ao município durante quase 30 anos e a proteção dos idosos e incapazes para o trabalho.

Recebido pelo Governo municipal, o Conselho resiste às propostas assistenciais e insiste na implementação da coleta seletiva com os catadores, além da Usina de Triagem. A ênfase no trabalho era muito bem representada pelos catadores, como: - “Não queremos viver de assistência do governo”. Aliás, essa frase sintetizava a indignação dos catadores diante do ato que retirou deles a sua única fonte de renda. O sentimento de injustiça era claramente demonstrado pelos catadores nas reuniões com as autoridades municipais. Frases como: - “Nós nunca dependemos de governo” ou “Nós sempre nos viramos para sustentar a nossa família”, deixava claro a indignação dos catadores com relação à ação irresponsável do governo local que insistia em justificar o seu ato. Segundo o mesmo, a interdição do aterro pela Empresa concessionária foi fruto das pressões do 3º COMAR (Comando da Aero-

náutica) em resposta às inúmeras denúncias de pilotos com relação à existência de aves naquela área. Curiosamente, ainda que o lixão ficasse próximo do aeroporto local, a pesquisa nos jornais locais durante o período de 1983 a 2010, não encontrou nenhuma matéria relativa à questão dos urubus. O que se sabe é que com os novos investimentos na região, em especial no município vizinho de São João da Barra, com o super-porto do Açú, o movimento do aeroporto aumentou e com isso as demandas em torno de sua ampliação.

Pressionados pelos catadores diante da não abertura da Usina de Triagem (que permanece fechada até hoje), Empresa e Poder Público substituem a oferta de trabalho na Usina pelo trabalho como varredores na Empresa concessionária, que inicia a contratação dos catadores, especialmente, das lideranças do Conselho, uma eficiente estratégia de cooptação e de enfraquecimento do movimento. Além das vagas na varrição, os catadores negociam o pagamento de seis parcelas no valor de um salário-mínimo aos catadores que não foram absorvidos pela empresa, num total de 435 catadores. Esse, sem dúvida, foi o momento mais difícil do movimento. A não abertura da Usina de Triagem e a inclusão dos catadores como varredores, pressionava o movimento a reagir e a continuar lutando pela coleta seletiva e a inclusão dos demais. Mas, como continuar li-

¹²Na véspera, o Conselho teve uma reunião com os representantes do Governo Municipal e não foram comunicados sobre o fechamento.



derando esse movimento na atual condição de trabalhadores da Empresa? Como conciliar esses dois lugares e identidades e, mais, como resistir às pressões e propostas de conciliação? Não foram poucas as tentativas de intimidação e de cooptação, sobretudo, depois que as lideranças do movimento, mesmo empregadas, decidiram continuar representando o conjunto dos catadores.

Sabemos que num país onde a cidadania não se realizou concretamente para todos, de maneira igualitária, ou seja, ainda não se tornou uma mediação universal na relação entre o Estado e trabalhadores, as velhas práticas clientelistas e de compadrio ainda resistem como moeda de troca e, mais, como acesso a Políticas, Programas e benefícios públicos. Nesse sentido, a decisão das lideranças de dar continuidade às manifestações públicas e passeatas, participação em esferas públicas locais como os Conselhos de Assistência Social, as Conferências Municipais de Assistência Social e de Meio Ambiente e, também, a Câmara Municipal, espaços, quase sempre, fechados à participação popular e aos interesses dos “de baixo” causava incômodo na gestão municipal que, não por acaso, substituiu o Secretário de Limpeza Pública.

A estratégia de continuar dando visibilidade à questão dos catadores através das manifestações públicas e articulações com os demais movimentos sociais e de classe



Figura 01: Manifestação dos Catadores de Recicláveis da CODIN na Praça São Salvador em Campos dos Goytacazes, em janeiro de 2013

foi acompanhada pela criação da RECICLAR CAMPOS (Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Campos dos Goytacazes/RJ), em março de 2013, forçando uma nova rodada de negociação com o governo local e desenvolvendo uma agenda de compromissos que incluía, principalmente, a implementação da coleta seletiva com a participação dos catadores, por intermédio da RECICLARCAMPOS.

Cabe salientar que durante os anos de 2011 e 2012 foram várias as tentativas voltadas para a formação de uma Associação de Catadores. Motivados pelos representantes do MNCR/RJ e das Universidades (UFF e UENF), sobretudo pós- PNRS, os catadores se mobilizaram duas vezes em torno de uma Associação, mas nas duas vezes, suas

lideranças foram “pressionadas” no sentido de desistirem dessa experiência. Aliás, além do medo de assumir um empreendimento solidário, havia, também, um consenso contra as experiências associativas, reforçado pelos atravessadores que não queriam perder a sua mal remunerada força de trabalho. Além disso, não podemos nos esquecer de que embora esses trabalhadores tenham construído uma experiência de troca e de solidariedade no lixão, a falta e/ou baixíssima escolaridade, a ausência de uma cultura política associativista na região (cabe lembrar que a região é dominada pela exploração da monocultura da cana, uma atividade qualificada pela superexploração do trabalho, pela precarização e pela subalternidade) e a falta de uma Política Pública local de apoio a essas experiências solidárias não motivava os catadores a assumirem essa nova empreitada, muito pelo contrário.

Em Campos, a Coleta Seletiva com a participação dos catadores nunca figurou como alternativa de integração do catador, pelo menos até fevereiro de 2014, quando é assinado o Termo de Cooperação Técnica entre Prefeitura e a RECICLARCAMPOS.¹³

Não é por acaso, que a bandeira dos catadores de Campos foi a inclusão dos catadores do lixão da CODIN na Coleta Seletiva local. Implementada no ano de 1997, a Coleta Seletiva municipal não incluía o catador; ao contrário, realizada pela Empresa Vital



Figura 02: Cerimônia de Assinatura do Termo de Cooperação Técnica entre a Prefeitura Municipal e a Associação RECILCAR CAMPOS, em fevereiro de 2014

Engenharia Ambiental, concessionária de serviços de limpeza pública, como já citado, os resíduos da Coleta Seletiva, estimada em torno de 90 t/mês, são doada à SACI (Sociedade de Apoio à Criança e ao Idoso), pro intermédio de um Convênio assinado entre a Prefeitura Municipal de Campos e o Rotary Club/SACI¹⁴, o que demonstra um completo descompasso da gestão local dos resíduos sólidos com relação aos avanços conquistados na área com a PNRS e outras legislações federais e estaduais. Mais recentemente, segundo informações da própria Secretaria de Limpeza Pública, esses resíduos são comercializados para um comprador local e os recursos oriundos da comercialização são revertidos em 100 cestas básicas/mês,

¹³A assinatura do Termo de Compromisso de Cooperação Técnica entre a Prefeitura e a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Campos (RECICLAR CAMPOS), foi assinado em solenidade pública no auditório da Prefeitura Municipal pela Prefeita de Campos e a Presidente da Reciclar, em fevereiro de 2014. Nele a Prefeitura se compromete com a construção e cessão de um galpão, a cessão dos equipamentos necessários para a triagem e prensagem do resíduo e a cessão de 90t/mês de resíduos provenientes da Coleta Seletiva Municipal realizada atualmente pela Empresa Concessionária.

¹⁴Ver nota de rodapé nº10.

além de remédios doados para Entidades Filantrópicas locais. Mesmo depois do fechamento do lixão, a inclusão dos catadores na Coleta Seletiva não foi proposta pela Prefeitura local. Ao contrário, as negociações em torno da Coleta Seletiva com a participação dos catadores são fruto da ação política dos mesmos e sua articulação com o MNCR/RJ (Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis/ Coordenação do RJ) com o apoio das Universidades, em especial, da UFF/Campos.

O recente protagonismo dos catadores bem como a sua organização e representação políticas forçando uma agenda pública na qual ele figurasse como prioridade, constitui um novo modo de fazer política pública no município, abrindo novas possibilidades de interlocução entre governo e sociedade, sobretudo, quando se trata de grupos subalternos até então marginalizados e estigmatizados. Para Telles,

é preciso reativar o sentido político inscrito nos direitos sociais. Sentido político ancorado na temporalidade própria dos conflitos pelos quais as diferenças de classe, de gênero, etnia, raça ou origem se metamorfoseiam nas figuras políticas da alteridade – sujeitos que se fazem ver e reconhecer nos direitos reivindicados, se pronunciam sobre o justo e o injusto e, nesses termos, reelaboram suas condições de existência como questões pertinentes à vida em sociedade. (1996,p.4)

Como já salientamos, não se pode pensar o protagonismo dos catadores de Campos sem considerar a existência política do MNCR, interlocutor responsável pelas diversas conquistas nacionais no campo do reconhecimento político do catador, e do arcabouço legal – institucional existente (Lei Federal 12.305 de 2010, o Decreto Federal nº 7.404 de 2010 e o Decreto Federal nº 5.940 de 2006). Aliás, esta nova institucionalidade, que não pode ser pensada sem a participação política do MNCR, tem sido fundamental para o avanço da organização política e econômica dos catadores e como uma forma de buscar uma maior autonomia destes na cadeia da reciclagem. Até esse protagonismo, possibilitado pela construção de uma mediação política legítima, processo difícil e complexo e, em construção, os catadores nunca foram representados, ou seja, “os outros” (jornalistas, políticos, partidos, pesquisadores, dentre outros) que, até então, falaram sobre esta temática, falaram sobre os catadores e não pelos catadores. Não podemos nos esquecer de que esse movimento só foi possível graças ao contexto de luta do MNCR e das conquistas jurídico-político-institucionais impulsionadas pela PNRS (2010) e seus desdobramentos, processos extremamente importantes para o avanço do movimento local, ainda que estejamos só no começo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Érica. Relatório Preliminar da Pesquisa realizada com os catadores do lixão da CODIN em Campos dos Goytacazes/RJ, 2013.

_____.Relatório de Pesquisa com os beneficiários do Programa Bolsa Família do município de Campos dos Goytacazes/RJ, 2012.

BOSI, A. *A organização capitalista do trabalho informal* - o caso dos catadores de recicláveis. RBCS, vol.23, nº 67. jun., 2008. pp.66-191.

CRUZ, J. L. Vianna da. *Mercado de Trabalho e exclusão em Campos/RJ*. Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v,18, n.3, p.159-178. set./dez. 1992.

_____. Análise do perfil ocupacional da população de baixa renda de Campos/RJ. In: et al. *Acumulação e pobreza em Campos*. Edições PUBLIPUR/UFRJ, 1987.

Presidência da República Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. *LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010*. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>

POCHMANN, Márcio. *Economia Solidária no Brasil: possibilidades e limites*. Cadernos IPEA. Mercado de Trabalho. 2004. pp.23-34.

_____. (org.).Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade. Novos caminhos para a inclusão social. Cortez:São Paulo, 2002.

TELLES, V DA S. *Direitos sociais: afinal do que se trata?* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.



Título Revista de Extensão UENF
Projeto Gráfico, Capa e Diagramação Diego Melo Gomes
Editoração Eletrônica Diego Melo Gomes e Tadeu André Peixoto da Silva

Formato 220 X 220 cm
Fontes Família Tipográfica Asap
Número de páginas 124

A Revista de Extensão da UENF, com periodicidade quadrimestral, tem como objetivo divulgar resultados de ações extensionistas (artigos científicos e relatos de experiências), de forma a provocar um maior interesse das entidades públicas e privadas no exercício da formulação de políticas públicas, embasadas em conhecimento científico e dirigidas para o desenvolvimento regional.

